

‘MIL ROCHAS E TAL...!’: INVENTÁRIO DOS SÍTIOS DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA

Mário Reis¹

RESUMO:

Desde a sua descoberta, e a partir da sua divulgação pública em finais de 1994, a arte rupestre do vale do Côa não tem cessado de aumentar os seus números, que se traduzem neste momento em mais de 70 sítios, com uma quantidade de rochas historiadas que ultrapassa já o milhar de registos. Paralelamente, também a diversidade destes sítios e registos se tem incrementado notavelmente. Neste texto apresenta-se uma descrição de cada um dos sítios da arte do Côa, salientando-se as suas características topográficas, o historial da evolução das descobertas e o estado actual da prospecção, a quantidade e a cronologia dos registos inventariados, e as suas características sumárias, salientando as principais rochas e motivos.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Vale do Côa; Prospecção.

ABSTRACT:

Since its discovery, and from its public announcement in late 1994, the rock art of the Côa valley has not ceased to increase its numbers, which are reflected at this point in more than 70 sites, with a quantity of engraved rocks that now exceeds one thousand records. In parallel, the diversity of these sites and records has also increased remarkably. This paper presents a description of each site of the Côa rock art, pointing out its topographical features, the history of the evolution of the discoveries and the current state of archaeological survey, the quantity and chronology of the known records and their characteristics, highlighting the main rocks and motifs.

Keywords: Rock-art; Côa Valley; Archaeological Survey.

1. INTRODUÇÃO.

Este texto surge como sequência lógica de um outro, apresentado nas actas do V Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Reis, M., 2011). Realizamos aí o último ponto da situação sobre a prospecção e inventário da arte rupestre do Côa, dentro e nas imediações da área do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), tomando como limite temporal o mês de Maio de 2009, altura em que o congresso teve lugar. Para além de uma quantificação dos resultados da prospecção então disponíveis, aproveitamos para fazer uma série de reflexões sobre variados aspectos da arte do Côa, e o artigo ganhou uma dimensão bastante grande, consideravelmente superior ao que inicialmente tínhamos em mente.

Dessa forma, não foi então possível publicar o que era para nós uma parte essencial desse ponto da situação, uma descrição individual de todos os sítios conhecidos, e que apresentamos agora aqui.

¹ Arqueólogo, Parque Arqueológico do Vale do Côa

Por outro lado, tendo em conta a grande quantidade de sítios, decidimos também dividir este texto em duas partes distintas, estando previsto publicar a segunda no número seguinte da revista *PORTVGALIA*. Para isso, aproveitamos o facto da chamada arte do Côa se distribuir segundo dois eixos principais: os rios Côa e Douro. Nesta primeira parte apresentamos os sítios distribuídos ao longo do Côa, o principal² e mais longo destes eixos, e o que apresenta maior quantidade de sítios.

Tendo como referência aquela comunicação de Maio de 2009, não iremos manter os números de então. De facto, desde 2009 até à redacção final deste texto muitas novas descobertas ocorreram na região, em novos sítios e em novos registos³. Assim, incluiremos todos os novos sítios descobertos, e actualizaremos a informação sobre os restantes. Na segunda parte do texto apresentaremos um novo e global ponto da situação.

2. METODOLOGIA DA PROSPECÇÃO DE ARTE RUPESTRE.

Os dados que apresentamos em seguida resultam de um longo trabalho de prospecção e inventariação que tem vindo a ser efectuado desde que se descobriram os primeiros vestígios de arte rupestre na região. Já anteriormente publicámos de forma sumária o historial da prospecção da arte do Côa e a metodologia utilizada (Baptista, A. M. & Reis, M., 2008: 65-66; 2009: 146-154; Reis, M., 2011). Em relação à evolução dos achados, remetemos os interessados para os textos referidos, e dizemos apenas que desde 2005 nos tocou continuar e aprofundar um árduo trabalho prévio de prospecção feito por outros investigadores, sistematizando a informação existente e prosseguindo com o frutuoso trabalho de descobrir novos vestígios rupestres, com o frequente contributo de outros investigadores no Parque Arqueológico e, por vezes, de pessoas externas ao Parque.

Faremos, no entanto, uma breve resenha da metodologia de prospecção que tem sido utilizada. Resumidamente, pode-se dizer que a prospecção orientada para a arte rupestre passa por duas fases: primeiro, uma prospecção de âmbito territorial, que procura determinar as características da distribuição da arte rupestre e os seus limites, identificando e delimitando os diferentes sítios rupestres; em seguida, uma vez identificados os sítios, a prospecção procura intensificar o conhecimento em cada sítio, tendo como objectivo último a inventariação de todos os vestígios rupestres existentes.

Para definir um novo sítio de arte rupestre basta descobrir um só registo historiado, com gravuras e/ou pinturas, independentemente de se tratar de uma rocha, placa, estela ou pedra solta. A definição dos limites desse novo sítio procura seguir critérios lógicos e topográficos, tendo em conta a realidade no terreno e o confronto com outros sítios na vizinhança. Na região da arte do Côa, grande parte dos sítios conhecidos encontra-se sobre os rios principais, o Côa e o Douro, sendo geralmente definidos ou como encostas sobre os rios ou como os vales de linhas de água afluentes desses rios⁴. Não existe propriamente um método estabelecido para procurar novos sítios, é uma busca que depende grandemente do conhecimento do terreno, e o ponto de partida é simples: onde há afloramentos rochosos pode haver arte rupestre, e é preciso ir ver *in loco* se esta ocorre ou não.

Embora longe de terminada, esta prospecção territorial encontra-se avançada e, como veremos, há algumas áreas onde está completa, ou quase, nomeadamente no troço final do Côa (entre a foz e a Canada do Inferno), ou na margem esquerda do Douro, entre a aldeia do Pocinho e a foz da Ribeira de Aguiar.

² A distinção entre os dois eixos é sobretudo quantitativa e não tanto qualitativa, pois ambos têm numerosos sítios, que *grosso modo* se equivalem na tipologia e na qualidade científica e patrimonial. Ainda assim, apontaríamos uma ligeira “vantagem” ao conjunto do Côa sobre o do Douro, que se traduz numa maior diversidade no tipo de sítios e de registos, com o quase exclusivo das pinturas pré-históricas e das gravuras paleolíticas em picotado ou abrasão da fase mais antiga. Diga-se, no entanto, que a prospecção no Douro é mais prejudicada pela subida das águas causada pela barragem do Pocinho.

³ Usamos a expressão “registo” para designar qualquer tipo de suporte pétreo historiado e inventariado no conjunto da arte do Côa. A esmagadora maioria destes registos são “rochas”, ou seja, afloramentos rochosos *in situ* com gravuras e/ou pinturas, mas existem algumas excepções (placas, pedras soltas ou estelas) que justificam a não generalização da expressão “rocha” (cf. Reis, M., 2011: 16-18).

⁴ Ver Reis, M., 2011: 62-65, para uma caracterização tipológica dos sítios da arte do Côa. Se os sítios ao longo dos eixos principais são, em regra, fáceis de definir e delimitar, já aqueles em áreas planálticas ou em torno de achados isolados costumam ser de definição menos intuitiva, e os seus limites são frequentemente arbitrários.

Temos procurado delimitar cartograficamente as áreas prospectadas, recorrendo a GPS, e definindo dois tipos de prospecção distintos. Em primeiro lugar, aquilo que designamos por “prospecção geral”, e que consiste numa vistoria com alguma profundidade de uma determinada área, permitindo caracterizar a zona e saber, com uma pequena margem de erro, se nesta poderá ou não existir arte rupestre. Caso se detectem gravuras ou pinturas, estas são inventariadas e a zona fica marcada como merecendo uma nova e mais aprofundada prospecção. Se nada for descoberto, a área fica cartograficamente assinalada como sendo vazia, o que é igualmente importante, não só para o planeamento futuro de trabalhos de prospecção como também para o estudo da distribuição territorial da arte rupestre, sendo nesse caso igualmente importante tomar nota das características dos afloramentos rochosos observados, e se são ou não adequados para a existência de gravuras ou pinturas.

Uma vez definido um sítio rupestre, pode-se então planear o que chamamos “prospecção sistemática”, a qual tem por objectivo a descoberta de “todos” os vestígios rupestres existentes dentro da área que é prospectada. A única forma de atingir este objectivo é observar, uma a uma, todas as superfícies rochosas existentes aptas para serem historiadas dentro da área de terreno seleccionada. A prospecção sistemática precisa assim de ser metódica e cuidadosa, implicando uma batida do terreno ordenada e sequencial, sempre com cuidado para não esquecer e deixar para trás determinadas superfícies. Implica geralmente a escolha prévia aproximada dos limites da área a prospectar, que serão assinalados com GPS para serem cartografados. Os limites podem ser inconspícuos no terreno, se necessário, mas é preferível corresponderem a realidades visíveis e demarcáveis, como caminhos, muros, linhas de água, estruturas ou mesmo rochas inventariadas. Nesta região da arte do Côa, de geologia sobretudo xistosa, a prospecção sistemática normalmente é feita de cima para baixo nas encostas, em linhas tendencialmente paralelas, ao longo das curvas de nível naturais, ou seguindo plataformas naturais ou artificiais, como os socacos, tão frequentes na região, tendo sempre atenção para ver se de uma plataforma para outra não ficam no meio superfícies rochosas de difícil detecção. As áreas prospectadas terão uma dimensão dependente da dificuldade que o terreno oferece e da quantidade de vestígios que se encontram. Nesta região, em que os dois factores (elevada dificuldade e muitos vestígios) frequentemente se associam, as áreas de prospecção sistemática são geralmente pequenas. Como exemplo paradigmático, o sítio da Foz do Côa, o primeiro onde aplicamos este método de prospecção, em 2005 (cf. Baptista, A. M. & Reis, M., 2008). É uma encosta de formato irregular, com comprimento máximo de 850 metros por uma largura aproximada de 350 metros, fazendo uma área total de 367600 m². A prospecção sistemática de toda esta zona exigiu a sua divisão final em 75 áreas mais pequenas, a maior das quais com 26300 m², a menor com apenas 130 m². Naturalmente, nem todos os sítios são tão grandes ou complicados de prospectar como a Foz do Côa. O sítio em frente, a Quinta das Tulhas, necessitou apenas de seis áreas de prospecção sistemática, e um sítio tão importante como a Penascosa foi prospectado em cinco áreas apenas. Por outro lado, a prospecção pode e deve adaptar-se à realidade do terreno, e frequentemente as áreas de prospecção sistemática seguem os grupos de afloramentos no terreno, ignorando as zonas, por vezes grandes, onde não há afloramentos rochosos visíveis. Assim, por exemplo, o sítio do Vale de José Esteves, que, tal como foi definido, tem uma área de 617000 m², está quase totalmente prospectado, faltando apenas pequenos detalhes, mas as nove áreas de prospecção sistemática que efectuamos não só têm algumas descontinuidades entre elas como ocupam apenas 64600 m² em conjunto, pouco mais de 10% da área do sítio.

3. OS SÍTIOS AO LONGO DO CÔA.

Um dos rios importantes da bacia do Douro, o Côa é um afluente da margem esquerda do Douro, correndo tendencialmente de Sul para Norte, com um percurso superior a 140 quilómetros⁵. O complexo de arte rupestre do Côa encontra-se no seu trecho final, assim como na área subsequente do Douro. Pre-

⁵ Sobre a geologia e geografia da região da arte do Côa, recomendamos, entre outras, as seguintes referências: Aubry, T., 2009a, Meireles, J., 1997 ou Ribeiro, M. L. & Silva, A. F., 2000.

sentemente, desde a sua foz até ao último sítio conhecido temos aproximadamente 28 quilómetros em linha recta, que sobem para 34 medindo pelo curso do rio. Este último sítio é a Quinta da Moreirola onde, para além outras gravuras menos importantes, se conhece uma rocha com motivos paleolíticos incisos.

Apresentamos uma descrição sumária dos sítios até ao momento inventariados, com as suas características físicas, a evolução das descobertas e uma vista geral da sua arte rupestre. Dividiremos os sítios dentro de grandes grupos na área considerada, em diferentes troços ao longo do Côa e também nos seus principais afluentes. As referências bibliográficas que apresentamos para cada sítio não são exaustivas. Tentamos mencionar as primeiras referências, os principais inventários e os textos mais específicos ou desenvolvidos sobre o todo ou uma parte de cada um⁶. Referimos desde já, em vez de o fazer sítio a sítio, um conjunto de importantes artigos de três arqueólogos do PAVC, com uma abordagem à fase mais antiga da arte paleolítica do Côa numa perspectiva fenomenológica, e que apresentam com algum detalhe as gravuras de oito sítios, todos localizados no Côa: Penascosa, Quinta da Barca, Ribeira de Piscos, Fariseu, Vale de Figueira, Vale de Videiro, Canada do Inferno e Rego da Vide (Baptista, A. M., Santos, A. T. & Correia, D., 2006, 2008, 2009).

3.1. O percurso final do vale do Côa, entre a foz e a Canada do Inferno.

Esta área, com uma extensão de aproximadamente 3,4 quilómetros⁷, encontra-se completamente prospectada no que toca à inventariação dos seus sítios, ou seja, já não haverá mais sítios por identificar. As excepções poderão estar nas áreas planálticas adjacentes ao vale, como as recentes descobertas dos sítios do Azinhate e Cavalaria atestam. É toda de geologia xistosa, pertencente à Formação da Desejosa⁸. Conhecem-se doze sítios com arte rupestre, dos quais cinco (Foz do Côa, Quinta das Tulhas, Vale do Forno, Moinhos de Cima e Vale de Moinhos) foram já sistematicamente prospectados, na totalidade ou quase. Esta é assim das áreas melhor conhecidas em toda a região da arte do Côa, faltando terminar a prospecção sistemática dos restantes sítios, incluindo alguns tão importantes como a Canada do Inferno. Estes sítios, da forma como são definidos (encostas sobre o Côa, ou linhas de água afluentes do Côa), seguem-se de forma contínua neste troço, sem intervalos, em ambas as margens, embora os da margem esquerda sejam tendencialmente maiores (isto é, com mais registos) e mais importantes que os da margem oposta do Côa. Este troço final, a par do troço seguinte para montante e das zonas adjacentes do Douro, é um excelente exemplo da densa sequência de muitos sítios com muitas gravuras, tão característico da arte do Côa.

3.1.1. Foz do Côa.

O sítio de arte rupestre da Foz do Côa é o que apresenta maior quantidade e densidade de rochas gravadas de toda a arte do Côa, nos três períodos representados: Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Época Histórica. Em termos quantitativos, não tem rival em nenhum outro sítio da região, e não cremos que as prospecções futuras venham alterar esse quadro. Esta sua particularidade poderá ficar a dever-se à conjugação simultânea de dois factores: a imensa quantidade de afloramentos com superfícies graváveis dispersos por uma vasta área, e a sua localização singularmente atractiva no encontro dos dois rios que formam os eixos que marcam e definem a região.

A primeira referência à existência de gravuras vem na sequência dos trabalhos realizados no sítio do Vale da Casa em 1982 quando, numa primeira visita até à área da embocadura do Côa, se descobriram seis rochas com picotados recentes (Baptista, A. M., 1983: 69, Nota 2; ver também Baptista, A. M.,

⁶ A maioria destas referências pode ser consultada e descarregada na página da Internet do Parque Arqueológico e Museu do Côa, www.arte-coa.pt. Também as imagens de muitas das figuras que iremos referir ao longo do texto podem aqui ser visualizadas.

⁷ Estas medidas são feitas ao longo do leito dos rios e linhas de água, e não em linha recta.

⁸ A variabilidade dos xistos na região foi determinada recorrendo a Ribeiro, M. L. & Silva, A. F., 2000. Para uma análise da distribuição dos sítios rupestres em função da geologia, ver Reis, M., 2011: 56-62.

1999: 184, 186; Baptista, A. M. & Reis, M., 2008: 75). No Relatório de 1997 (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215), há alguma confusão na inventariação deste sítio, referindo-se as seis rochas mas cartografando-se em conjunto com as rochas já conhecidas na margem oposta, no sítio que mais tarde foi inventariado separadamente como Quinta das Tulhas, o que ocorre provavelmente pela inventariação pouco clara feita em 1995 por Nelson Rebanda (1995a: 3; 1995b: 12, 14). Nos primeiros tempos da investigação mais algumas rochas vão paulatinamente aparecendo, chegando a um total de 17 em 2004, sendo o sítio também incluído nos inventários da arte paleolítica (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238). Mas é a partir de 2005, com a prospecção sistemática que efectuamos, que o sítio ganha a magistral importância que hoje detém no âmbito da arte do Côa. Nesse ano, entre Janeiro e Setembro prospectamos a totalidade da área do sítio e chegamos à espantosa cifra de 188 registos, incluindo dois conjuntos de pedras com gravuras em construções recentes. Publicou-se então uma primeira e sumária monografia do sítio (Baptista, A. M. & Reis, M., 2008), sendo estes os dados referidos num outro artigo feito a partir de uma comunicação apresentada em 2006 na cidade espanhola de Salamanca (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 173). Mas ainda haveria mais novidades. Em princípios de 2007 descobrimos uma nova rocha, junto à ponte ferroviária, que por lapso tinha escapado à prospecção sistemática (Reis, M., 2011: 33). Finalmente, em Dezembro de 2007, prospectamos uma faixa de quatro metros colocada a descoberto com um abaixamento das águas da albufeira do Pocinho, e descobrimos mais seis rochas gravadas com motivos filiformes, subindo os registos para 195, o total apresentado no último ponto da situação (Reis, M., 2011: 120-123).

Naturalmente, a área que se entende associada à foz de um qualquer rio abrange ambas as margens em torno da embocadura desse rio, e o Côa não é excepção. No entanto, do ponto de vista do inventário da arte do Côa e da delimitação dos seus sítios, o sítio designado como Foz do Côa encontra-se unicamente na margem esquerda. Na margem direita, a encosta em frente é também um sítio com arte rupestre, mas foi inventariado separadamente, sob a designação de Quinta das Tulhas. A Foz do Côa define-se assim como sendo a encosta na margem esquerda e de águas vertentes para o Côa, orientada *grosso modo* para Leste, desde a embocadura do rio até ao limite com o sítio do Vale do Forno. A sua delimitação visual é fácil, pois as duas pontes aqui existentes assinalam os limites inferiores: a ponte ferroviária sobre a própria foz e a ponte rodoviária a montante. No seu limite inferior a encosta tem uma extensão máxima de 850 metros. As cotas variam entre os 361 e 110 metros, numa largura média de 350 metros, estando os últimos 15 metros actualmente submersos na albufeira do Pocinho. Ao longo da encosta surgem algumas linhas de escorrência de água, mas apenas uma, situada mais a montante, assume algum protagonismo visual, se bem que sem correspondência ao nível da distribuição dos registos conhecidos. Os afloramentos distribuem-se ao longo de toda a área da encosta, apenas com alguns pequenos vazios intermédios, densificando paulatinamente de cima para baixo e de montante para jusante. A descoberta das seis novas rochas em 2007, numa estreita faixa de 4 metros abaixo da actual linha de água, é um claro indicador de que mais devem estar ainda por descobrir na restante área inundada, de aproximadamente mais uma dezena de metros, sendo expectável que se venha a ultrapassar a marca dos 200 registos.

Em relação aos textos já apresentados, há algumas alterações a registar. Em primeiro lugar, o achado da rocha 187. Esta tem um conjunto com algum interesse de gravuras modernas, algumas datáveis da segunda metade do século XIX, incluindo a data de 1860 e um elaborado conjunto de cruciformes, e também um conjunto de gravuras posteriores, incluindo a data de 1909. Em segundo lugar, as seis rochas descobertas em finais de 2007, rochas 188 a 193. Observadas em condições difíceis e com péssima luminosidade, a sua interpretação está, como sempre, sujeita a revisão, quando tal for possível. A rocha 188 é a única em que se observam motivos de Época Histórica, destacando-se uma ou outra representação de armas, nomeadamente bestas, sendo mais uma do interessante conjunto de rochas ao longo da região do Côa com este tipo particular de figuras. É possível, mas não temos a certeza, que possa também ter motivos paleolíticos e/ou da Idade do Ferro. As outras cinco rochas são todas paleolíticas. Nas rochas 189 e 190 detectamos grande quantidade de traços, mas sem que conseguíssemos discernir motivos definidos, ainda que estes devam existir. A rocha 191 tem um notável duo de veados,

feitos pela mesma mão, em traço simples e com grande armação, colocados lado a lado na mesma posição oblíqua no painel, de cabeça voltada para cima, como se estivessem a trepar uma encosta íngreme. Na rocha 192, entre mais alguns poucos traços, surge uma cabeça de veado de imensa armação, muito apagada e de difícil visualização, sendo difícil de dizer se tem ou não o resto do corpo, e se é em traço simples ou múltiplo. Por fim, a rocha 193 é a melhor das seis e uma das melhores de todo o sítio da Foz do Côa, com um expressivo conjunto de cervídeos e caprinos de traço múltiplo, e um ou dois equídeos de traço simples.

Dos 195 registos aqui inventariados, 96 apresentam motivos do Paleolítico Superior, 68 da Idade do Ferro e 50 de Época Histórica, havendo ainda 24 de cronologia indeterminada. A futura revisão destas rochas poderá originar algumas pequenas alterações nesta contabilidade. Já anteriormente fizemos uma descrição geral deste sítio e das suas principais características, para os três períodos cronológicos representados, pelo que não o iremos repetir (Baptista, A. M. & Reis, M., 2008). Posteriormente fizemos algumas correcções e acrescentos, salientando mais algumas rochas ou motivos (Reis, M., 2011).

Para finalizar, iremos fazer duas pequenas correcções a descrições anteriormente apresentadas. Em primeiro lugar, uma afirmação acerca da existência de uma falcata na rocha 148 (Baptista, A. M. & Reis, M., 2008: 78-79). Na verdade, após revisão e desenho dessa parte da rocha, em colaboração com Fernando Barbosa do PAVC, concluímos que não se trata de uma falcata mas de uma amálgama de traços, pertencentes a mais que um motivo, e que, ajudados pela própria fracturação da superfície, criam a ilusão da forma de uma falcata (bastante perfeita, por sinal). Na mesma ocasião observamos e desenhamos o antropomorfo da Idade do Ferro da rocha 42 (Baptista, A. M. & Reis, M., 2008: 82), e verificamos que afinal tem as pernas completamente delineadas (ainda que o seu sulco interior seja quase invisível), não terminando a meio do tronco, como tínhamos afirmado, e são as pernas ou os pés, em posição torcida face ao resto do corpo, que estão em cima da fractura da diáclase que separa o painel mais recuado (onde se encontra o motivo) do painel inferior e mais avançado, dando a impressão que a figura emerge do interior da fractura.

3.1.2. Quinta das Tulhas.

A identificação das duas primeiras rochas da Quinta das Tulhas é feita em Dezembro de 1994 por João Félix e Manuel Almeida, mas só serão devidamente inventariadas em 1996. O sítio é então designado por Fonte Frieira, sendo assim referido no Relatório de 1997 (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215), mas a cartografia das rochas deste sítio é incorrecta, assinalando-se duas pertencentes ao sítio da Broeira, e misturando-se as rochas da Foz do Côa com as duas da encosta em frente. Mais tarde, a designação de Fonte Frieira é abandonada, adoptando-se definitivamente o nome de Quinta das Tulhas, com que aparece nos inventários seguintes (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 193). Em 2006 descobriram-se mais duas rochas, na sequência do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) das obras de beneficiação da estrada entre Almendra e Vila Nova de Foz Côa (Branco, A. & Alves, L. B., 2006), apresentando-se assim um total de quatro rochas (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 184, 185; aqui, por lapso, trocamos as descrições da rocha 1 com a rocha 2, e da rocha 3 com a rocha 4). Em 2007 efectuamos a prospecção sistemática de toda a área, atingindo-se um total de 16 rochas inventariadas, referidas no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Em Maio de 2010 inventariamos ainda a rocha 17, ao lado da rocha 6, que por deficiente observação não tinha antes sido considerada.

É o troço de encosta final sobre o Côa na margem direita, voltada para Noroeste. A sua delimitação a Norte é simples, pois é a própria embocadura do rio, assinalada pela antiga ponte ferroviária. A Sul, no entanto, a sua delimitação do sítio contíguo da Broeira é menos evidente, pois este é também uma encosta sobre o Côa. A delimitação faz-se pela inclinação das respectivas encostas, a da Quinta das Tulhas voltada para Noroeste, a da Broeira orientada para Sudoeste, havendo uma discreta mas visível linha de separação, que passa ao lado do grupo de rochas mais a montante, as rochas 4, 5, 6, 7 e 17. É um dos

mais pequenos sítios da arte do Côa, tendo pouco mais de 500 metros de comprimento junto ao rio. A parte superior da encosta está na cota dos 250 metros, mas foi toda lavrada e está vazia de afloramentos xistosos. Estes iniciam-se aproximadamente à cota de 150 metros, pouco acima dos 125 actuais, pelo que a Quinta das Tulhas tem os seus registos densamente concentrados junto à água, numa área com grande concentração de afloramentos rochosos, com muitas e amplas superfícies verticais. São conhecidas fotografias antigas desta zona, antes da construção da barragem do Pocinho, e é notória a imensa quantidade de afloramentos existentes na área hoje submersa, sendo quase certo que muitas mais rochas gravadas deverão existir debaixo de água, devendo este ser, à semelhança da Canada do Inferno, um sítio proporcionalmente muito afectado pela subida das águas.

Todos os motivos de todas as épocas são filiformes. O Paleolítico Superior está pouco representado, apenas em três rochas, enquanto a Época Histórica se encontra em cinco rochas e a Idade do Ferro em 10 rochas, havendo quatro rochas de cronologia indeterminada. Nas rochas paleolíticas destacam-se algumas figuras de traço múltiplo da rocha 2 e, particularmente, toda a rocha 5 e o seu magnífico painel central. Este, à primeira vista, parece estar quase unicamente preenchido com variadas figuras de veados de traço simples, todos machos com armação, todos com o mesmo estilo, dimensões similares (e relativamente grandes) e a mesma orientação, parecendo assim ser uma representação de um grupo apenas com machos. Pelo meio, distingue-se com dificuldade o que parece uma figura de cavalo, sendo possível que outros motivos possam existir. A Época Histórica é pouco relevante, destacando-se os cruciformes das rochas 7 e 16, o motivo floral da rocha 4 e, sobretudo, a muito curiosa representação de uma casa na rocha 9. Claramente, a Idade do Ferro domina neste sítio, com grande destaque para a rocha 2, uma das superfícies mais intensamente repletas de gravuras de toda a arte do Côa, tanto mais notável quanto é de enormes dimensões. O seu sector direito está todo submerso, incluindo as figuras antropomórficas desta rocha. Merece também realce a qualidade e originalidade de muitas das suas figuras, incluindo um cavalo com rédeas mas sem cavaleiro (único na região, até ao momento), e o que nos parece ser uma figura de cariz mitológico, talvez de carácter monstruoso (à semelhança de tantas figuras monstruosas da mitologia clássica), muito semelhante a outra que se encontra na rocha 93 da Foz do Côa (na iconografia, não no estilo). Ambas são representadas de forma similar, sem corpo, apenas com um longo pescoço que, em ambos os casos, sai de uma fissura vertical na superfície do painel, terminando numa grande cabeça que nos parece de ave, de boca aberta em postura “ameaçadora”. Na rocha 1 destacáramos a sua única figura, um magnífico veado de imensa armação, e a rocha 6 destaca-se também pela quantidade e qualidade das figuras, incluindo vários antropomorfos, dois animais magnificamente decorados e, sobretudo, a sua cena de luta entre três figuras de guerreiros, um dos quais aparece de cabeça para baixo, ao que tudo indica por estar representado “fora de combate”. Podemos referir ainda as rochas 12 e 15, ambas com numerosos motivos, e também a rocha 11, com um pequeno conjunto de figuras, de difícil visualização e interpretação, mas sobretudo pela sua implantação diferente do normal, um pequeno abrigo de difícil acesso.

3.1.3. Vale do Forno.

Foi identificado em 1995, com um lote inicial de quatro rochas, número que sobe paulatinamente até catorze em 2003, distribuídas então em dois grupos, um maior na parte superior do vale e outro junto à foz da ribeira. Nos primeiros tempos apenas se identificaram rochas da Idade do Ferro, (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19). Mais tarde, em 2005 e 2006, inventariamos mais algumas rochas, sendo um total de 25 referidas em 2006 (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 171, 173). Em 2007 e 2008 fizemos a prospecção sistemática de quase toda a margem esquerda do vale, faltando apenas investigar melhor alguns sectores da margem direita. O número de rochas subiu então para um total de 79, referidas no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123), e incluindo a rocha 35, descoberta em finais de 2007 na faixa de quatro metros colocada a descoberto pelo abaixamento das

águas da albufeira do Pocinho⁹. Em Fevereiro e Abril de 2012 fizemos a prospecção sistemática de uma outra área em falta na margem direita, e o número total de registos subiu para 86. Assim, nesta altura, este é o segundo maior sítio da arte do Côa em quantidade de registos.

A ribeira do Vale do Forno nasce no planalto, perto de Vila Nova de Foz Côa, na cota de 430 metros, e segue um percurso total de 4500 metros, mantendo sempre a direcção geral de Oeste para Leste. Mais de metade é em zona planáltica, onde recebe o concurso de diversos pequenos afluentes. A escavação profunda do vale inicia-se a partir da cota dos 350 metros e o percurso final em vale encaixado tem uma extensão de 1700 metros. A parte inicial do troço encaixado faz uma curva acentuada para Norte, mas rapidamente retoma o percurso para Leste. O vale é profundo, com um desnível máximo de 150 metros, mas bastante aberto, com uma largura máxima superior a 700 metros. Os afloramentos circunscrevem-se, quase todos, à margem esquerda, em concentrações normalmente bem definidas, com espaços quase vazios de permeio. Apenas na parte inicial do encaixe se encontram grandes afloramentos na margem direita, ainda não prospectados. O sítio confina a Sul com os Moinhos de Cima na parte inferior, com Vale de Moinhos na parte superior, e a Norte com a Foz do Côa.

A Idade do Ferro domina quantitativamente, com motivos em 43 rochas, seguida do Paleolítico Superior, presente em 33 rochas, e da Época Histórica, em 17 rochas, havendo ainda 9 rochas de cronologia indeterminada. Todos os motivos são filiformes excepto dois estranhos motivos picotados da rocha 55, aparentemente recentes. Após a prospecção as características da distribuição das rochas alteraram-se em relação ao que era conhecido e, curiosamente, a distribuição é similar à do sítio do Vale de José Esteves, mas simétrica: onde neste sítio o maior grupo de rochas está junto à foz da ribeira, no Vale do Forno esse grupo encontra-se na parte alta do vale, no princípio do seu encaixe. As rochas distribuem-se por seis grupos principais, de alto a baixo no vale, e todas se encontram do lado esquerdo da ribeira, desde os pontos mais elevados da encosta até ao seu leito. A sua distribuição segue de perto a dos afloramentos com painéis verticais.

Um primeiro grupo surge na embocadura da ribeira com o Côa, composto por quatro rochas, duas da Idade do Ferro e duas paleolíticas, uma das quais a rocha 35 atrás referida. Cerca de 100 metros acima surge outro pequeno grupo que, tal como o anterior, está ao lado da linha de cumeada que marca a transição para a encosta do sítio da Foz do Côa. É composto por seis rochas, quatro com gravuras paleolíticas e duas com gravuras da Idade do Ferro que, tal como sucede em baixo, não se misturam nos mesmos painéis. O terceiro grupo surge cerca de 400 metros acima, na parte superior da encosta, em redor da cota dos 300 metros, perto da orla do planalto e igualmente perto da linha de cumeada que separa este sítio da encosta da Foz do Côa. É composto por doze rochas, predominantemente com gravuras paleolíticas, mas já com algumas gravuras modernas e outras, mais raras, da Idade do Ferro. Entre os dois grupos anteriores surge um conjunto bastante disperso de seis rochas, cinco das quais com escassos e pouco relevantes motivos paleolíticos, e uma apenas com poucos motivos da Idade do Ferro. Na parte central do vale e a meia encosta, fazendo a transição entre o terceiro grupo e a cabeceira do vale, surge um conjunto de sete rochas que, apesar da sua dispersão, podemos considerar como outro grupo, embora também fosse lícito considerar a sua divisão em dois pequenos grupos de três rochas cada e uma outra isolada. Curiosamente, não há aqui gravuras paleolíticas, tendo sobretudo gravuras da Idade do Ferro e algumas modernas. Por fim, o grande grupo superior, no início da zona encaixada sobre a curva para Norte, e cujos painéis verticais se orientam assim para Leste, em direcção ao Côa, sendo bem perceptíveis a grande distância e dominando todo o enquadramento do vale. Neste espaço relativamente curto, contido entre duas pequenas linhas de água dispersam-se, desde a orla do planalto até à ribeira, 51 rochas gravadas, numa das maiores concentrações de rochas historiadas da arte do Côa. Aqui juntam-se gravuras de Época Histórica, da Idade do Ferro e do Paleolítico Superior, embora raramente nos mesmos painéis.

⁹ Ao lado desta rocha descobrimos ainda um sítio de habitat pré-histórico, também hoje submerso, com cerâmicas decoradas atribuíveis ao III milénio a. C..

O Paleolítico Superior não se distingue particularmente. Destacaríamos a rocha 35, com alguns belos animais de traço múltiplo, incluindo um possível cervídeo de grandes dimensões, infelizmente fraturado e incompleto. Também se realçam os dois cavalos da rocha 9, de estilo idêntico e seguramente gravados pela mesma mão, um com o corpo inteiramente preenchido a traço múltiplo, o outro delineado a traço simples e com a cabeça preenchida a traço múltiplo. Também na rocha 69 surge um avultado conjunto de figuras, em traço simples e múltiplo, destacando-se uma bela figura de animal com o corpo realisticamente desenhado e preenchido a traço múltiplo mas sem cabeça, terminando o pescoço num feixe de vários traços, numa convenção relativamente abundante na arte paleolítica do Côa, e que deverá pertencer à sua fase terminal. Também interessante nesta rocha é um conjunto de pequenos veados de traço múltiplo, três ou talvez quatro, de formas toscas e esquematizadas, mas reconhecíveis pelas imensas armações, pouco realistas.

A Idade do Ferro domina claramente o sítio, em quantidade e diversidade, destacando-se os guerreiros com escudo e espada (incluindo uma espada claramente curva, mas que não tem a forma de uma falcata) da rocha 1, os magníficos conjuntos de antropomorfos, armas e animais das rochas 6 e 22, ou alguns originais motivos das rochas 74 e 79. Muito original é também a rocha 59, única no seu género na arte do Côa. É um painel de razoável dimensão, com cerca de três metros de comprimento por pouco mais de um metro de altura. Está quase inteiramente repleto de traços, de ponta a ponta, mas a originalidade está no facto de se distinguirem poucos motivos em concreto. Há uma ou outra figura zoomórfica ou geométrica identificável, mas a grande maioria dos traços não se parece integrar naquilo a que convencionalmente chamamos um “motivo”. A sua distribuição parece estar relativamente ordenada, são alguns milhares de traços, bem feitos, de sulco firme e fundo, fortemente patinados, e preenchem densamente uma grande parte do espaço operativo do painel, mas não formando figuras reconhecíveis (pelo menos à primeira vista, e sem um desenho em que nos apoiarmos). A existência de traços avulsos é uma constante na arte do Côa de todas as épocas, mas não nesta escala.

Mas a principal revelação na prospecção deste sítio foi nas gravuras mais recentes, fazendo do Vale do Forno um dos principais conjuntos de gravuras modernas da arte do Côa, não tanto pela sua quantidade, embora esta seja relevante, mas pela sua qualidade, diversidade e, nalguns casos, originalidade. Assim, aos estranhos picotados da rocha 55 juntam-se o conjunto de figuras de besta da rocha 1, os pentagramas da rocha 21¹⁰, as representações de aves das rochas 57 e 61, os cruciformes das rochas 66 e 69, o barco à vela da rocha 76 ou o grande conjunto de reticulados da rocha 77¹¹. Algumas rochas assumem grande protagonismo. Por exemplo, a rocha 31, um dos raros abrigos dos afloramentos da arte do Côa, bastante grande e com paredes laterais repletas de motivos, avultando cruciformes, inscrições, a possível representação de um casal, homem e mulher, e até a patriótica figuração heráldica do escudo português, com sete quinas (em vez das cinco regulamentares). As rochas 56 e 69 distinguem-se pela grande quantidade de motivos (incluindo um cavalo da Idade do Ferro na primeira e vários motivos paleolíticos na segunda), destacando-se as suas representações familiares de cariz doméstico, no primeiro caso com a representação de um casal e mais uma ou outra personagem associados a grande quantidade de motivos, formando uma verdadeira cena doméstica, e no segundo caso o mesmo, com menos motivos mas com o ineditismo do casal ser representado com o que presumivelmente será um filho. Mas, acima de todas, está a rocha 48, por ter também grande quantidade de motivos, vários dos quais integrando o que se pode considerar uma raríssima cena mitológica, e em que tem um papel central uma figura antropomórfica, coroada e armada de escudo e lança, em cuja cabeça cai um longo raio de uma representação solar colocada mais acima, e cujo corpo se transforma num corpo ondulado de serpente, decorado internamente. Um verdadeiro “rei-serpente”, talvez uma representação do diabo, ou de uma outra personagem da mitologia popular.

¹⁰ Que erradamente tínhamos colocado na rocha 20 em Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 173.

¹¹ Provavelmente jogos; é um tipo de motivo frequente na arte moderna do Côa, podendo por vezes confundir-se com figuras similares da Idade do Ferro.

3.1.4. Moinhos de Cima.

Sítio identificado em 1997, algumas das suas rochas aparecem já cartografadas no Relatório (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 215), mas o sítio não está individualizado como tal, provavelmente por lapso. No entanto, aparece desde logo nos primeiros inventários da arte paleolítica (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Diez, M., 2002: 193). Em 2005 fizemos uma prospeção sistemática que abrangeu quase toda a área com relevância para a arte rupestre, atingindo-se um total de 25 rochas inventariadas, referidas nos últimos inventários (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 171; Reis, M., 2011: 120-123). Em Abril de 2009 prospectamos uma área na zona elevada da encosta, para cima da rocha 16, com poucos afloramentos e onde nada descobrimos. Recentemente, em Julho de 2011, fizemos uma última prospeção sistemática numa área entre a rocha 16 e a rocha 21, chegando-se ao total de 26 rochas. Consideramos terminada a prospeção, com a evidente excepção do sector submerso na albufeira do Pocinho, pois a restante área não prospectada não apresenta afloramentos.

É uma encosta orientada a Leste, na margem esquerda do Côa, limitada a Sul e Sudeste por Vale de Moinhos, e a Norte e Noroeste pelo Vale do Forno. Tem grande inclinação, com uma variação de cotas entre os 400 metros do planalto até ao Côa. A meio é cortada por uma discreta mas evidente linha de água central, havendo uma outra mais curta e ainda mais discreta ligeiramente a jusante. A encosta estende-se por aproximadamente 1000 metros, junto ao rio. No entanto, a sua metade Sul está quase vazia de afloramentos. Estes surgem maioritariamente a jusante da linha de água central, concentrando-se na parte inferior da encosta, onde formam em algumas zonas altos paredões de xisto, e onde também surge a maior parte das rochas gravadas.

Quatro rochas têm motivos modernos, seis têm motivos paleolíticos e quinze têm motivos da Idade do Ferro, havendo ainda cinco rochas de cronologia indeterminada. Não é sítio que se destaque particularmente na arte do Côa, mas tem algum interesse. A Época Histórica está pouco representada, salientando-se o antropomorfo da rocha 1, o galo da rocha 7 ou os reticulados da rocha 13. O Paleolítico Superior tem uma quantidade reduzida de rochas gravadas, todas com poucos motivos, filiformes em traço simples ou múltiplo. Os cervídeos estriados das rochas 9 e 14 são interessantes, mas merecem destaque os belos animais de traço simples da rocha 10, particularmente uma cabra de boca aberta e um bode de grande armação, assim como uma grande e detalhada figura de auroque macho. A Idade do Ferro é o período mais representado, havendo algumas rochas e figuras que merecem realce. Por exemplo, os animais indeterminados com longuíssimos corpos muito estreitos da rocha 2, talvez cavalos ou cervídeos, os belos veados da rocha 7, o grande conjunto de motivos da rocha 4, em que salta ao olhar um guerreiro associado a uma longa espada, ou o cavaleiro da rocha 8. Mas é sobretudo a rocha 5 que se destaca, com um grande painel amplamente gravado com muitas figuras, num conjunto de grande diversidade e originalidade, em que pontuam essencialmente representações zoomórficas e geométricas, sendo de relevar a ausência de figuras antropomórficas¹². Para além de um ou outro cervídeo de excelente desenho, salienta-se pela estranheza um conjunto de quadrúpedes de espécie indeterminada, e que poderão até ser figuras fantásticas, com o seu corpo largo, focinho curto e “cauda de escorpião”.

3.1.5. Vale de Moinhos.

As primeiras gravuras paleolíticas deste vale foram descobertas em Abril de 1992, pela equipa do então chamado Projecto Arqueológico do Côa, chefiado por Nelson Rebanda (1995a: 6; 1995b: 11), figurando este sítio constantemente nos primeiros inventários publicados (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Diez, M., 2002: 193), ainda que com escassos registos, apenas seis até 2004. Em 2006, realizamos a prospeção sistemática

¹² As representações humanas são relativamente escassas na arte rupestre da Idade do Ferro do Côa (cf. Reis, M., 2011: 86), mas os grandes painéis profusamente repletos de motivos (que são raros) quase sempre apresentam este tipo de motivo, por contraste com os abundantes pequenos painéis com poucos motivos, onde as figuras humanas são menos frequentes.

de quase toda a área relevante do sítio. Nessa mesma altura, com a nossa prospeccção ainda a iniciar-se, realizou-se um outro trabalho no âmbito de um EIA, onde Lara Bacelar Alves descobriu quatro novas rochas¹³ numa zona intermédia do vale (Branco, A. & Alves, L. B., 2006: fichas 10, 11, 12, 13), sendo treze rochas o limite do conhecimento na altura do ponto da situaçção de 2006 (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 171). Quando em Novembro de 2006 terminamos os trabalhos de prospeccção, o número total de registos elevou-se para 40 rochas gravadas, referidas no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Faltava então completar alguns detalhes, nomeadamente na margem direita do vale, onde ainda há pequenos conjuntos de afloramentos por ver. Efectivamente, em 2010 mais duas rochas foram identificadas nessa margem: em finais de Março a rocha 41, descoberta por Delfina Bazaréu, do PAVC, e em Maio a rocha 42, descoberta numa pequena área de prospeccção sistemática em frente à rocha 3.

Esta ribeira nasce em pleno planalto perto de Vila Nova de Foz Côa, à cota de 430 metros, e junta inicialmente diversas pequenas linhas de água. Tem um percurso total de 6200 metros, seguindo ao princípio de Sul para Norte, mas rapidamente inflectindo para Leste, em direcção ao Côa. A escavação do vale mais encaixado começa aproximadamente na cota dos 380 metros, e a ribeira, neste troço, tem um percurso de 3600 metros. Esta vasta extensão deve-se, em grande medida, à elevada sinuosidade da parte inicial do encaixe, num troço ainda não muito fundo mas rochoso, onde a ribeira deambula no meio de grandes afloramentos, tornando-se mais linear no troço final. O vale é abrupto, com uma profundidade máxima de aproximadamente 150 metros, tendo um acentuado perfil em V. A encosta do lado esquerdo é aproximadamente contínua, com poucas linhas de escorrência de água, e concentra a maioria dos afloramentos do sítio, do topo da encosta até à ribeira. A margem direita é cortada por numerosos pequenos afluentes, alguns também pontuados por afloramentos, e apresenta menores concentrações rochosas que a margem oposta.

Actualmente, conhecem-se dezanove rochas com gravuras paleolíticas, catorze com gravuras da Idade do Ferro, onze com gravuras modernas e cinco de cronologia indeterminada. As rochas conhecidas distribuem-se de alto a baixo no vale, geralmente em pequenos grupos, e algumas isoladas. Estão sobretudo na margem esquerda, em regra no fundo do vale, mas havendo um grupo importante nas partes intermédia e superior da encosta, com duas rochas paleolíticas e uma da Idade do Ferro (rochas 29, 30 e 31) situadas na orla da cumeada. Na margem direita encontram-se onze rochas, o maior conjunto de rochas conhecidas na “margem oposta” dos vales com gravuras no Côa¹⁴. Refira-se ainda a curiosa e inédita implantação da rocha 24, com escassas gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro, e que se encontra mesmo no meio do leito da ribeira, com a água (quando corre, o que não é sempre) a passar-lhe de ambos os lados. Podemos salientar também as rochas 28 e 41, não tanto pelo seu conteúdo, que se restringe a uma única figura paleolítica, mas pela sua localizaçção. Encontram-se na encosta do lado direito do vale, na sua zona intermédia e final, não longe da linha de cumeada e, apesar de haver mais afloramentos nas imediações com condições para serem gravados, surgem isoladas, não tendo mais gravuras em redor.

Quase todas as gravuras de todas as épocas são filiformes, mas há algumas excepções relevantes. As rochas 3 e 9 têm, cada uma, um animal picotado paleolítico, enquanto que as rochas 10, 20, 21, 22 e 23, todas associadas a moinhos, têm alguns motivos modernos picotados, que na rocha 21 são também abrasionados.

A Época Histórica é aqui pouco relevante. Para além das datas da rocha 10, das mais antigas que conhecemos na região¹⁵, há cruces picotadas nas rochas 20, 22 e 23, uma pequena figura incisa de uma ave na rocha 11¹⁶ e, sobretudo, uma pitoresca representaçção de um homem de cartola na rocha

¹³ A numeraçção das novas rochas foi coordenada entre nós e os autores do EIA, tendo aquelas quatro rochas recebido os números de 10 a 13.

¹⁴ Sobre a questção da distribuçção das rochas gravadas ao longo dos sítios e, em particular, dos vales, com as habituais diferenças conhecidas entre as diferentes margens, ver Reis, M., 2011: 55-75.

¹⁵ Em relaçção à rocha 10, por lapso referimos anteriormente (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 171) que as suas duas datas picotadas seriam de 1604, quando na verdade são ambas de 1614.

¹⁶ Ainda que sem termos certezas absolutas, discordamos da cronologia da Idade do Ferro que foi atribuída a esta figura no EIA acima referido (Branco, A. & Alves, L. B., 2006: ficha 11).

21, associado a assinaturas e data de 1953. A Idade do Ferro também não se distingue particularmente neste sítio. Salientaríamos os cavalos da rocha 6, ou o antropomorfo em posição orante da rocha 38. Destacam-se as rochas 25 e 36, pelo grande conjunto e variedade de motivos que cada uma tem, e pela sua implantação, a primeira na parede lateral de um grande abrigo na base de um enorme afloramento localizado na margem direita do vale, na sua parte superior, e a segunda com uma implantação bastante peculiar: a grande superfície vertical do painel está sobre uma pequena e estreita plataforma, bastante elevada sobre a plataforma abaixo, sendo assim de acesso difícil. As gravuras na superfície vertical da rocha são divididas a meio por uma larga e espessa saliência rochosa, que se prolonga até ao fim da plataforma e que tem apenas uma pequena abertura na parte inferior. Ou seja, para além do acesso relativamente difícil à plataforma, para se passar de um para o outro lado do painel é preciso rastejar por baixo da saliência. Por fim, a rocha 42 tem uma interessante associação de motivos, claramente feitos pela mesma mão: um cavaleiro armado de lança surge ao lado de uma égua que amamenta a sua cria. Apenas na rocha 38 da Bulha conhecemos uma associação similar: uma égua a amamentar a cria numa cena de combate entre cinco guerreiros.

Claramente, este sítio notabiliza-se pela sua excelente arte paleolítica. Já anteriormente nos referimos à figura picotada da rocha 3, única no seu tipo, estilo e técnica entre a arte paleolítica do Côa, e que interpretamos como uma possível representação de bisonte (Reis, M., 2011: 107-108). Podemos salientar também o prótomo de cavalo picotado da rocha 9, uma das raras figuras nesta técnica identificadas mais recentemente e, junto com a figura da rocha 3, a que se conhece mais a jusante no Côa. A rocha 9 apresenta ainda um raro conjunto de figuras incisas de grandes dimensões, dois cavalos de traço simples e um veado em traço múltiplo, com mais de meio metro de comprimento, e várias pequenas figuras em traço simples e múltiplo, incluindo dois peixes feitos com grande detalhe. As rochas 1 e 2 também sobressaem, com um amplo conjunto de animais em traço simples e múltiplo e alguns signos (cf. Baptista, A. M., 1999: 148-151; Baptista, A. M., 2008b: 48). Também merecem realce o veado da rocha 41 e o caprino da rocha 30, ambos em traço simples, ou o conjunto de motivos de traço múltiplo das rochas 12 e 31.

3.1.6. Azinhate.

Este sítio foi descoberto por Dalila Correia, do PAVC, em Março de 2010, estando ainda inédito. Mais do que um “sítio” propriamente dito, trata-se de um achado isolado de uma pedra com gravuras. A pedra em causa é um bloco trabalhado de forma rectangular, colocado na entrada de uma propriedade agrícola. A posição em que se encontra não permite uma boa observação, e as arestas estão bastante fragmentadas, mas poderá tratar-se de uma antiga soleira de porta reaproveitada. Está a 300 metros de distância de um importante sítio arqueológico com ocupação romana e medieval, Azinhate (Coixão, A. N. S., 1996: 184-188), e parece provável que a sua origem esteja nesse sítio.

Na face voltada ao exterior são visíveis diversas gravuras em traço filiforme, todas formando o mesmo tipo de motivo: podomorfos, num mínimo de cinco. Alguns têm apenas a forma delineada exteriormente, e os restantes têm o interior decorado com um denso reticulado. A sua atribuição cronológica é problemática, sobretudo tendo em conta a falta de paralelos na arte do Côa. Na região apenas se conhecem podomorfos na rocha 23 do Vale da Casa (Baptista, A. M., 1983: 63; 1999: 180-181), e estes são estilisticamente diferentes e gravados por picotagem, sendo presumivelmente do Bronze Final. Não se conhecem exemplares evidentes destes motivos nem nas gravuras da Idade do Ferro nem nas modernas. Apenas na rocha 1 da Azenha, sítio sobre o Douro quase em frente ao Vale da Casa, se conhecem dois motivos filiformes que eventualmente serão podomorfos, e cuja cronologia é, inequivocamente, da Idade do Ferro, tendo em conta a sua evidente associação aos restantes motivos da rocha. Mas são também tipologicamente muito distintos dos podomorfos do Azinhate.

Tendo em conta que esta pedra foi possivelmente uma soleira de porta¹⁷ e que a sua provável origem é um sítio com ocupação romana e medieval então, por associação contextual, podemos colocar a hipótese destes motivos pertencerem a um destes períodos. A ser assim, serão das primeiras gravuras da região com possibilidades de integrarem esta fase, *grosso modo* os primeiros 1500 anos da era cristã, e que se tem notabilizado pela ausência no conjunto da arte do Côa (cf. Reis, M., 2011: 14).

3.1.7. Broeira.

A primeira rocha deste sítio foi descoberta em Fevereiro de 1995 (Rebanda, N., 1995a: 12; 1995b: 14), na embocadura da pequena linha de água que desce perpendicularmente a encosta e divide o sítio a meio. Ainda hoje esta é a melhor rocha conhecida no sítio, mas o acesso ao painel está submerso, e a sua visualização é difícil. É a única mencionada nos primeiros inventários (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19). Nos anos 2000 e 2001 são descobertas mais três rochas, uma (rocha 4, também paleolítica) muito perto da rocha 1, as outras duas formando um pequeno grupo cerca de 300 metros a jusante, junto ao Côa, com gravuras modernas e da Idade do Ferro, aparecendo nos inventários seguintes (Baptista, A. M., 2001: 238; Baptista A. M. & García Diez, M., 2002: 193). Em 2005 prospectamos uma parte da área superior do sítio, e descobrimos seis novas rochas¹⁸. Em 2006 descobrimos mais três rochas nas imediações das rochas 1 e 4. Este total de treze rochas foi o referido nos últimos inventários (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 183; Reis, M., 2011: 120-123). Em Julho de 2011 fizemos a prospecção sistemática total do conjunto rochoso em torno da rocha 1, descobrindo mais duas e fazendo um total de 15 rochas inventariadas. De momento, apenas esta e a pequena área que abrange as rochas 5 a 10 foram sistematicamente prospectadas, e há potencial para o aparecimento de mais rochas, particularmente na parte superior da encosta.

É uma encosta na margem direita do Côa, orientada a Oeste, delimitada pela Quinta das Tulhas a Norte e o Meijapão a Sul. Tem em frente os sítios da Foz do Côa, Vale do Forno, Moinhos de Cima e Vale de Moinhos. É assim uma vasta encosta, estendendo-se por cerca de 1800 metros na parte inferior, sendo sulcada por quatro linhas de escorrência de água. Apresenta uma forte pendente, iniciando-se à cota máxima de 396 metros. Como nos sítios vizinhos, todo o sector inferior está submerso na albufeira do Pocinho, desconhecendo-se o grau de afectação dos seus registos. Os afloramentos distribuem-se irregularmente, com vastos troços quase despídos e outros, sobretudo nos pequenos vales que cortam a encosta, com grande densidade rochosa.

Seis rochas apresentam gravuras paleolíticas, sete têm gravuras da Idade do Ferro, e cinco têm motivos modernos. A Época Moderna é pouco relevante, realçando-se apenas uma curiosa figura cruciforme (ou antropomórfica?) na rocha 6, umas figuras geométricas na rocha 2, uma estrela de cinco pontas (signo-saimão) na rocha 1, e representações de bestas nas rochas 1 e 8. A Idade do Ferro é pouco abundante em motivos, destacando-se o conjunto da rocha 7 e o grupo de três antropomorfos da rocha 3, que parecem formar uma cena, com personagens algo bizarras, uma das quais em posição deitada, mas sem armas.

O Paleolítico é o período melhor representado. Todas as seis rochas conhecidas se encontram na embocadura da linha de água principal, com a única companhia do cavalo da Idade do Ferro da rocha 15. As rochas 4, 12 e 13 apresentam uma ou outra figura de animal, com realce para o belo cavalo em traço simples de aspecto arcaico da rocha 13 e um grande veado de traço múltiplo da rocha 12. Na rocha 4 distinguem-se dois intrigantes animais de traço simples, um cervídeo de estranha tipologia e outro quadrúpede de difícil identificação, mas que poderá ser um felino. A rocha 11, logo acima da rocha 1, não tem figuras zoomórficas, mas apresenta, dispersos ao longo do painel, um conjunto de signos, fusiformes, zigzagues e vários conjuntos caóticos de traços. Mas a rocha 1 domina o sítio. É um grande painel

¹⁷ E tudo indica que a face gravada é aquela que estaria voltada para cima.

¹⁸ Rochas 5 a 10; corrigimos assim a informação errada que demos anteriormente (Baptista & Reis, 2009: 183) em que referíamos sete rochas nesta área.

sobre a embocadura da linha de água, repleto de motivos. Na periferia direita do painel encontra-se um veado em traço múltiplo. Todo o painel apresenta diversos signos, de diferentes tipos: longos feixes de traços rectilíneos, feixes de traço múltiplo de forma semi-circular, e diversas variantes de conjuntos de pequenos traços paralelos ao longo de uma linha. Um destes encontra-se na parte superior do painel e atravessa-o de lado a lado, sendo uma longa linha ondulante com numerosos pequenos traços oblíquos na parte inferior. Com quase um metro de comprimento, é um dos maiores signos da arte do Côa. O destaque do painel vai para dois interessantes cavalos de traço simples na zona central superior do painel. Delineados em traço inciso fundo, repassado e muito vincado, que se distingue dos traços dos outros motivos, são dois animais de corpo largo e pesado, a lembrar as tipologias mais arcaicas da arte paleolítica. Em ambos os casos a cabeça é representada em traço muito ténue e pouco vincado, de difícil visualização, no que parece ser uma opção intencional. Num dos casos é visível a forma da cabeça em “bico de pato”, o que é mais um factor a remeter estas figuras para uma cronologia mais antiga que a maioria das figuras incisivas conhecidas na arte do Côa. Também o cavalo da rocha 13 e, possivelmente, uma figura incompleta da rocha 12 são tipologicamente similares, fazendo da Broeira um sítio importante para o melhor conhecimento dos ciclos iniciais ou intermédios da arte do Côa.

3.1.8. Cavalaria.

Este sítio foi identificado em 2010 por Filipe Alves Pina no acompanhamento arqueológico das obras de requalificação da EN 222 entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra (Pina, F. A., 2010: ficha 13). Em Março de 2012 prospectamos a restante área do sítio e encontramos mais seis rochas, fazendo um total de oito. Consideramos a prospecção terminada, e nada mais deverá haver por descobrir¹⁹.

É um sítio muito interessante pela sua implantação. Trata-se de uma linha de água que corre para o Côa. No seu troço final, corre pela encosta inclinada do sítio da Broeira, sendo no seu término que se encontra o conjunto de rochas paleolíticas deste sítio. No entanto, as oito rochas da Cavalaria não estão nesta encosta da Broeira mas sim na área planáltica por cima, onde a ribeira é pouco cavada e a ribeira tem um reduzido desnível. Pode-se assim considerar um sítio parecido com o Tudão, o primeiro identificado em topografia aplanada. Tem ainda o interesse de se situar numa zona que faz transição entre o Côa e o Douro. Para Oeste o sítio é contíguo à encosta da Broeira sobre o Côa, e para Leste é contíguo à encosta do sítio do Garrido, sobre o Douro. Junto às rochas gravadas a percepção visual é reduzida, não se vendo nem o Côa nem o Douro, mas no topo da encosta Norte, tem-se excelente visibilidade sobre o encontro dos dois rios e o Museu do Côa.

Entre a nascente e o início da encosta da Broeira, a ribeira percorre uma curta distância, pouco menos de 500 metros, descendo da cota 370 para a cota de 300 metros. As rochas distribuem-se por dois grupos, separados por aproximadamente 200 metros. As duas primeiras rochas estão no topo da encosta do lado direito (Norte) da ribeira, à cota de 380 metros, e as gravuras surgem em painéis de disposição sub-horizontal ao nível do solo. As restantes seis rochas estão mais perto da linha de água, num grupo pequeno e pouco denso de afloramentos, cinco na margem direita e apenas uma do lado esquerdo, quase encostada à linha de água, encontrando-se as gravuras nos típicos painéis verticais.

Na vizinhança das duas primeiras rochas encontram-se vestígios patrimoniais que as poderão contextualizar: um pouco ao lado e a Nordeste passa a antiga estrada calcetada entre Vila Nova de Foz Côa e Castelo Melhor, que atravessava o Côa na sua embocadura. A sua origem não é inteiramente clara mas poderá remontar à Idade Média. É provável que o topónimo “Cavalaria” se relacione com este caminho. Por outro lado, a poucas dezenas de metros a Norte das rochas encontram-se vestígios superficiais de ocupação pré-histórica, com algumas cerâmicas e materiais líticos (Pina, F. A., 2010: ficha 13). A rocha 1 apresenta mais de quarenta cruces picotadas, de diversas tipologias, estando talvez a sua presença aqui relacionada com a estrada. A rocha 2 tem uma reduzida quantidade de covinhas, e embora atribuir cro-

¹⁹ A eventual excepção poderá estar em um ou dois afloramentos que não conseguimos observar por estarem na área de um grande colmeal de abelhas.

nologias a covinhas seja sempre um exercício arriscado, parece provável que se possam relacionar com o vizinho sítio pré-histórico, à semelhança do que acontece com as conhecidas nos sítios dos Tambores ou do Fumo. As restantes seis rochas apresentam todas gravuras incisas da Idade do Ferro, havendo ainda incisões modernas pouco relevantes na rocha 4. A distribuição e organização espacial das gravuras da Idade do Ferro segue uma tipificação já detectada noutros sítios (cf. Baptista, A. M. & Reis, M., 2008: 73): diversas rochas com poucos motivos em torno de uma rocha abundantemente gravada e onde dominam figuras antropomórficas. Assim, as rochas 3, 5 e 6 apresentam um único animal cada, cavalos ou veados, por vezes acompanhados de traços ou figuras geométricas pouco expressivas. A rocha 8, com o maior painel de todas, apresenta só escassas figuras geométricas, incluindo um bonito reticulado. A rocha 4, situada na margem oposta às restantes, tem um maior conjunto de figuras, incluindo vários cavalos e figuras geométricas diversas, e também uma lança, mas sem figuras humanas. Por fim, a rocha 7, no meio do conjunto, tem um pequeno painel densamente gravado, que inclui uma cena de caça ao veado, com um cavaleiro armado de lança e vários cervídeos, um outro cavaleiro com lança, de estilo diferente e aparentemente desinserido da cena de caça, e vários geométricos muito expressivos, incluindo uma original linha labiríntica e algumas representações estelares ou solares, muito raras no contexto regional.

3.1.9. Meijapão.

A rocha 1 é descoberta em Dezembro de 1992 (Rebanda, N., 1995a: 14; 1995b: 15), mencionada no primeiro inventário (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215). A rocha 2 é descoberta em 1998, e ambas aparecem nos inventários seguintes (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 193). Em 2006 descobrimos mais duas rochas junto às restantes, sendo quatro referidas nos últimos inventários (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 183; Reis, M., 2011: 120-123).

O Meijapão consiste numa pequena linha de água, que segue na direcção Leste-Oeste, com cerca de 1350 metros de extensão, iniciando-se quase no interior da aldeia do Orgal, à cota de 380 metros, e percorrendo 600 metros no planalto antes de, à cota 350, se lançar para o Côa, escavando ligeiramente o seu vale e desaguando na sua margem direita um pouco a montante da foz da ribeira de Vale de Moinhos. O sítio confina a Norte com o sítio da Broeira, e a Sul com a Canada do Amendoal. O vale é uma depressão pouco cavada, de perfil em V relativamente aberto. Tal como na Canada do Amendoal, a zona inferior foi profundamente afectada pelas obras da barragem do Côa, não restando quase nada para prospectar. Os afloramentos existentes encontram-se na parte superior da zona encaixada, numa e noutra margem, mas na margem direita há maior quantidade e foi a única minimamente prospectada.

Apenas uma rocha tem gravuras modernas, três têm motivos da Idade da Ferro, e três também têm motivos paleolíticos. A rocha 3 é um pequeno abrigo em cujas paredes se encontra um reticulado (jogo?) moderno, e se dispersam alguns motivos da Idade do Ferro pouco relevantes. Deste período destaca-se claramente a rocha 1, com um amplo conjunto de figuras, sobretudo animais, e um magnífico conjunto de cavaleiros armados de lanças. Na rocha 2 surgem ainda alguns geométricos, incluindo um pequeno reticulado de belo efeito. Do Paleolítico Superior, presente nas rochas 1, 2 e 4, realce sobretudo para a rocha 2, com um conjunto de figuras de traço múltiplo de difícil visualização, nas quais se distingue com mais facilidade apenas um cervídeo.

3.1.10. Canada do Amendoal.

As primeiras gravuras deste sítio são identificadas em Dezembro de 1992, começando-se pela que veio mais tarde a ser numerada como rocha 4 (Rebanda, N., 1995a: 11; 1995b: 14). Em finais de 1994 são conhecidas quatro rochas, sendo estas as referidas nos primeiros inventários (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238). No entanto, apenas uma é mencionada em 2002 (Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 193), apesar de na altura se conhecerem gravuras paleolíticas em três das quatro rochas. Em princípios de 2006 descobrimos mais duas rochas

na parte superior do vale, sendo o total de seis referido nesse ano em Salamanca (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 182). No final desse mesmo ano apareceu uma sétima rocha, por intermédio do senhor Manuel António, do Orgal, número referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Falta fazer prospecção sistemática, particularmente na parte intermédia e superior do vale, onde há grandes formações rochosas em ambas as margens, nas quais se localizam seis das sete rochas conhecidas. Apenas a rocha 4 fica mais abaixo no vale, numa área muito afectada pelas obras da barragem do Côa e onde pouco mais haverá por descobrir.

É uma longa ribeira, com 4900 metros de extensão, que começa no sopé Norte do Monte de São Gabriel, à cota de 550 metros. Alonga-se no planalto por 3450 metros, num percurso sinuoso com a orientação tendencial Sudeste-Noroeste. A ocidente da aldeia do Orgal inflecte o curso para Oeste e, à cota de 400 metros, inicia a escavação do vale para o Côa, numa extensão final de 1430 metros. Este troço final é paralelo ao Meijapão, que lhe corre a Norte, e desagua na margem direita do Côa, em frente ao Rego da Vide. A metade inferior deste troço final é mais aberta e menos profunda que a superior. Aqui, o vale é muito encaixado, entre altas paredes rochosas, e embora a profundidade máxima não atinja os 100 metros, o vale pouco ultrapassa os 150 metros de largura máxima. É assim um verdadeiro canhão nos xistos, pequeno mas já respeitável.

Duas rochas têm gravuras modernas, enquanto que motivos da Idade do Ferro e do Paleolítico Superior surgem em cinco rochas cada. A rocha 4 tem alguma originalidade no contexto da arte paleolítica do Côa, por ser um pequeno painel, discreto e escondido, com uma orientação divergente do normal, estando de costas para o Côa e voltado para a parte superior do vale, em frente a um acentuado declive no leito da ribeira que no Inverno forma uma elevada queda de água. Apresenta algumas pequenas figuras de traço múltiplo, de muito difícil visibilidade, em que alguns signos fusiformes se juntam a umas originais figuras de caprinos (?), nos quais as patas e as cabeças estão fortemente vincadas e bem visíveis, contrastando com os respectivos corpos, que estão fracamente delineados e são quase invisíveis, no que parece tratar-se de um efeito intencional. Destacam-se ainda o conjunto de figuras de traço múltiplo, essencialmente cervídeos, das rochas 2 e 5, com realce para a primeira, pela quantidade e qualidade, e também pela minúscula dimensão de alguns destes motivos. Da Idade do Ferro destacam-se os conjuntos de cavalos e geométricos das rochas 1 e 2 e, na rocha 7, também um cavaleiro, algo indistinto, associado a um punhal. A Época Histórica é representada quase exclusivamente por um antropomorfo na rocha 3, uma grande, complexa e detalhada figura, amplamente fálica e de farfalhudo bigode, que não parece ser muito recente, podendo talvez recuar ao século XVIII, e que tem fortes semelhanças com uma outra figura, desta feita feminina, que se encontra na rocha 5 da Canada da Moreira (orientado ao Douro), sendo provavelmente feitas pelo mesmo autor, o qual terá talvez origem na aldeia do Orgal, situada a meia distância entre os dois sítios.

3.1.11. Rego da Vide.

Junto com a Canada do Inferno, este é dos primeiros sítios da arte do Côa a ser identificado e investigado na primeira fase dos trabalhos, desde Setembro de 1993 (Rebanda, N., 1995a: 7; 1995b: 12; Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 150). Em Outubro de 1995 conheciam-se cinco rochas e, nesse mês, aproveitando um abaixamento generalizado das águas da albufeira do Pocinho, descobriram-se outras quatro (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 255). Apenas uma não está hoje submersa, mas foram todas desenhadas naquela ocasião e publicadas no Relatório de 1997 (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215, 255-261, 298-305), pelo que este sítio é dos mais bem conhecidos da região (ver também Baptista, A. M., 1999: 56-57, 184-185; 2008b: 50-51). Estas nove rochas são referidas nos inventários seguintes (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista, A. M. & García Diez, M., 2002: 194; Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 170-171). Em Março de 2009 inventariamos mais três rochas, referindo assim doze no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Por fim, em 2010, e a partir de informações fornecidas pelos primeiros prospectores no

Côa²⁰, resolvemos incluir mais uma rocha no inventário. Essa rocha terá sido descoberta em 1991, e um esboço existe das suas gravuras, mas terá sido destruída pelas obras da barragem pouco depois da sua descoberta, pelo que foi sempre ignorada nos inventários mas, mesmo tendo gravuras modernas pouco relevantes, pertence sem dúvida ao acervo da arte do Côa.

O Rego da Vide é o vale de uma linha de escorrência de água, que nasce ainda no planalto, à cota de 400 metros, mas inicia imediatamente a queda para o Côa e a abertura do respectivo vale na encosta sobre o rio, na margem esquerda. Segue na direcção Noroeste-Sudeste, e tem uma extensão de aproximadamente 1300 metros. O vale é bastante profundo, com um desnível máximo na ordem dos 200 metros, mas muito largo, com uma abertura máxima superior a 700 metros. O sítio confina a Norte com Vale de Moinhos, e a Sul com a Canada do Inferno. É o sítio mais extensamente afectado pelas obras da barragem do Côa, nomeadamente na sua parte inferior, tanto por destruição directa como por ocultação debaixo de escombrelas das obras.

Das treze rochas presentemente conhecidas, cinco têm gravuras paleolíticas e nove gravuras modernas. As rochas 1 a 9 foram já publicadas (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 255-261, 298-305). A rocha 13, que foi destruída, tinha figuras filiformes modernas, incluindo uma interessante figura antropomórfica com chapéu de três bicos, de aparência um tanto napoleónica, e um possível quadrúpede paleolítico em traço simples. Quanto às rochas 10 a 12, ocupam um lugar particular no historial da arte do Côa.

Em 2009 resolvemos explorar um pouco a parte superior do vale, com dois objectivos em mente. Em primeiro lugar, dar uma primeira vista de olhos aos vários grupos rochosos existentes ao longo dessa área, para aferir do seu potencial, mas também ir registar um pequeno grupo de rochas gravadas de cuja existência já tínhamos conhecimento há algum tempo. Algo surpreendentemente, a prospecção revelou-se completamente infrutífera, tendo em conta a quantidade relativamente avultada de afloramento e as condições propícias de vários para a realização de gravuras. Embora não tenhamos feito prospecção sistemática, e falte ainda ver um ou dois grupos de afloramentos, pensamos agora que o mais provável é não haver gravuras antigas naquela zona do sítio. Quanto ao segundo objectivo, tínhamos conhecimento da existência de um conjunto de gravuras muito recentes, feitas em 1995 por um habitante de Vila Nova de Foz Côa, Fernando Mimoso. Em plena polémica da barragem do Côa, o objectivo era confessadamente (até num programa televisivo da altura) mostrar que qualquer um podia fazer aquelas gravuras ditas paleolíticas, e que por isso elas deveriam ser recentes e se poderia fazer a barragem. Ao todo são três rochas distintas, ao lado umas das outras, numa pequena linha de água afluente da canada principal, na parte mais elevada do sítio, perto do planalto. Se a implantação é pouco típica do paleolítico, o mesmo acontecendo com as superfícies escolhidas, de superfícies grosseiras e de costas voltadas ao Côa, já as gravuras mostram alguma mestria por parte do seu autor. São cópias não fiéis dos originais que na altura se iam sendo conhecidas pelo grande público, sobretudo as da Canada do Inferno e do Rego da Vide, e foram todas obtidas por picotagem. Com excepção de uma tosca e quase infantil imitação do antropomorfo paleolítico da Ribeira de Piscos, as restantes figuras imitam razoavelmente os originais paleolíticos, nas dimensões, nas formas (com os corpos por vezes algo desproporcionados), na disposição dentro dos painéis e nos estilos (ocasionalmente misturando na mesma figura estilos diversos). Para além do razoável efeito estético conseguido, estas gravuras pertencem a um momento muito específico da história do Côa merecendo, na nossa opinião, integrar o lote dos seus registos.

3.1.12. Canada do Inferno.

A primeira referência escrita de que temos conhecimento sobre a existência de gravuras na Canada do Inferno surge pela mão do conhecido abade de Baçal que, na sua monumental obra dedicada ao Distrito de Bragança, publica uma muito breve referência a Vila Nova de Foz Côa, em que menciona

²⁰ Nomeadamente João Félix e Manuel Almeida, que integraram a partir de 1991 o “Projecto Arqueológico do Côa”, e também Fernando Barbosa, a quem agradecemos as informações prestadas.

a existência de uma cruz gravada na Canada do Inferno (Alves, F. M., 1938: 282-283). Esta referência passará despercebida, e só muito mais tarde a Canada do Inferno voltará à ribalta. Primeiro, e ainda hesitantemente, com a descoberta de umas gravuras filiformes por Francisco de Sande Lemos em 1989, quase seguramente paleolíticas, mas numa rocha que hoje não sabemos identificar (Lemos, F. S., 1995: 145). Posteriormente, em 1991, com a descoberta da rocha 1 por Nelson Rebanda (1995a: 6-7; 1995b: 11-12), seguida de várias outras. Em 1995, a equipa chefiada por António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes irá aprofundar o inventário, chegando às 38 rochas, na sua grande maioria submersas. Uma primeira monografia surge ainda nesse ano (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1995), consideravelmente aprofundada em 1997 (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215, 217-254, 261-297). Naturalmente, terá sempre lugar de destaque nos inventários que vão saindo (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 194), e em todas as publicações sobre a arte do Côa.

Há alguma incongruência nas primeiras referências ao número total de rochas conhecidas no sítio. Assim, em 1995 e 1997 referem-se 36 rochas conhecidas (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1995: 357; 1997: 214, 218). Em 1998 e 1999 identificam-se as rochas 39 e 40, ambas emersas e acessíveis, e é este número referido no inventário de 1999 (Baptista, A. M., 1999: 19). Entretanto, ficaram para trás as rochas 37 e 38, que sabemos estarem submersas, e que não tiveram oportunidade de serem descobertas depois do mês de Setembro de 1995, uma vez que a albufeira do Pocinho não voltou a ser esvaziada após essa altura. Esta incongruência terá, seguramente, a ver com a pressa com que os trabalhos tiveram que ser realizados em 1995, pois o esvaziamento foi de curta duração e o trabalho a realizar era muito, sabendo-se de várias rochas com gravuras na área submersa que ficaram por inventariar (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 217-218). Finalmente, em 2000 identificam-se as rochas 41 e 42, por intermédio de Manuel Almeida e João Félix, e em 2005 aparece a rocha 43, descoberta por Dalila Correia, sendo esse o número referido nos últimos inventários (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 170; Reis, M., 2011: 120-123).

Trata-se de uma pequena ribeira, com pouco mais de 3150 metros de comprimento. Nasce em área planáltica, à cota de 430 metros, e segue um percurso de Oeste para Leste. Inicia a descida para o Côa e a escavação do vale à cota de 350 metros, fazendo um percurso final em vale encaixado com 1350 metros de extensão. O vale é pronunciado mas não excessivamente encaixado, pouco passando dos 100 metros de profundidade máxima. A parte superior da margem direita foi toda alterada pela exploração das pedreiras do Poio, nada restando aí para observar. A margem oposta apresenta afloramentos de alto a baixo, mas a maior concentração é claramente na parte terminal. A entrada da ribeira na margem esquerda do Côa faz-se numa praia fluvial, hoje submersa e que nunca foi possível investigar, mas para a qual há expectativas de ter vestígios de ocupação antigos. Sabe-se que algumas das rochas paleolíticas na zona submersa estão parcialmente enterradas neste terraço, e poderão ocorrer situações semelhantes às das rochas 1 e 19 do Fariseu²¹.

Neste conjunto de 43 rochas conhecidas, apenas quatro tem gravuras da Pré-história Recente, enquanto nove têm gravuras de Época Histórica. O Paleolítico Superior domina amplamente, com 37 rochas, e há ainda uma rocha com gravuras de cronologia indeterminada. Muitas das rochas do primeiro lote de 36 inventariadas foram já extensamente publicadas (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1995; 1997: 217-254, 261-297). As gravuras da Pré-história Recente consistem sobretudo em animais, essencialmente caprinos e alguns peixes, presentes nas rochas 3, 4 e 5, e surgindo em grande número na rocha 36. A temática é comum ao Paleolítico Superior, mas o estilo e técnica das representações, com picotados em “bago de arroz” muito distintos dos paleolíticos, remetem para uma cronologia pós-glaciar. A Época Histórica é particularmente exuberante neste sítio, avultando a temática religiosa, presente em múltiplas cruces, custódias, algumas inscrições e várias figurações humanas, algumas das quais também de cariz religioso. Estão enquadradas por várias datas gravadas, entre princípios do século XVII e o século XX, sendo a mais antiga de 1600, na rocha 24, ainda hoje a mais antiga das datas gravadas conhecidas na região. A maioria das representações é picotada, sendo raras as figuras incisas. Uma destas é uma

²¹ Ver mais à frente a descrição do sítio do Fariseu.

representação esteliforme na rocha 10, para a qual se aventou a hipótese de pertencer à Idade do Ferro (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 24, 264). Tendo em conta a ausência de outras representações conhecidas deste período na Canada do Inferno, e também a quase ausência de paralelos conhecidos para este tipo de motivo na arte proto-histórica da região, em conjugação com a existência de motivos similares claramente modernos, parece mais provável que seja uma figura recente. Quanto às gravuras paleolíticas, integram o melhor da arte do Côa, e mais conhecidas seriam se houvesse acesso à zona submersa, pois muito do melhor das gravuras da Canada do Inferno se encontra aí. Referimos apenas brevemente três das rochas mais recentemente descobertas e que se encontram acessíveis. A rocha 40 tem um auroque picotado. A rocha 43 apresenta um conjunto de figuras em traço múltiplo, numa técnica que é um misto de raspagem e incisão, associando alguns cervídeos a um conjunto de signos fusiformes. Por fim, a rocha 41 tem figuras incisas de enorme qualidade estética, com um pequeno conjunto de signos fusiformes e reticulados associados a alguns animais de traço múltiplo e, sobretudo, a um grupo de três belos cavalos de traço simples, de grande delicadeza e detalhe.

As rochas conhecidas encontram-se na parte terminal da ribeira, na maioria já voltadas ao Côa, de um e outro lado da foz. Também já se conhecem algumas na margem esquerda da ribeira, perto do leito, formando um pequeno grupo aproximadamente a duas centenas de metros para montante das restantes rochas. Falta ainda prospectar sistematicamente toda a área emersa do sítio, sendo possível que mais algumas rochas possam ainda aparecer, e seria importante rever toda a zona submersa, pois deve ter surpresas importantes por revelar.

3.2. O vale do Côa, entre a Canada do Inferno e o grupo da Quinta da Barca/Penascosa.

Esta área é toda de geologia xistosa mas, ao contrário da anterior, já não pertence integralmente à Formação da Desejosa. Um pouco a Sul da Ribeira de Piscos inicia-se uma nova e estreita faixa xistosa, pertencente à chamada Formação do Pinhão, que integra os sítios da Ribeira das Cortes, Quinta da Barca, Penascosa e Foz da Ribeirinha, e que por sua vez dá lugar a uma nova faixa de xistos, da chamada Formação do Rio Pinhão, e à qual pertencem já as quatro rochas do sítio da Ribeira da Volta.

Nesta área conhecemos actualmente onze sítios, nas encostas e afluentes do Côa em ambas as margens, numa extensão aproximada de 7,1 quilómetros, desde a Canada do Inferno até à Foz da Ribeirinha. Cinco destes sítios formam um grupo denso no sector mais a montante do troço, composto pelos sítios da Ribeira das Cortes, Quinta da Barca, Penascosa, Ribeira da Volta e Foz da Ribeirinha. A intensidade da prospecção é semelhante à da área anterior, mas apenas dois sítios, Penascosa e Quinta da Barca, foram já sistematicamente prospectados. Também na prospecção geral há alguns detalhes por fazer, não se podendo ainda dizer que todos os sítios estão descobertos. Em particular, na margem esquerda não temos a certeza se a encosta do Poio, localizada entre os sítios da Canada do Inferno e de Vale de Videiro, poderá ou não ter arte rupestre, a sua prospecção ainda não foi realizada, se bem que o seu grau intenso de destruição pela exploração de antigas pedreiras possa eventualmente não permitir vir a ter certezas neste aspecto. Também a margem direita do Côa nesta área precisa de mais prospecção, sendo possível que surja mais um sítio ou dois. O curto troço entre a Quinta de Ervamoira e a Penascosa, em ambas as margens, precisa de ser melhor prospectado. Em relação à área anterior, entre a foz do Côa e a Canada do Inferno, nota-se agora a menor importância da margem direita, com poucos sítios, e alguma descontinuidade na sua sequência, particularmente na margem esquerda na zona da Quinta da Ervamoira, entre a Ribeira de Piscos e a Ribeira das Cortes, que a recente descoberta do sítio das Olgas de Ervamoira só em parte colmata. Não é impossível que mais sítios com mais gravuras possam vir a aparecer futuramente neste último troço, em ambas as margens, mas não há condições para a existência de grandes sítios profusamente gravados. A única zona que teria condições para isso seria a encosta do Alto da Escavada, sobre o vale do João Coelho, logo a jusante da Penascosa, mas a prospecção realizada revelou-se infrutífera.

Refira-se ainda que, incluindo os sítios do Rego da Vide e da Canada do Inferno, referidos na área anterior, é neste trecho do Côa que se encontram quase todas as figuras paleolíticas gravadas por picotagem ou abrasão e que estilisticamente pertencem à fase mais antiga da arte paleolítica do Côa, formando um grupo homogéneo numa área restrita do vale, definida por António Martinho Baptista como o “santuário arcaico” (Baptista, A. M., 2008b: 170-172), por contraposição ao “santuário recente”, muito mais expandido territorialmente, até à embocadura do Côa e invadindo amplamente o Douro. Este santuário arcaico incluiria ainda as figuras paleolíticas da Faia, e talvez também o cavalo paleolítico picotado da rocha 9 de Vale de Moinhos. A recente excepção a esta distribuição restrita das gravuras paleolíticas da fase mais antiga está na rocha 4 do Vale Escuro, localizada num pequeno vale sobre o Douro perto da aldeia do Pocinho, no limite setentrional da distribuição actualmente conhecida da arte do Côa. Resta saber se esta única figura do Vale Escuro, um prótomo de veado, anuncia a expansão do santuário arcaico para o Douro, porventura escondido sobre as águas da albufeira do Pocinho, ou se é uma rocha e figura isolada, à semelhança de outras que tem vindo a aparecer ao longo do Vale do Douro. Curiosamente, medindo as distâncias em linha recta até ao coração deste santuário arcaico no Côa (que podemos considerar os dois sítios vizinhos da Penascosa e Quinta da Barca), a distância até à rocha do Vale Escuro é similar à distância até ao auroque recentemente descoberto no rio Águeda no sítio do Redor do Porco (Baptista, A. M. & Reis, M., 2011), que também parece estar isolado. Assim, parece provável que o santuário arcaico se restrinja a esta área no Côa, havendo depois um conjunto de rochas e figuras mais ou menos isoladas ao longo do Vale do Douro.

3.2.1. Vale de Videiro.

A rocha 1 foi descoberta em Novembro de 1994 (Rebanda, N., 1995a: 7; 1995b: 12) mas, na inventariação a seguir elaborada, este sítio começou por não ser registado, sendo esta rocha provavelmente incluída no conjunto de Vale de Figueira (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215). A rocha 2, com pinturas esquemáticas da Pré-história Recente (Baptista, A. M., 1999: 161), incluindo figuras antropomórficas, foi identificada em 1999 e, a partir daí, este sítio surge já inventariado separadamente (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 194; Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 170; Reis, M., 2011: 120-123). Refira-se ainda que Nelson Rebanda (1995a: 9; 1995b: 13) se refere ao único motivo, em picotado e abrasão, da rocha 1 como sendo uma representação de rena (*Rangifer tarandus*). A figura, pouco estudada e conhecida, até por estar submersa, aparenta ser uma figura compósita, e a sua identificação como rena não parece consistente (Baptista, A. M., Santos, A. T. & Correia, D., 2009: 131).

A ribeira tem um percurso de cerca de 5100 metros, correndo de Oeste para Leste. Nasce no planalto, à cota de 440 metros, e percorre neste 1200 metros até, à cota de 390 metros, iniciar a escavação do vale encaixado. No troço final atinge a máxima profundidade, na ordem dos 250 metros, e é também aqui que, à semelhança de Vale de Figueira, aparecem os primeiros afloramentos rochosos, nos últimos 400 metros do percurso, numa e noutra margem, embora na margem direita alguns tenham sido destruídos na exploração de uma pedreira hoje abandonada. A rocha 2 está na margem esquerda da ribeira, perto do leito, num enorme afloramento destacado na paisagem, a 300 metros da foz. A rocha 1 está sobre o Côa, num painel semi-submerso acessível apenas de barco.

3.2.2. Vale de Figueira.

A inventariação deste sítio e dos seus registos tem um historial algo complicado e com pequenas incongruências e indefinições, que podemos tentar esmiuçar. A primeira referência surge em 1989, quando Francisco de Sande Lemos identifica um painel com gravuras do tipo “unhadas do diabo”, não lhe atribuindo na altura um número de inventário, numa rocha que mais tarde será inventariada como rocha 3 (Lemos, F. S., 1995: 145). Provavelmente devido ao seu mau estado de conservação e difícil visibilidade

de, não reparou então na existência de pinturas neste mesmo afloramento, em dois painéis laterais ao anterior. Mais tarde, pouco antes da revelação pública da existência da arte do Côa, é descoberta a rocha 1 em Novembro de 1994 (Rebanda, N., 1995a: 7; 1995b: 12), na foz da Ribeira de Vale de Figueira. Com a nova equipa de investigação que se forma em 1995, novas rochas vão sendo encontradas até, numa primeira fase, se atingir um total de cinco. No entanto, no primeiro inventário publicado, são referidas seis rochas (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215). Sabemos, no entanto, que a rocha 6 é descoberta apenas em 2006, pelo que estas seis rochas devem seguramente incluir a rocha 1 de Vale de Videiro, sítio que neste inventário não estava ainda discriminado embora esta rocha já fosse conhecida. Destas cinco rochas então inventariadas, quatro têm gravuras paleolíticas, mas continuou a haver alguma confusão no inventário. Em 1999 são apenas referidas quatro rochas, duas das quais com gravuras paleolíticas (Baptista, A. M., 1999: 19). Em 2001 referem-se quatro rochas paleolíticas (Baptista, A. M., 2001: 238) mas, em 2002, esse número desce para três (Baptista A. M. & García Diez, M., 2002: 194). Em 2006, André Tomás Santos e Dalila Correia, do PAVC, descobrem a rocha 6, com uma grande figura incompleta de auroque em traço picotado, e mais um ou outro motivo filiforme, e é com este número que surge o penúltimo ponto da situação (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 170). Em 2007 fizemos uma pequena área de prospecção sistemática na encosta sobre o Côa, entre a rocha 3 e a pedreira que se para Vale de Figueira do sítio do Fariseu, e descobrimos e registamos a rocha 7, já referida no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

A ribeira inicia o seu percurso nos limites do planalto de Foz Côa, à cota de 430 metros, e começa imediatamente a escavação do vale encaixado. Percorre um caminho quase linear, de 2150 metros de extensão, na direcção Oeste-Leste. As ribeiras de Vale de Figueira e de Vale de Videiro são muito parecidas uma com a outra, na sua configuração, orientação, profundidade e quantidade de afloramentos, embora a primeira seja mais curta e menos sinuosa. Os seus vales estão separados por uma longa e estreita linha de cumeeada. No troço final, ambas rodeiam o mesmo monte por lados opostos, o chamado monte Teixugo ou Texugo, um cabeço elevado de forma cónica e topo arredondado, que se destaca no meio das duas ribeiras²². Embora Nelson Rebanda comece por referir separadamente os dois sítios, parece ter havido posteriormente a ideia de os juntar num só, sob a designação de Teixugo. No entanto, provavelmente por se tratar de duas longas ribeiras, e de já haver vários exemplos de distribuição de rochas ao longo de ribeiras similares, optou-se por separar definitivamente os dois sítios. É uma decisão compreensível, e faria todo o sentido se, como se esperava, se viessem a descobrir mais rochas no interior das duas linhas de água. No entanto, quase todas as rochas conhecidas situam-se ao longo do Côa, e não dentro das ribeiras (a rocha 1 está na embocadura). Em Vale de Videiro, apenas a rocha 2 apareceu na ribeira, e tudo indica que será a única, embora seja necessário prospectar mais intensamente. Em Vale de Figueira, tal como na anterior, são poucos os afloramentos no interior da ribeira e, embora falte também prospecção, duvidamos que venham aí a aparecer novos registos. Assim, é pena que a hipótese inicial de inventariar estes sítios como um só não se tenha concretizado, pois para além da separação entre eles ser arbitrária, não há uma descontinuidade óbvia entre a distribuição das rochas num e noutro sítio, particularmente das paleolíticas, e é muito provável que uma futura prospecção da zona submersa só venha acentuar esta continuidade. Quanto à zona emersa, há ainda muito por prospectar, no interior das ribeiras (para confirmar ou desmentir o que atrás afirmamos), nas imediações das rochas actualmente conhecidas, e em toda a encosta do Monte Teixugo, que apresenta uma das mais densas concentrações de afloramentos de xisto de toda a região da arte do Côa.

Das sete rochas, duas têm motivos da Pré-história Recente e seis apresentam motivos paleolíticos, havendo ainda alguns traços modernos pouco relevantes na rocha 6.

Apenas a rocha 3 não tem figuras paleolíticas. Motivos picotados encontram-se em quatro rochas. As rochas 2, 5 e 6 têm um único animal cada: incompleto e indeterminado na rocha 2, um auroque na rocha 6, fragmentado e reduzido à parte traseira, e um prótomo de cerva na rocha 5. A rocha 1 tem grande quantidade de motivos picotados, sobretudo auroques, e um interessante signo em forma de ponte,

²² Em cujo topo descobrimos um pequeno sítio arqueológico de cronologia pré-histórica.

único no seu género e um dos raríssimos signos picotados da arte do Côa. Motivos incisos encontram-se em quatro rochas: as rochas 4 e 7 com pequenos conjuntos de motivos de difícil interpretação, um possível animal de traço simples na rocha 6, coberto por líquenes e pouco visível, e a rocha 1, que congrega no sector direito grande quantidade de motivos, sobretudo cervídeos de traço múltiplo e algumas raras figuras indeterminadas em traço simples.

As rochas 1 e 3 mostram uma apreciável variedade de motivos pré-históricos. Na rocha 3 há figuras pintadas a vermelho: alguns antropomorfos esquemáticos e várias manchas de difícil interpretação. Na rocha 1 surgem duas ou três figuras zoomórficas picotadas, de caprinos e/ou cervídeos, muito esquemáticas e desenhadas por aglomerações de múltiplos pontos dispersos, uma técnica de “bago de arroz” muito distinta das picotagens concentradas paleolíticas. Em ambas as rochas aparecem as conhecidas gravuras lineares profundamente gravadas conhecidas como “unhadas do diabo”, em quantidades numerosas²³. Como curiosidade, refira-se na rocha 1 uma figura de veado paleolítico de traço múltiplo cujos traços na cabeça são claramente sobrepostos por uma única gravura linear do tipo “unhada do diabo”. Por si só este dado não fornece uma cronologia para estas misteriosas gravuras, mas é mais um apoio à tese de que datarão da Pré-história Recente.

3.2.3. Namorados.

As primeiras três rochas dos Namorados foram identificadas logo em 1996, mas a rocha 3 apresenta apenas alguns filiformes modernos pouco relevantes, e só as duas primeiras foram tomadas em conta nos primeiros inventários (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19). Em meados de 2006, quando relocalizamos as três rochas conhecidas, descobrimos também a rocha 4. Logo a seguir o senhor Manuel António, da aldeia do Orgal, mostrou-nos a rocha 5, e na mesma ocasião descobrimos ainda as rochas 6 e 7, sendo esta a sùmula apresentada nos últimos inventários (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 180-182; Reis, M., 2011: 120-123).

A Canada da Quintanilha é um curso de água que corre paralelamente e a Sul da Canada do Amendal, mas apenas o seu percurso final adopta este topónimo, numa extensão linear e de encostas profundas com aproximadamente 1000 metros.²⁴ Antes, o curso de água toma o nome de ribeira do Piçarral, iniciando-se no planalto, à cota de 550 metros, no sopé Norte do Monte de São Gabriel, e percorrendo cerca de 1000 metros antes de, à cota de 400 metros, iniciar a escavação do vale encaixado. Este estende-se por 1400 metros, num percurso sinuoso, de Leste para Oeste, até ao princípio da Canada da Quintanilha, à cota de 250 metros. Tem variados afluentes de ambos os lados, cada um com o seu pequeno mas profundo vale. Estes têm os seus próprios topónimos, e aquele onde primeiro foram identificadas rochas decoradas tem o topónimo de Namorados²⁵, razão pela qual foi adoptada esta designação para este sítio na sua globalidade, correspondente à algo intrincada bacia hidrográfica da parte intermédia da ribeira, entre a orla do planalto e o princípio da Canada da Quintanilha. As rochas 1, 2, 3 e 4 encontram-se neste pequeno afluente, que corre de Sul para Norte e se junta à ribeira principal não longe do início da escavação do vale. As restantes estão junto ao leito da ribeira, pouco abaixo das anteriores.

O sítio tem alguma complexidade topográfica, com diversas pequenas e profundas linhas de água afluentes da ribeira principal e, embora os grupos de afloramentos não sejam grandes, vão aparecendo em várias situações, intercalando com trechos de encostas despidas. Prevíamos assim o aparecimento de mais rochas, até porque pouca prospecção tinha sido realizada. Em princípios de 2009 efectuamos essa prospecção em diversos locais do sítio, alguns bastante extensos. Não foi prospecção sistemática, mas foi bastante intensa, com a intenção de avaliar com rigor o potencial arqueológico das zonas e gru-

²³ Ao longo da bacia do Douro Superior existem numerosos exemplares deste tipo de gravuras, formando um grande grupo regional no qual se integram os exemplares conhecidos na região da arte do Côa. Tradicionalmente consideradas pré-históricas, ainda que sem argumentos convincentes, iremos também assim considerá-las aqui, pelo menos enquanto não surgir evidência em contrário.

²⁴ Ainda não prospectamos este troço final da ribeira, e não conhecemos aqui rochas historiadas.

²⁵ Segundo a população local, o verdadeiro topónimo será “Namoradas”, e não “Namorados”, como foi sempre designado nas publicações científicas.

pos de afloramentos observados. Para nossa surpresa, nada mais apareceu. Uma vez que a prospecção não abrangeu a área toda, não é impossível que alguma rocha possa ainda surgir mas, neste momento, parece-nos que este sítio pouco mais terá para oferecer.

É um sítio pouco típico no contexto da arte do Côa, com predominância de gravuras da Pré-história Recente, nas rochas 1, 5 e 7. A Época Moderna e a Idade do Ferro estão representadas cada uma na sua rocha, havendo ainda duas de cronologia indeterminada. Todas as figuras da Pré-história Recente são picotadas, enquanto as restantes são em traço inciso, com excepção do único motivo da rocha 6, de cronologia indeterminada, e que se salienta pela estranheza. É uma grande figura picotada, de traço extremamente irregular, aparentemente incompleta e não formando um motivo perceptível. Poderá ser parte do corpo de uma figura zoomórfica, mas tal não é certo. A sua cronologia é claramente incerta, mas parece antiga, da Pré-história Recente ou até, porque não, do Paleolítico Superior.

Olhando para o conjunto de rochas, salienta-se a rocha 1 com o seu amplo conjunto de antropomorfos esquemáticos com capacete de cornos (Baptista, A. M., 1999: 162-163), encostada ao leito do afluente, e logo acima de uma queda de água²⁶. Em frente, na outra margem, encontra-se a rocha 4, com o seu único cavalo filiforme da Idade do Ferro, aparentemente isolada e dissociada de mais rochas e gravuras do mesmo período, uma raridade na arte proto-histórica do Côa. Para cima, na parte inicial deste afluente, a rocha 3 tem algumas incisões pouco relevantes, destacando-se duas figuras de aves que se vem juntar ao reportório já abundante deste tipo de motivo na arte moderna na região. No extremo oposto, já na linha de água principal e um pouco acima da rocha 6, surge o conjunto das rochas 5 e 7, a primeira com mais antropomorfos similares aos da rocha 1, a outra com uma pequena figura de ofídio, de corpo ondulante e boca aberta.

3.2.4. Fariseu.

As primeiras duas rochas deste sítio são descobertas em 1995 pela nova equipa de investigação da arte do Côa formada nesse ano²⁷, aparecendo nos primeiros inventários (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19). Um pouco mais tarde são referidas sucessivamente cinco rochas (Baptista, A. M., 2001: 238) e seis rochas (Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 194). No entanto, em finais do ano 2000 conheciam-se pelo menos já oito rochas, na altura ainda não estudadas e inventariadas. Esse número sobe para onze rochas em 2004. Em 2005, na prospecção sistemática efectuada em toda a área do sítio (excepto, obviamente, na zona submersa nas águas da albufeira do Pocinho), o número subiu para 18 e em seguida para 19, com a rocha encontrada na escavação desse ano (Aubry, T. & Sampaio, J., 2008: 11, 21), já referida nos últimos inventários (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 169-170; Reis, M., 2011: 120-123).

Corresponde a uma encosta na vertente Leste do Monte Fariseu, numa pronunciada curva do Côa, confinando a Norte com Vale de Figueira e a Sul com a Ribeira de Piscos, sendo em ambos os casos a separação bem demarcada por antigas pedreiras. A encosta termina num terraço fluvial sobre o Côa, e encosta e terraço são separados em duas metades por uma pequena linha de água, pouco profunda mas bem assinalada na paisagem. O terraço é bastante extenso, prolongando-se por cerca de 500 metros, mas pouco largo, não ultrapassando os 50 metros de largura. Quase todo o terraço se encontra hoje submerso. Das dezanove rochas conhecidas, apenas cinco se encontram nas margens da pequena ribeira, distribuindo-se as restantes sobre o Côa, de um e outro lado da sua foz numa extensão de 300 metros, algumas no terraço, outras na encosta imediatamente sobranceira.

Uma rocha tem motivos da Idade do Ferro, enquanto três apresentam gravuras de cronologia indeterminada. O Paleolítico Superior domina claramente, com gravuras em 17 rochas. A isto devemos ainda acrescentar o amplo conjunto de placas com gravuras paleolíticas que tem vindo a ser descoberto no

²⁶ O painel desta rocha foi vandalizado com graffiti em 2009, estropiando irremediavelmente o belo efeito estético do conjunto dos picotados

²⁷ Essa equipa será liderada por António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes, que sucederam a Nelson Rebanda, mas incorporará alguns dos seus colaboradores, nomeadamente Fernando Barbosa, João Félix e Manuel Almeida.

decurso da escavação arqueológica (Aubry, T., 2009b; Baptista, A. M., 2008b: 65-71, 104; Garcia Diez, M., 2009; Garcia Diez, M. & Aubry, T., 2002), que já numeram várias dezenas de exemplares. À semelhança do critério que adoptamos para os sítios da Cardina, Paço, Cruzeiro Velho ou Vinagreira, preferimos considerar este conjunto de placas gravadas como um só registo (muito diversificado), sendo assim o vigésimo do sítio.

A rocha 1 é, sem dúvida, a principal do sítio, e um dos mais espectaculares painéis de toda a arte do Côa. Estava quase toda soterrada pelos sedimentos recentes formados pela albufeira da barragem do Pocinho, colocados a descoberto com o abaixamento das águas efectuado em 1995, e eram apenas visíveis alguns picotados na sua parte superior. Tem um grande painel com vários metros de comprimento e altura, integralmente gravado com quase uma centena de motivos, na sua grande maioria por picotagem ou abrasão. Foi recentemente publicada (Baptista, A. M., Santos, A. T. & Correia, D., 2008; Baptista, A. M., 2008b: 56-67), e uma réplica pode ser observada no Museu do Côa. Com excepção de peixes, tem o conjunto completo dos animais normalmente representados na região, sendo de destacar as camurças (*Rupicapra rupicapra*), raras no contexto regional.

Mais motivos picotados paleolíticos encontram-se nas rochas 2, 3, 5, 6, 9 e 19, geralmente em escassa quantidade. A rocha 2, a única localizada no interior da pequena ribeira, tem um grande veado, na rocha 3 surgem dois ou três cavalos. A rocha 5, hoje enterrada nos lodos recentes trazidos pelo alteamento das águas, apresenta um veado e um cavalo, enquanto a rocha 6, localizada na continuação superior da rocha 1, tem unicamente uma grande cabeça de veado, representado com a boca aberta a bramir. Na rocha 9 é visível um único traço picotado, que se prolonga para a parte enterrada do painel, sendo provável que haja mais figuras nesta rocha. A rocha 19 foi descoberta no decurso da escavação arqueológica, mas apenas foi possível entrever uma parte muito reduzida da parte lateral do seu painel (Aubry, T. & Sampaio, J., 2008: 11, 21). Foram perceptíveis diversos traços picotados, pertencentes seguramente a várias figuras ainda indeterminadas. Esta rocha surge logo em frente ao painel da rocha 1, sendo mais baixa que esta, e não se sabendo ainda qual a sua cota inferior. Como se afigura provável que o seu painel se prolongue mais para baixo que o painel da rocha 1, é possível que novos dados cronoestratigráficos sobre a relação entre a realização de gravuras e a ocupação paleolítica no vale do Côa possam ser acrescentados aos já obtidos com a escavação da rocha 1, nomeadamente se novas e mais antigas camadas aparecerem a recobrir gravuras. É uma possibilidade em aberto, nomeadamente tendo em conta que a escavação de 2007 revelou uma nova camada anterior às previamente conhecidas (Aubry, T. & Sampaio, J., 2009: 82-83).

Mais abundantes são as figuras filiformes nas restantes rochas paleolíticas, merecendo destaque o conjunto de figuras na rocha 4, (nomeadamente um enorme auroque), um signo em forma de meandro ondulado da rocha 10, alguns animais, sobretudo cervídeos em traço múltiplo das rochas 12 ou 18 e, sobretudo, o grande conjunto de figuras da rocha 8 com algumas excelentes figuras de caprinos, um ou outro signo, e a única figura antropomórfica conhecida fora do sítio da Ribeira de Piscos (Baptista, A. M., 2008b: 90-91). Na rocha 7 surgem dois ou três cervídeos muito esquematizados que, como referimos noutro sítio, poderão talvez ser epipaleolíticos (Reis, M., 2011: 109-113).

Da Idade do Ferro conhece-se a rocha 7, com um grande conjunto de motivos, em que se distingue um antropomorfo, variados animais e muitos geométricos. É possível que as rochas 13, 14 e 15 tenham também gravuras deste período mas, com uma revisão recente que fizemos, achamos preferível considerá-las indeterminadas.

Há referências fidedignas por parte da população local à existência de pelo menos mais uma rocha com muitas gravuras picotadas, localizada a jusante da rocha 4, na periferia da distribuição actualmente conhecida. Essa rocha estaria nas imediações de um antigo moinho, hoje submerso, mas cujos anexos são ainda hoje visíveis na encosta, fora de água, um pouco antes do início da zona de pedreira que separa o sítio do Fariseu do sítio de Vale de Figueira²⁸. Não sabemos se essas gravuras serão recentes ou antigas, mas as pessoas que conheceram o local não se recordam de figuras tipicamente modernas,

²⁸ O moinho está assinalado na carta militar mais antiga, de 1946.

como cruces, custódias ou inscrições, pelo que é provável que seja mais uma rocha com gravuras paleolíticas. Refira-se ainda que a futura visualização desta rocha implicará mais do que apenas o abaixamento das águas da albufeira do Pocinho. Em finais de 2007, quando as águas foram baixadas quatro metros para a realização da escavação, tivemos ocasião de percorrer aquela área, a qual se encontra hoje toda colmatada por uma espessa camada de lodo recentemente depositada. Ou seja, e como já se tinha constatado na escavação arqueológica, toda a topografia do terreno foi fortemente alterada (e alteada) com estas deposições, e é altamente provável que, à semelhança das rochas 1, 5, 9 e 19, e desta outra possível rocha associada ao moinho, outras mais estejam ocultas sob água e terra.

3.2.5. Ribeira de Piscos.

As rochas 1 e 2 foram descobertas em Novembro de 1994, por João Félix e Manuel Almeida, e uma terceira rocha surge no ano seguinte, o grande painel com três auroques que será depois inventariada como rocha 13 (Rebanda, N., 1995a: 7-8; 1995b: 12). Em 1996, com a intensificação dos trabalhos, o número sobe para 21, referidas no primeiro inventário, onde são também descritas e levantadas com detalhe as rochas 1, 2, 3, 5, 6 e 7 (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215, 307-325; ver também Baptista, A. M., 1999: 118-129, 161, 182; 2008b: 24-25, 74-75, 78, 86-87, 92-93, 102-103, 163-165, 172-173). Em 1998 descobrem-se mais duas, e em finais de 1999 o total fixa-se em 28 rochas, referidas nos posteriores inventários, ainda que no inventário desse ano se refiram ainda só 26 (Baptista, A. M., 1999: 19), a maioria das quais de cronologia paleolítica (Baptista, A. M., 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 194-195; Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 168-169). Em finais de 2008 voltou a haver novidades, com a descoberta da rocha 29 por Luís Luís, do PAVC. No princípio do ano seguinte descobrimos mais quatro rochas, a última das quais em conjunto com Carla Magalhães, do PAVC, chegando às 33 rochas, referidas no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Por fim, em Outubro de 2011 descobrimos as rochas 34 e 35, e ainda colocamos no inventário a rocha 36, a qual foi descoberta e fotografada por Fernando Barbosa em 1995, estando entretanto desaparecida.

Estas últimas descobertas resultaram de vistorias gerais, não de prospecção sistemática, mas permitiram determinar melhor os limites do sítio. Este é maior do que se pensava, e a distribuição das gravuras prolonga-se até à confluência com a ribeira do Vale da Cabra, o principal afluente da ribeira de Piscos. Esta continua ainda por uma longa distância para lá desta confluência, e não sabemos se haverá mais rochas historiadas nessa área a montante, mas os dados actuais apontam para esta zona da confluência das duas ribeiras como um término da distribuição conhecida das rochas e, em princípio, se vierem a aparecer mais a montante, faremos a sua inventariação num novo sítio. Assim, desde o encontro da ribeira do Vale da Cabra com a de Piscos, até à foz desta última, mede uma distância de aproximadamente 2700 metros, num percurso muito sinuoso mas que mantém sempre a orientação geral de Oeste para Leste. O vale é bastante profundo, mas com um perfil assimétrico neste troço final, com as encostas da margem esquerda mais elevadas que as opostas, com uma diferença que chega aos 150 metros. O desnível de cotas entre o leito da ribeira e o topo das encostas da margem esquerda atinge os 250 metros. Na margem direita, para além das encostas serem mais baixas, são também mais uniformes e menos variadas, sendo sulcadas por poucas e discretas linhas de escorrimento de água, e tendo poucas zonas rochosas, ainda por prospectar. Na margem oposta há uma superior variedade paisagística, com várias importantes linhas de escorrimento de água a rasgar as encostas, com alguma profundidade, apresentando por vezes grandes grupos de afloramentos. O troço final da ribeira está na base do Monte Fariseu, e na encosta deste voltada à ribeira surge um imponente maciço rochoso, que marca indelevelmente a paisagem. Os registos inventariados têm uma distribuição bastante alargada. Das 36 rochas conhecidas, doze encontram-se já nas encostas sobre o Côa, perto deste, quatro a montante da foz, incluindo a rocha 24, e oito a jusante, incluindo a rocha 13 com os seus enormes auroques picotados. A maioria das restantes rochas encontra-se concentrada no troço final da ribeira, por baixo do grande maciço rochoso da encosta do Monte Fariseu, quase todas na margem esquerda perto do leito da ribeira, embora

se conheçam duas na margem oposta. Quatro das rochas descobertas ultimamente dispersam-se pela parte superior do sítio, sempre na margem esquerda, a cotas muito variadas, duas na parte superior da encosta, uma a meia encosta e outra na parte inferior da encosta. No geral, consideramos que ainda falta muito para prospectar no sítio da Ribeira de Piscos, incluindo na zona terminal onde se encontra a maioria das rochas conhecidas, e mais rochas deverão estar por descobrir.

O Paleolítico Superior domina claramente, representado em 25 das 36 rochas. Os restantes períodos cronológicos estão escassamente representados, havendo motivos modernos em sete rochas, da Idade do Ferro em oito, e alguns motivos da Pré-história Recente em apenas três rochas. Destes últimos salientam-se os antropomorfos pintados da rocha 18, o conjunto de barras pintadas da rocha 14 e o antropomorfo picotado da rocha 4. A Idade do Ferro tem uma inusual dispersão dos seus motivos, cada rocha tendo uma pequena quantidade de motivos: um único animal nas rochas 6 e 9 (provavelmente cavalos), um cavalo na rocha 28, um veado e geométricos na rocha 32 e, na rocha 31, um ou outro geométrico, incluindo um motivo espiralado similar a outros assinalados noutros sítios, como na Foz do Côa, Cascalheira ou Vale de José Esteves. As rochas 34 e 35 estão lado a lado, havendo um excelente cavaleiro na rocha 35 e alguns veados e geométricos na rocha 34. Interessante e de características únicas é a rocha 36, que está desaparecida apesar dos nossos esforços para a relocalizar, devendo estar não longe das rochas 34 e 35. Pelas fotografias de 1995 vê-se que apresenta alguns animais, possivelmente cavalos, mas o interesse reside nas suas características físicas: é um grupo de pequenos blocos localizados ao nível do solo numa encosta muito inclinada e pedregosa sobre o Côa.

A Época Moderna tem alguns motivos de interesse. Na rocha 2 encontra-se uma estrela de cinco pontas, ou signo-saimão, motivo relativamente frequente na região. A rocha 12 tem motivos picotados bastante originais, grandes figuras de relógios associadas a datas de meados do século XX. A rocha 17 tem um muito interessante conjunto de três figuras antropomórficas, vestidas com trajes orientais, e duas delas empunhando armas, uma pistola num caso e duas espadas noutra. Pela tipologia do vestuário e das armas serão datáveis dos séculos XVII ou XVIII (Baptista, A. M., 1999: 182). A rocha 33 tem características pouco comuns na arte histórica do Côa. Encontra-se na grande crista rochosa na encosta Sudoeste do Monte Fariseu, voltada à ribeira de Piscos, e parece estar isolada. As gravuras, embora não datadas, parecem bastante recentes, talvez já do século XX ou, quanto muito, do século XIX. A temática é religiosa. Entre outros motivos, o conjunto é encimado por uma carantonha de diabo, tendo logo por baixo uma grande cruz derrubada. Mais abaixo, surge outra cruz, tendo ao lado o que poderá ser uma inscrição bíblica, quase ilegível, e uma outra inscrição aos pés da cruz em que se lê nitidamente “Jeová Meu Deus”. A referência explícita a Jeová não é comum (é a única que conhecemos na região), e não sabemos bem se este conjunto estará ligado ao catolicismo popular, se terá algo a ver com a população judaica que em tempos foi abundante na região, ou se estará relacionada com cultos mais recentes como, por exemplo, as Testemunhas de Jeová.

Das 25 rochas paleolíticas presentemente conhecidas, apenas cinco tem motivos picotados pertencentes à fase mais antiga da arte do Côa. Uma é a bem conhecida rocha 1, com os dois cavalos de cabeças cruzadas, e é a única que está situada no interior da própria ribeira, estando as restantes quatro já sobre o Côa. A rocha 24 tem um quadrúpede incompleto na parte superior, sendo possível que houvesse mais figuras desta fase, entretanto desaparecidas. A rocha 16 apresenta duas camurças, a rocha 15 tem um bode e dois veados, e a rocha 13 tem um impressionante conjunto de três enormes auroques, quase em tamanho natural, num painel elevado e de difícil acesso (Baptista, A. M., 2008b: 74-5). As gravuras incisas da fase mais recente são muito mais abundantes. Algumas são já bem conhecidas, como os belos cavalos de traço simples da rocha 3, a égua e a sua cria da rocha 5, o conjunto de cabras da rocha 7, ou o imenso conjunto de figuras da rocha 2, incluindo a famosa figura humana fálica, o “Homem de Piscos”. Também o grande conjunto de figuras de animais diversos em traço múltiplo da rocha 4 merece destaque, assim como os pequenos painéis das rochas 8 e 11, que ostentam unicamente signos. Destaque também para a possível figura de ave da rocha 9, ainda que a interpretação desta figura não seja segura. Das rochas mais recentemente aparecidas em prospecção, as rochas 30 e 31 estão lado a lado, aparentemente isoladas, e são as mais elevadas até ao momento neste sítio, à cota de 370 metros,

na parte central do vale largo de uma linha de escorrência de água na margem esquerda da ribeira de Piscos, apresentando algumas figuras de traço múltiplo. A rocha 29 é a que surge mais a montante em todo o sítio, já bastante perto da foz da ribeira do Vale da Cabra, e tem uma implantação que merece relevo. Está na periferia montante de um grande e denso grupo de afloramentos, que se estende por uma ampla distância na parte baixa da margem esquerda da ribeira. Surgem aqui bastantes painéis verticais com boas condições, mas apenas na rocha 29 encontramos gravuras, apesar da prospecção com alguma intensidade que efectuamos. Apresenta, para além de alguns poucos traços sem definição aparente, uma única figura de um cervídeo em traço simples, de apreciáveis dimensões. De certa forma, parece ser a figura, isolada, que marca o início ou o final do sítio e da distribuição das suas figuras paleolíticas, o que poderá vir a ser confirmado ou desmentido por uma prospecção mais detalhada e completa. Por fim, nunca é demais salientar a extraordinária qualidade da rocha 24, onde se encontra uma magnífica colecção de quase uma vintena de figuras antropomórficas paleolíticas, todas em traço filiforme, de muito pequenas dimensões e difícil visibilidade e, como é característico destas raras representações na arte paleolítica europeia, com aspectos de grande originalidade e excentricidade face aos típicos motivos zoomórficos. Recentemente, muitas destas gravuras foram publicadas com maior detalhe (Baptista, A. M., 2008a; 2008b). Salienta-se também a excepcional qualidade artística e estética das suas figuras zoomórficas, onde pontuam em particular uma grande quantidade de auroques. A rocha encontra-se do lado montante da embocadura da ribeira de Piscos com o Côa, muito perto do leito deste e, quando foi identificada, estava em grande medida soterrada, sendo visíveis apenas algumas figuras da parte superior, incluindo o seu único motivo em traço picotado. No ano 2000 fez-se uma primeira sondagem arqueológica, pondo a descoberto mais algumas gravuras, e em 2003 escavou-se o resto, descobrindo-se a totalidade do painel e das suas gravuras. A escavação revelou a existência de um contexto arqueológico do Paleolítico Superior, com poucos artefactos líticos e restos de talhe, de difícil caracterização, sem relação estratigráfica directa entre esses vestígios e as gravuras (Luís, L., 2009: 84-93).

3.2.6. Olgas de Ervamoira.

O local assim designado situa-se na margem esquerda do Côa, no sopé da Quinta da Ervamoira, a uma cota um pouco superior à do rio. O sítio foi descoberto por Thierry Aubry e Jorge Sampaio, do PAVC, em finais de Março de 2009, tendo-se assinalado então a existência de uma rocha com um feixe de traços filiformes, de aparência paleolítica. Logo a seguir, nos princípios de Abril, fizemos uma primeira prospecção geral do sítio, tendo descoberto mais três rochas gravadas, todas com filiformes paleolíticos, referidas no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

As Olgas de Ervamoira são um terraço fluvial baixo e comprido, delimitado pelo Côa por um lado (Leste) e por bancadas bastante elevadas do outro lado, que assinalam o início dos terrenos cultivados com vinha da Quinta de Ervamoira. O terraço é também um terreno agrícola, ocupado na sua extremidade Norte por um olival de grande antiguidade, e na restante área tendo terrenos baldios de pasto e alguma vinha. Estende-se por quase 600 metros, mas a sua metade mais a montante é muito estreita, cerca de 30/40 metros. Alarga-se consideravelmente na zona central, atingindo quase 100 metros de largura, estreitando progressivamente para Norte, até terminar abruptamente, dando lugar a uma encosta sobre o rio, algo declivosa mas baixa, com pouco mais de 30 metros de desnível. A maioria dos afloramentos encontra-se nesta última zona, na encosta e na margem do rio, numa extensão de aproximadamente 100 metros, sendo pouco abundantes.

Este terraço fluvial, bastante largo, de grande potência estratigráfica e bem protegido pelas bancadas elevadas que o rodeiam, tem à partida todas as condições para ser um bom local para a ocupação humana. Efectivamente, a descoberta das suas gravuras deve-se à investigação arqueológica que aqui foi feita nos princípios de 2009, com a realização de sondagens (Aubry, T. *et al.*, 2010). Estas mostraram a existência de fases de ocupação da Pré-história Recente e Paleolítico Superior, insuficientemente caracterizadas mas, numa das áreas sondadas, conservadas num registo estratigráfico com mais de seis

metros, o mais espesso de todos os observados até ao momento nos sítios arqueológicos da região do Côa, o que torna provável a existência de afloramentos actualmente recobertos por sedimentos, mas que estariam visíveis no Paleolítico Superior, sendo assim possível que mais rochas gravadas possam vir futuramente a ser identificadas (Aubry, T. *et al.*, 2010: 139-140). Seria sem dúvida de grande interesse a descoberta neste sítio de nova associação entre estratigrafia arqueológica e gravuras paleolíticas.

Das quatro rochas identificadas, nenhuma tem motivos claramente definidos, e a sua atribuição ao Paleolítico é hipotética, baseando-se, para além da associação ocupacional, sobretudo nas características dos traços, na pátina e elevado desgaste, e no facto de se tratar exclusivamente de traços isolados e pequenos feixes de traços, tão típicos da arte paleolítica do Côa. As rochas 1, 2 e 3 formam um pequeno grupo na extremidade Norte do sítio, já para lá do terraço, na encosta e na margem do Côa, marcando o término do grupo de afloramentos onde a encosta inflecte a sua orientação. A rocha 4, com um só feixe de traços, está isolada na zona em que o terraço termina e dá lugar à encosta sobre o Côa, marcando o início dos afloramentos rochosos.

3.2.7. Ribeira das Cortes.

As primeiras sete rochas deste sítio são descobertas no ano de 2003. Algumas chegaram a estar ameaçadas, nesse mesmo ano, por uma expansão da área de vinha da Quinta de Ervamoira, com a qual a ribeira confina. Um ou outro afloramento foram destruídos antes da paragem das terraplanagens, sem que tivesse sido possível averiguar se tinham ou não gravuras. A primeira referência surge no inventário de 2006 (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 168), bastante preliminar. Ainda nesse ano de 2006 são descobertas mais duas rochas, subindo o total para nove. Como entendíamos que o sítio parecia ter grande potencial e que o número de rochas conhecido não ilustrava devidamente as características do local e da distribuição das suas gravuras, nos últimos dias de Fevereiro de 2009 fizemos uma prospecção mais intensa em novas áreas, particularmente na parte intermédia do vale, e o número total de registos subiu para 24, referidos no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123), e diversificando consideravelmente o conteúdo gravado e a distribuição ao longo do vale. Esta é ainda uma pequena quantidade, e o sítio tem potencial para bastante mais, não só nas áreas onde actualmente conhecemos algumas rochas, visto que nenhuma foi ainda sistematicamente prospectada, como também na parte mais superior do vale, ainda por prospectar, tendo numerosos pequenos afluentes, alguns dos quais repletos de afloramentos nas encostas. Aliás, este é um dos sítios em que a quantidade de afloramentos aumenta à medida que nos afastamos da foz da ribeira.

Excepto no troço final, onde a bacia do vale estreita e se reduz unicamente à própria ribeira das Cortes, este é um sítio topograficamente complexo, com a ribeira a receber muitos pequenos afluentes de ambos os lados, com diferentes graus de profundidade, encaixe e quantidade de afloramentos, seja ao longo do leito ou pelas encostas acima. Com poucas excepções (como no troço final onde se encontram as rochas 2 e 3, ou alguns troços dos afluentes na parte superior, bastante estreitos ainda que não muito profundos), o vale não é muito encaixado e as encostas, embora nalguns casos bastante elevadas, tendem a não ser muito declivosas, e há um troço do vale em que se este se pode considerar um vale aberto, nomeadamente os cerca de 500 metros de extensão entre a rocha 4 e as rochas 14 e 15, a montante. A ribeira nasce à cota de 400 metros, numa estreita faixa planáltica que faz a transição para a bacia da ribeira de Piscos, e percorre cerca de 3850 metros até ao Côa, num curso repleto de pequenos meandros, mas mantendo em geral a orientação de Oeste para Leste. Confina a Sul com Quinta da Barca e também com o vale intermédio da ribeira da Volta. Com excepção de duas ou três encostas na parte superior do vale, com densas aglomerações rochosas, os afloramentos tendem a dispersar-se de forma esparsa pelas encostas existentes. As 24 rochas conhecidas distribuem-se nos últimos 1500 metros do vale, quase todas do lado esquerdo com excepção das rochas 2, 3 e 4, e dispersam-se desde as partes superiores das encostas até às imediações da ribeira.

O Paleolítico Superior domina quantitativamente, tendo motivos em 15 das 24 rochas. Segue-se a Idade do Ferro, representada em oito rochas, e a Época Histórica em cinco rochas, havendo ainda uma rocha com gravuras de cronologia indeterminada. Todos os motivos de todas as épocas são em traço filiforme. As gravuras recentes são poucas, destacando-se apenas dois cruciformes na rocha 9 e uma curiosa associação entre uma figura antropomórfica e um equídeo (cavalo ou burro) na rocha 24, no que poderá ser uma rara representação de cariz laboral. As gravuras da Idade do Ferro não se destacam particularmente no conjunto da arte do Côa, mas há alguns detalhes interessantes, como o conjunto de três lanças da rocha 1 (mais um quarto traço paralelo e similar aos restantes, que poderia ser uma quarta lança, mas sem ponta), a bonita cerva da rocha 4, isolada num minúsculo painel da margem direita da ribeira, o grande veado acompanhado de um ou outro geométrico da rocha 10, o denso e caótico aglomerado de traços da rocha 15 e, sobretudo, o amplo conjunto de motivos da rocha 21, a única para já onde surge uma figura antropomórfica, acompanhada de vários quadrúpedes e geométricos. Por fim, as rochas com gravuras paleolíticas apresentam alguma diversidade. As rochas 2 e 3 têm uma implantação interessante, no alto de uma encosta na margem direita, numa posição onde dominam visualmente todo o trecho final da ribeira até à sua embocadura no Côa, numa extensão de 250 metros, sendo facilmente assinaláveis da margem oposta do Côa. As rochas 5, 6, 7 e 8, perto umas das outras, têm algumas figuras de traço múltiplo, destacando-se os cervídeos ou caprinos das rochas 6 e 7. A rocha 12 tem uma única figura de traço múltiplo, pouco visível, que parece ser um veado. As rochas 17, 18 e 19 formam um pequeno grupo a meia encosta, e a rocha 18 destaca-se pelo grande conjunto de figuras de traço simples e múltiplo, com realce para vários cervídeos. Por fim, a rocha 21 tem uma única cerva de traço múltiplo no meio do grande conjunto de figuras da Idade do Ferro, e a rocha 22, situada um pouco mais abaixo é, claramente, a mais original do sítio. Tem um painel de médias dimensões, quase integralmente preenchido com traços e motivos. Há várias associações aparentemente caóticas de traços, e não se distinguem figuras zoomórficas. O painel está cheio de signos de vários tipos, havendo pelo menos um escalariforme, mas avultando os meandros ondulados formados por vários traços paralelos, compondo um conjunto de belo efeito e raro no contexto da arte paleolítica do Côa.

3.2.8. Quinta da Barca.

As primeiras rochas da Quinta da Barca são descobertas em Fevereiro de 1995 (Rebanda, N., 1995b: 12). No final deste ano estão inventariadas sete rochas, número que sobe para dez no ano seguinte, e chega às 25 em 1997, quantidade que é referida nos primeiros inventários (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Diez, M., 2002: 195). O número foi subindo paulatinamente, até em 2005 chegar às 32 rochas, que são referidas no inventário seguinte (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 168). Em 2007 fizemos a prospeção sistemática da totalidade da área do sítio, atingindo então a marca de 60 registos, que sobe no ano seguinte para 61 quando acrescentamos a casa da quinta, cujas paredes internas apresentam numerosas gravuras modernas, sendo essa a quantidade referida no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

A rocha 33 foi também inventariada em 2007, mas esta não é na verdade uma descoberta recente, podendo-se considerar uma redescoberta²⁹. Terá sido primeiramente identificada em 1997, tendo-lhe então sido atribuído o número 15 de inventário, mas esse mesmo número foi também então atribuído a outra rocha na parte alta do sítio e, com este lapso, a rocha mais o seu veado picotado caíram no esquecimento, até 2007.

É um sítio topograficamente diversificado. Tem uma pequena ribeira do lado Sul (a ribeira da Quinta da Barca), que corre de Oeste para Leste, nascendo na orla planáltica à cota de 320 metros, e percorrendo 1150 metros até ao Côa, num percurso de reduzida sinuosidade. As encostas no troço inicial são altas e declivosas, com um desnível superior a 100 metros, mas o troço final é baixo e aberto, com a ribeira a abrir caminho através de um terraço fluvial. Este terraço prolonga-se para Norte, por mais de 500 metros

²⁹ Pelos arqueólogos Luís Luís e André Santos, um pouco antes do início da prospeção sistemática do sítio.

até à foz da ribeira das Cortes, tendo uma largura máxima na ordem de 150 metros. Eleva-se cerca de 30 metros acima do Côa, sendo a encosta final curta mas bastante inclinada e rochosa, cortada por várias pequenas linhas de água. Por cima do terraço ergue-se nova encosta inclinada, com aproximadamente 70 metros de altura, que entronca com a encosta da margem esquerda sobre o troço inicial da ribeira da Quinta da Barca.

Para além da grande quantidade e qualidade de muitos dos novos achados, a prospecção recente revelou também uma nova zona de distribuição das gravuras deste sítio. Assim, a maioria das rochas conhecidas encontra-se nas imediações do Côa, algumas concentrando-se na foz da ribeira e as restantes distribuindo-se ao longo da encosta do terraço sobre o Côa. Algumas encontram-se no interior da ribeira, uma ou outra nas pequenas linhas de água que cortam o terraço fluvial. As rochas 15, 16 e 17 eram anteriormente as mais elevadas e afastadas do Côa, no sector intermédio da encosta acima do terraço fluvial. No entanto, a parte superior da ribeira da Quinta da Barca passa para detrás deste terraço, e a cumeada da sua encosta sobre a margem esquerda entronca, quase perpendicularmente, na parte traseira desta encosta sobre o terraço. As últimas oito rochas descobertas, quase todas paleolíticas, estão na margem esquerda da parte superior da ribeira, na metade superior da encosta, incluindo as rochas 56 e 60, com gravuras picotadas.

Entre os 61 registos inventariados neste sítio, merece realce a ausência de gravuras da Idade do Ferro, até porque estas estão presentes em três sítios contíguos: a Penascosa em frente, e a Ribeira das Cortes e Ribeira da Volta ao lado. De resto, apenas duas rochas têm motivos da Pré-história Recente, e apenas há cinco registos com gravuras modernas, incluindo a casa da quinta. Gravuras paleolíticas encontram-se em 46 rochas, havendo ainda dez rochas de cronologia indeterminada.

As gravuras de Época Histórica são poucas mas com algum interesse. Na rocha 40, entre outros motivos e traços de difícil leitura, alguns possivelmente antigos, distingue-se uma representação de uma ave, provavelmente um galo, tema recorrente na arte rupestre deste período. Na rocha 46 surgem alguns cruciformes misturados com geométricos e traços desconexos. As rochas 49 e 50, situadas muito perto uma da outra, têm, respectivamente, uma cruz abrasionada e uma confusão de traços sobrepostos pela grande figura de uma estrela de cinco pontas ou signo-saimão. Mas o registo mais interessante deste período surge não num afloramento, mas no interior da casa da Quinta da Barca, abandonada e em progressiva ruína. Nesta casa, um belo e excelente exemplar de arquitectura rural, o interior divide-se funcionalmente em dois espaços distintos, o laboral, do lado Sul, e o doméstico, do lado Norte, separados por um pátio interno, e unidos no corredor da entrada voltada ao Côa. As gravuras encontram-se ao longo das paredes do espaço doméstico, num corredor, em dois dos quartos e na sala maior, tendo sido gravadas a traço filiforme nas pedras da parede e no reboco branco pouco espesso que as cobre. Há grande variedade de motivos, alguns de difícil decifração. Distinguem-se vários barcos à vela, geralmente com mastro, vela e bandeira, sendo este outro dos temas recorrentes da arte moderna no Côa. São frequentes as aves, geralmente galináceas, associadas a duas ou três representações antropomórficas. Aparecem também poucos quadrúpedes, uma representação de uma casa, e alguns geométricos, sobretudo linhas em ziguezague. O tema mais abundante é constituído por conjuntos de traços paralelos verticais dispostos em bandas tendencialmente horizontais, que interpretamos como contagens, até porque há duas que estão separadas pelo sinal “+”.

A Pré-história Recente encontra-se em duas rochas, em ambos os casos com motivos picotados. Na rocha 7 surgem dois quadrúpedes, provavelmente cervídeos, e na rocha 23 um antropomorfo esquemático (Baptista, A. M., 1999: 166). Também nesta rocha, no painel inferior junto ao antropomorfo, há duas figuras picotadas de cervídeos que poderão ser pós-paleolíticas, tendo fortes semelhanças estilísticas e técnicas com o veado da rocha 1 de Vale de Cabrões ou com o quadrúpede indeterminado da rocha 15 da Cascalheira. Há ainda a possibilidade do motivo picotado da rocha 18 ser também pós-glaciar. Esta figura tem sido considerada de cronologia paleolítica, interpretando-se como um ser híbrido, misturando características humanas e animais (cf. Baptista, A. M., Santos, A. T. & Correia, D., 2009: 104, (fig. 9), 112; Baptista, A. M., 2008b: 90). Essa parece-nos também a hipótese mais provável, mas não excluimos

a possibilidade de ser simplesmente uma representação zoomórfica pouco naturalista da Pré-história Recente, até porque os atributos humanos, embora se adivinhem, não são totalmente explícitos.

O Paleolítico Superior domina esmagadoramente, e esse domínio deverá ser ainda maior porque algumas das rochas que consideramos de cronologia indeterminada deverão ser, muito provavelmente, também paleolíticas. Algumas das rochas da Quinta da Barca estão entre as principais da arte do Côa, como as rochas 1 e 3, entre outras (cf. Baptista, A. M., 1999: 114-117; 2008b: 132-137, 148-151, 167-171, 185-187). Das rochas com gravuras paleolíticas, 28 têm gravuras em traço largo (incluindo nesta contagem a rocha 18 atrás referida), e poucas são as que não tem gravuras filiformes. Estas assumem particular importância e exuberância em alguns casos, como nas rochas 23, 30, 31, 41 ou 56, havendo outros casos de rochas com menos motivos mas não necessariamente menor importância. A prospecção sistemática revela assim que o universo das gravuras filiformes assume também grande destaque neste sítio da Quinta da Barca, à semelhança do que sucede na maioria dos restantes sítios onde, numa fase inicial dos trabalhos, se tinha identificado sobretudo gravuras de traço largo, e levando-nos assim a emendar uma anterior afirmação de que os filiformes seriam raros na Quinta da Barca (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 168).

3.2.9. Penascosa.

As primeiras rochas foram descobertas em Janeiro de 1995 (Rebanda, N., 1995b: 12). No final desse ano conheciam-se nove, número que sobe para 23 no ano seguinte, que serão as publicadas no Relatório de 1997, catorze das quais com levantamento e descrição detalhada (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215, 327-406, ver também Baptista, A. M., 1999: 88-113; 2008b: 80-85, 138-141, 158-159, 175). É certamente por lapso que na contagem de rochas da página 214 se refiram apenas 19 rochas, pois no texto são correctamente referidas as 23 inventariadas. Em 1999 descobre-se mais uma, que será tida em conta nos inventários seguintes (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 195). Em 2000 descobre-se a rocha 25, e em 2005 a rocha 26, quantidade referida no penúltimo inventário (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 180). Em 2007 fizemos a prospecção sistemática de toda a área do sítio e descobrimos mais dez rochas, fixando o total de registos em 36 (Reis, M., 2011: 120-123).

A Penascosa é um cabeço na margem direita do Côa, em frente à Quinta da Barca, cuja encosta Oeste desemboca numa extensa praia fluvial, mais baixa que o terraço fronteiro da Quinta da Barca. O cabeço atinge a cota máxima de 267 metros, elevando-se assim quase 140 metros acima do Côa, que aqui passa à cota de 130 metros. Para além de alguns dispersos pela encosta, os afloramentos distribuem-se por duas zonas distintas: em primeiro lugar, um grupo ao longo da base da encosta, no início da praia fluvial, e que se estende por cerca de uma centena de metros; em segundo lugar, uma crista rochosa que marca a encosta do cabeço, elevando-se desde a base até ao topo. As rochas gravadas conhecidas distribuem-se todas nestas duas áreas de dispersão de afloramentos.

O Paleolítico Superior está representado em 29 das 36 rochas, enquanto apenas duas têm motivos da Pré-história Recente, três têm motivos da Idade do Ferro, e quatro têm motivos modernos, havendo duas de cronologia indeterminada.

As gravuras modernas são escassas e de reduzido interesse. Salientam-se apenas duas curiosas figuras da rocha 24, de patas curtas, corpo comprido e estreito, em ambos os casos decorado internamente por linhas cruzadas, cabeça oval ou arredondada, e grandes caudas em leque. Parecem toscas representações de aves. Sendo estranhas, a sua cronologia não é inteiramente clara, e poderiam ser da Idade do Ferro, mas parece mais provável que sejam recentes. Da Pré-história Recente há apenas dois motivos. Na rocha 17 surge um interessante antropomorfo ictifílico, gravado por incisão e com o corpo preenchido por raspagem, que tem semelhanças formais com algumas das figuras antropomórficas pintadas da Faia (Baptista, A. M., 1999: 112-113, Reis, M., 2011: 76). Na rocha 5 encontra-se uma figura que foi interpretada como um antropomorfo esquemático da Pré-história Recente (Baptista, A. M. &

Gomes, M. V., 1997: 347, 390-391). Não é uma figura totalmente evidente, os seus traços picotados são similares aos das figuras paleolíticas picotadas da mesma rocha, e poderá ter também uma cronologia paleolítica, eventualmente.

A Idade do Ferro é pouco representada. Na rocha 14 surge uma única figura de cervídeo, com o corpo decorado (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 362-363, 406). Na rocha 20, para além de alguns traços avulsos, surgem dois motivos: um reticulado, e um punhal, aparentemente embainhado, e com empunhadura biglobular. Na rocha 29 aparece um quadrúpede indeterminado e alguns geométricos pouco definidos.

Das 29 rochas com motivos paleolíticos, 10 apresentam gravuras da fase antiga, todas publicadas (cf. Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997), com excepção da rocha 1, muito degradada e na qual restam apenas alguns traços de alguns quadrúpedes indeterminados. Motivos incisos encontram-se na grande maioria das rochas, incluindo todas as encontradas mais recentemente. Destaca-se claramente a rocha 10, com uma enorme quantidade de motivos, incluindo uma enorme figura de veado raspado, visível a larga distância, uma das raras figuras com esta técnica na arte paleolítica do Côa (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997). Das dez rochas encontradas mais recentemente, sete são de cronologia paleolítica, uma é da Idade do Ferro e duas têm traços ou motivos de cronologia indeterminada, mas que com grande probabilidade serão também paleolíticos. Algumas situam-se no entorno das anteriores rochas, mas outras sobem até ao topo da encosta do monte, alargando assim a área de distribuição anteriormente reconhecida. Quase no alto do monte encontram-se as rochas 27 e 28, as mais altas das rochas paleolíticas da Penascosa, à cota de 250 metros, na rocha 27 com motivos indeterminados e na rocha 28 com um único animal em traço múltiplo de cabeça tapada por líquenes, impedindo a identificação da espécie. A meio da encosta salienta-se ainda a rocha 30, igualmente com uma única figura, em traço simples, também de difícil identificação, mas que parece ser um cavalo. As rochas 33 e 34 têm também algum interesse, sendo dois pequenos painéis situados na transição da encosta para o terraço, na base da crista rochosa que sobe a encosta do monte, e que assinalam assim o princípio da distribuição das gravuras nesta crista. Apresentam grande quantidade de traços, sobretudo a rocha 33, muito patinados mas que não formam motivos definidos. Ambas têm a base soterrada, podendo haver mais gravuras por identificar.

3.2.10. Ribeira da Volta.

Este sítio foi por nós identificado no mesmo dia em que terminamos a prospeção sistemática da Quinta da Barca, em Novembro de 2007. Para já, consiste num grupo compacto de quatro rochas com gravuras da Idade do Ferro. Está ao lado do caminho de acesso à casa da Quinta da Barca, acima desta mas na encosta voltada ao lado oposto, pertencendo assim a outro sítio que não a Quinta da Barca. Desconhecemos o topónimo da pequena linha de água sobre a qual as rochas se debruçam, mas esta aflui a uma ribeira mais importante chamada ribeira da Volta, topónimo que adoptamos para designar este novo sítio, referido já no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

A ribeira da Volta é um curso de água longo e encaixado, bastante sinuoso, que corre de Oeste para Leste, situando-se na margem esquerda do Côa, encostando-se ao sítio da Quinta da Barca, a Sul deste. A ribeira nasce em pleno planalto granítico das Chãs, ligeiramente a Sul e muito perto desta aldeia, e desagua no Côa em frente à foz da Ribeirinha, do lado oposto do Côa. Percorre uma distância de aproximadamente 8150 metros, medidos ao longo do leito, que se reduzem a aproximadamente 5350 medidos em linha recta, da nascente à foz. Apenas os primeiros 1270 metros se desenrolam em terreno granítico, sendo pouco depois da transição para os xistos (da Formação do Rio Pinhão), que a ribeira inicia a escavação mais profunda do vale. Este está longe de ser dos mais fundos e encaixados da região, e apenas na zona central do seu percurso atinge desníveis maiores, havendo sobretudo uma pequena zona em que o vale é profundo e estreito, de perfil em “V” muito acentuado, com uma profundidade que chega perto dos 200 metros. É também aqui que surge a maior quantidade de afloramentos nas encostas, qua-

se todos na margem esquerda. O troço final do vale é menos profundo, sendo mais largo e aberto, e os afloramentos diminuem em quantidade. Para além do entorno imediato das quatro rochas conhecidas, este troço final foi para já o único onde efectuamos uma prospecção, relativamente aprofundada mas não sistemática, de resultados infrutíferos.

Existem diversos pequenos afluentes ao longo do percurso, na sua maioria pequenos e pouco relevantes. Um dos maiores fica na margem esquerda, entroncando na ribeira logo abaixo da casa da Quinta da Barca. O seu vale é relativamente largo, com um perfil em “V” algo aberto, e tendo uma profundidade máxima de 140 metros. É aqui que ficam as quatro rochas conhecidas, a meia encosta de um cabeço de topo arredondado, à cota de 270 metros, muito perto da linha de cumeada que separa esta encosta da que se orienta a Norte para a parte superior da ribeira da Quinta da Barca.

As quatro rochas estão ao lado umas das outras, e apresentam todas faces verticais orientadas para Sudoeste. Tem gravuras filiformes da Idade do Ferro, formando um grupo estilisticamente muito coeso e homogéneo. A rocha 2 apresenta ainda na parte superior do afloramento, num painel de disposição horizontal, um pequeno grupo de covinhas, motivo raro na arte do Côa, sendo difícil de saber se estão ou não associadas às restantes gravuras proto-históricas. Por um lado, tal seria o mais natural, até porque esta rocha está mais ou menos no centro do conjunto mas, por outro lado, seria o único caso identificado na região.

As rochas 1 e 3 são as principais do conjunto, com grandes painéis densamente preenchidos, formando das mais densas e complexas composições de motivos proto-históricos de toda a arte do Côa. As gravuras destas rochas são nitidamente obra de diversos gravadores, mas nota-se a unidade estilística no conjunto das quatro. A rocha 3 é a mais complexa e densamente preenchida do conjunto. Surgem alguns animais, tipologicamente algo estranhos, e alguns geométricos. Muitos mais motivos estarão por identificar, sobretudo nas caóticas associações de traços. Mas nesta rocha salientam-se em particular dois tipos de motivos, os quais lembram motivos semelhantes (embora não rigorosamente iguais) existentes na rocha de Molelinhos, em Tondela no centro de Portugal (cf. Cunha, A. M. C. L., 1991). O primeiro, constituído por poucos exemplares, lembra vagamente uma foice, com lâmina de ponta aguçada e recurvada. Em pelo menos dois dos casos é representada a empunhadura, e as figuras poderão ser representações de facas afalcatadas. No entanto, são tipologicamente distintas das outras facas afalcatadas representadas na região, como por exemplo o exemplar da rocha 145 da Foz do Côa. O outro motivo, muito abundante, e que poderá chegar às duas dezenas de exemplares³⁰, é nitidamente uma arma. Têm ponta aguçada e lâmina triangular comprida e estreita, por vezes com nervura central, embora esta não seja maioritária nas representações. Em alguns casos estão decorados. A empunhadura é estreita e comprida, feita numa só peça. Pelas proporções, um punhal seria a hipótese mais provável, ainda que não se possa descartar a possibilidade de serem espadas curtas. No entanto, tendo em conta que em todos os casos, sem excepção, a hipotética empunhadura do punhal ou espada não apresenta uma terminação final que representasse o pomo, sendo lisa e sem entalhes que permitam a uma mão segurar-se firmemente e, ainda por cima, tende a estreitar da lâmina para fora (embora haja excepções). Dessa forma, ou se trata de representações irrealistas de empunhaduras, ou deverá colocar-se outra hipótese interpretativa. Parece-nos assim, como terceira hipótese, que poderá tratar-se de representações de pontas de lança, com o encaixe para uma haste em madeira que não é figurada. Recentemente, o aparecimento de um motivo similar noutra sítio vem reforçar esta hipótese. Na rocha 6 do sítio da Cascalheira, no Douro, encontra-se uma arma em tudo parecida com estas, que neste caso surge colocada atravessando o corpo de um cervídeo, no que parece uma cena de caça. A forma destes motivos é perfeitamente compatível com a forma genérica de uma ponta de lança, e enquadra-se bem em alguns dos tipos de pontas conhecidas na Península Ibérica (cf. Quesada Sanz, F., 1997: 307-434).

Na rocha 1 a quantidade e sobreposição de motivos são muito grandes, sendo difícil a correcta identificação de muitos deles. Observam-se vários geométricos, por vezes de apreciável complexidade,

³⁰ Outra originalidade no Côa, onde raramente se repetem tão abundantemente na mesma rocha motivos tipológica e estilisticamente idênticos.

e é possível que possa haver motivos similares aos que se encontram na rocha 3, mas de momento não é possível afirmá-lo categoricamente. Predominam as figuras zoomórficas, na maioria cervídeos. Ainda que haja grande variabilidade, a típica figura é o cervídeo em que os corpos, patas, pescoço e orelhas são compridos e estreitos, e em que todos ou alguns destes elementos corporais são decorados com bandas de pequenos traços paralelos. Curiosamente, e sem excepção, a cabeça nunca é decorada. No mesmo estilo, e decorado da mesma maneira, observa-se o que parece ser uma representação de uma cobra. Por fim, as rochas 2 e 4 têm pequenos painéis com poucos motivos. Na rocha 2 surge um cervídeo, não decorado, e mais uma lâmina como as da rocha 3. A rocha 4 tem um só motivo, outra grande lâmina como nas rochas 3 e 2.

3.2.11. Foz da Ribeirinha.

Este sítio foi por nós primeiramente inventariado em finais do ano de 2006, seguindo indicações de Thierry Aubry e Jorge Sampaio, que já lá teriam anteriormente avistado gravuras filiformes paleolíticas. Neste reconhecimento inicial inventariamos quatro rochas. Mais tarde, em Março de 2009 fizemos um novo reconhecimento e inventariamos outras quatro rochas, fixando o todo actual em oito, referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Mais à frente fazemos uma descrição sumária do vale da extensa linha de água conhecida como Ribeirinha. São presentemente conhecidos quatro sítios com arte rupestre neste vale, e utilizamos a designação “Foz da Ribeirinha” para distinguir este novo sítio do primeiro a ser descoberto e inventariado no vale, e que foi designado simplesmente de “Ribeirinha”.

Podemos definir este sítio como sendo o troço final da ribeira em terrenos de xisto, numa extensão de aproximadamente 3800 metros, desde a linha de transição dos granitos para xistos até ao encontro com o Côa, na margem direita deste. Na sua parte final, o sítio confina a Norte com a Penascosa. De momento, para Sul, não são conhecidos mais sítios nesta área xistosa do Côa. Para já ainda só se fez um reconhecimento muito preliminar do terreno, e não se sabe bem quais as características da distribuição das rochas ao longo do vale. No entanto, todas as rochas presentemente conhecidas se encontram nos últimos 1450 metros do percurso da ribeira, para jusante da foz do principal afluente da Ribeirinha, a ribeira do Picão³¹. Da vistoria que já fizemos do vale da Ribeirinha a montante da foz desta ribeira, pareceu-nos pouco provável que venham aí a ser identificadas gravuras o que, a confirmar-se, poderá circunscrever a delimitação deste sítio até à ribeira do Picão, ficando por saber se esta última também não terá gravuras ao longo do seu vale.

Todo o percurso da Ribeirinha é altamente sinuoso, e o troço final, da ribeira do Picão ao Côa, não é excepção. A ribeira assume aqui claramente uma direcção Leste-Oeste, orientação idêntica à da própria ribeira do Picão, e os vales das duas linhas de água são contínuos, de dimensão e configuração idêntica, confundindo-se facilmente um com o outro. Nesta zona, há uma dualidade curiosa na configuração dos vales, com uma diferenciação muito nítida entre uma margem e outra. Na margem esquerda, as encostas sobem continuamente até às cotas planálticas, num desnível de aproximadamente 250 metros. Pelo contrário, na margem direita, a encosta sobre o leito tem um desnível na ordem dos 30/40 metros, dando lugar a uma larga plataforma aplanada, no fim da qual surgem de novo elevadas encostas até ao nível do planalto. Os afloramentos de xisto distribuem-se por uma e outra margem, em regra situando-se perto do leito, embora haja pequenos grupos a cotas mais elevadas. Não há grupos rochosos grandes e compactos, os afloramentos surgem dispersos em grupos de baixa densidade, separados por zonas vazias.

As rochas gravadas conhecidas, todas tendo exclusivamente gravuras filiformes, estão na margem direita, entre as cotas 150 e 160, muito perto do leito da ribeira. Distribuem-se em dois grupos distintos, o primeiro a uma distância aproximada de 500 metros da foz da ribeira, e o outro a cerca de 1100 metros, já perto da confluência da ribeira do Picão. Seis das oito rochas são de cronologia paleolítica, tendo as duas restantes gravuras de cronologia indeterminada, talvez também paleolíticas. Num conjunto pouco espectacular, salientam-se o quadrúpede (cervídeo?) de traço múltiplo da rocha 2, de corpo longo

³¹ Não confundir com outro vale do mesmo nome, inventariado como sítio de arte rupestre, e que é uma outra ribeira afluente do Douro.

e estreito e sem cabeça, o conjunto de figuras de traço múltiplo das rochas 1 e 4, de visibilidade extremamente difícil e ainda não devidamente interpretadas, o grande cervídeo em traço múltiplo da rocha 5 e, sobretudo, o grupo variado de figuras da rocha 7. Esta é a maior e melhor do sítio até ao momento, com vários motivos de traço simples e múltiplo, destacando-se um grande quadrúpede em traço simples, infelizmente com a zona da cabeça fracturada e perdida, e que parece um veado.

3.3. O vale da ribeira de Piscos.

A ribeira de Piscos inicia o seu percurso no Vale da Veiga, integrado na grande falha tectónica da Vilariça. O seu percurso inicial acompanha a própria falha, seguindo na direcção Sul-Norte, e tendo aqui a designação de ribeira da Centieira. O vale é largo e de fundo aplanado, numa zona granítica com, aparentemente, pouco potencial para arte rupestre, ainda que as encostas sejam elevadas e com alguns afloramentos. Subitamente, quando atinge o que se conhece como Quinta da Canameira, a ribeira desvia-se bruscamente para Leste em direcção ao Côa, adoptando então o nome de ribeira de Piscos, e entrando imediatamente em zona xistosa. Aqui irá passar sucessivamente pelas três principais formações xistosas da região, as Formações do Rio Pinhão, do Pinhão e da Desejosa, dentro da qual chega ao Côa. Até à foz o vale prolonga-se por 9,7 quilómetros, sendo profundo e bastante encaixado. O sítio designado por “Ribeira de Piscos”, que se inclui no lote de onze sítios do troço anteriormente descrito, delimita-se precisamente desde a foz da ribeira do Vale da Cabra até ao Côa, havendo rochas historiadas conhecidas em toda a sua extensão, embora ainda não esteja sistematicamente prospectado. Na restante área da ribeira nada mais se conhece por enquanto, sendo necessário prospectar futuramente, pois o potencial parece ser elevado para a existência de mais arte rupestre.

A ribeira de Piscos tem apenas um afluente com alguma importância, a chamada ribeira do Vale da Cabra. Esta desenrola-se de Noroeste para Sudeste, nascendo ainda dentro do Vale da Veiga, e tem uma extensão total de quase 6 quilómetros, até desaguar na margem esquerda da ribeira de Piscos, cerca de 2,7 quilómetros antes da sua foz. Apesar de ser uma ribeira menos importante e comprida que a ribeira de Piscos, a sua bacia hidrográfica é consideravelmente mais complexa. O seu vale pode dividir-se em duas linhas de água principais que correm paralelas, a ribeira do Vale da Cabra propriamente dita e a ribeira das Alminhas, que lhe corre a Norte do lado esquerdo, desaguardo cerca de 900 metros antes da foz da ribeira do Vale da Cabra. Ambas as ribeiras têm uma miríade de pequenos afluentes. O vale das duas ribeiras é assim largo e aberto, com cerca de 2 quilómetros na zona mais larga, e pouco elevado, tendo um perfil em W, devido à zona de plataforma larga e aplanada que separa as duas ribeiras. Apesar da amplitude da área, os afloramentos rochosos são poucos e dispersos. Investigamos já grande parte das poucas zonas rochosas visíveis, e descobrimos dois novos sítios com gravuras incisas, Ninho d'Água e Ribeiro da Cumieira, ainda inéditos, e que descreveremos a seguir. Note-se, como comentário final, que os vales das ribeiras de Piscos e do Vale da Cabra são a principal via de ligação entre o rio Côa e o Vale da Veiga, um amplo vale de origem tectónica, que seguramente teve grande importância para as populações de diferentes épocas.

3.3.1. Ninho d'Água.

Esta designação corresponde a uma pequena linha de escorrência de água na encosta do lado esquerdo do vale. Esta pequena ribeira nasce já na área planáltica, à cota de 430 metros, e tem um percurso pouco sinuoso de 980 metros, de Norte para Sul, até desaguar na margem direita do ribeiro da Cumieira, que por sua vez é afluente da ribeira das Alminhas. O pequeno vale é inclinado e estreito, e rochoso em ambas as margens. A razão para o seu nome parece estar na abundância de água, que não costuma secar no Verão. Em Setembro de 2009 identificamos uma primeira rocha gravada, na margem direita, a qual foi entretanto já razoavelmente prospectada, sem novos resultados, faltando ainda prospectar a margem esquerda. A rocha 1 está quase encostada à ribeira, na zona de transição entre o

planalto e o princípio da encosta. Tem um pequeno painel vertical onde se vislumbram alguns pequenos grupos de traços, sem que se distingam, pelo menos de momento, figuras concretas. A sua atribuição cronológica é assim problemática. No entanto, tendo em conta o tipo de traço e o seu enorme desgaste, apontaríamos o Paleolítico Superior como a cronologia mais provável.

3.3.2. Ribeiro da Cumieira.

Este sítio encontra-se a cerca de 600 metros de distância em linha recta do Ninho d'Água. É uma encosta de uma pequena colina, orientada a Sul, sobre o ribeiro da Cumieira, e sendo acompanhada por uma curta linha de escorrência de água afluente da margem direita do ribeiro da Cumieira. Este pequeno afluente estende-se por 460 metros, desde o topo do monte à cota de 400 metros até ao ribeiro da Cumieira, à cota de 300 metros. Em Abril de 2010 descobrimos três rochas com gravuras incisas neste sítio, todas aproximadamente à mesma cota de 340 metros, duas lado a lado a meio da encosta, e a rocha 3 mais afastada para Oeste na margem direita do pequeno afluente. A rocha 1 tem alguns grupos de traços de cronologia indeterminada. A rocha 2 tem alguns motivos modernos: dois cruciformes bastante recentes e alguns motivos mais antigos, que poderão eventualmente representar bestas. Por fim, a rocha 3, para além de uma mancha de pontos picotados, tem conjuntos de traços longos que, à semelhança do que acontece no Ninho d'Água, poderão ser paleolíticos.

3.4. O vale da Ribeirinha.

A Ribeirinha é um longo curso de água, com 20,1 quilómetros de extensão, que desagua na margem direita do Côa, imediatamente ao lado e a montante da Penascosa. Nasce no planalto granítico, não longe da aldeia de Algodres, e segue aqui um percurso Sul-Norte, tendo um pequeno vale discreto e pouco escavado, numa zona pontuada por afloramentos graníticos. Quando se aproxima do Côa, começa a inflectir para Noroeste, iniciando então a escavação mais profunda do vale. Na zona de transição dos granitos para os xistos o vale é já um verdadeiro canhão, estreito e profundo. Essa profundidade mantém-se na zona xistosa, pertencente à Formação do Pinhão (com uma extensão de aproximadamente 3,8 quilómetros), embora o vale abra um pouco, e a ribeira neste troço final, sendo bastante sinuosa, apresenta *grosso modo* uma orientação Leste-Oeste. Conhecem-se presentemente quatro sítios ao longo do vale. Um está no seu troço final, a Foz da Ribeirinha, na zona xistosa, e inclui-se no conjunto de sítios atrás referidos. Os outros três situam-se na zona granítica do vale. Destes, um está em pleno planalto, o Moinho da Barbuda, a marcar o início da escavação do vale e, não muito longe, os outros dois, Ribeirinha e Fumo, estão já na zona mais profundamente escavada do vale. Do ponto de vista da prospecção arqueológica, nenhum destes sítios foi ainda sistematicamente visto, mas provavelmente apenas a Foz da Ribeirinha e, eventualmente, a Ribeirinha, poderão ter mais rochas por descobrir. A detecção de sítios estará também quase completa no troço entre a embocadura da ribeira e o sítio do Moinho da Barbuda, havendo mais potencial no vale da ribeira do Picão, afluente da Ribeirinha na zona xistosa.

3.4.1. Fumo.

É um sítio arqueológico com ocupação da Idade do Bronze, localizado na margem esquerda da Ribeirinha, a meia encosta, sobre o término do profundo e estreito canhão que marca a passagem desta ribeira de terrenos graníticos para xistosos. Descoberto em 1992 no âmbito dos trabalhos do EIA da barragem do Côa (Carvalho, A. F., 2004: 186), começou a ser investigado a partir de 1996, primeiro por uma equipa do PAVC chefiada por António Faustino de Carvalho (cf. Aubry, T., Carvalho A. F. & Zilhão, J., 1997: 103, 195-209; Carvalho, A. F., 2004), mais tarde com um projecto de investigação de Glória Donoso Zapata e Maria Fernanda Sousa, a decorrer e de resultados ainda inéditos. É no âmbito deste projecto que

a única rocha historiada aqui conhecida é descoberta em 2006, por Carla Magalhães, do PAVC., sendo referida no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

Corresponde a uma plataforma depressionada a meia encosta, à cota de 314 metros, ainda em terrenos graníticos, delimitada a Noroeste por uma crista rochosa ligeiramente soerguida face à plataforma, com a cota máxima de 323 metros, e que a separa da encosta final sobre a ribeira. A rocha encontra-se na periferia Sudoeste da crista, ao lado mas no exterior da área com vestígios de ocupação, no sector mais baixo e menos imponente da crista. É um pequeno batólito granítico, baixo, de forma irregular e topo aplanado, onde se encontra menos de uma dezena de grandes covinhas.

3.4.2. Ribeirinha.

A única rocha conhecida foi descoberta em Fevereiro de 1993 (Rebanda, N., 1995a: 3; 1995b: 13), figurando desde então nos inventários publicados (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215; Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 167-168; Reis, M., 2011: 120-123). É um imponente abrigo granítico na margem direita da ribeira, junto ao leito, com dois painéis verticais e perpendiculares um ao outro no interior, profusamente decorados com motivos pintados da arte esquemática pré-histórica. Predominam figuras antropomórficas, ainda que o mau estado de conservação das pinturas impeça a correcta identificação da maioria dos motivos.

A rocha encontra-se entre os sítios do Moinho da Barbuda, 1400 metros a montante, e do Fumo, pouco mais de 800 metros a jusante. Surge no princípio da zona encaixada do vale da ribeira, aqui ainda pouco profundo, com um desnível pouco superior a 30 metros. O vale orienta-se neste troço de Sudeste para Noroeste, e não tem uma grande densidade rochosa em torno do abrigo, embora esta aumente para jusante, com o acréscimo acentuado da profundidade e encaixe do vale. Falta prospectar o sítio, podendo ainda aparecer mais pinturas ou gravuras.

3.4.3. Moinho da Barbuda.

Este moinho abandonado localiza-se na margem direita da Ribeirinha, cerca de 1400 metros a montante do abrigo pintado da Ribeirinha, mas já em pleno planalto, numa área em que a ribeira quase não tem um vale escavado. A sua única rocha gravada foi casualmente descoberta em 2008 por Rosa Jardim, do PAVC, sendo efectivamente inventariada em princípios de 2009, e referida pela primeira vez no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Trata-se de uma grande laje horizontal de granito, situada em frente ao moinho, à cota de 420 metros. Apresenta uma data picotada, encerrada numa cartela rectangular. A data é de 1881, e tem a curiosidade de ser lida de igual modo para um observador situado em qualquer posição na rocha, pois os dois números “1” são representados como simples traços verticais. O moinho tem ainda uma inscrição ilegível na padieira da porta, e alguns cruciformes nas duas ombreiras.

3.5. O Monte de São Gabriel.

Situado entre o Côa e o Douro, o Monte de São Gabriel é a unidade geomorfológica mais destacada no centro da região da arte do Côa, elevando-se até aos 650 metros de altura, bem acima da altitude média dos planaltos em redor, que ronda os 400 metros. A razão para este destaque está na geologia quartzítica que marca o topo do monte, muito mais resistente à erosão que os xistos. Esta mancha quartzítica tem uma forma ovalada, estendendo-se sensivelmente de Leste para Oeste, com aproximadamente 2.4 quilómetros de comprimento por pouco mais de 0,8 quilómetros de largura. A vertente superior Sul e Sudoeste é assinalada por uma longa e elevada crista rochosa quartzítica, perfeitamente destacada na paisagem, que se estende por quase todo o comprimento da própria mancha quartzítica, havendo mais uma ou outra formação separada da crista principal. Presentemente, na área do monte, conhecemos dois sítios de arte rupestre. O primeiro é o sítio homónimo, situado na área de transição dos quartzitos

para os xistos, e pode-se dizer que está no final da grande crista quartzítica, ainda que algo separado desta. O outro consiste nas pedras decoradas da Rua dos Namorados, na periferia da aldeia de Castelo Melhor, na base Leste do monte.

Ainda não foi possível partir para a prospecção deste monte, havendo sobretudo interesse em saber se haverá mais pinturas nos abrigos existentes ao longo da crista, que possam eventualmente formar um grupo coerente com a rocha 1 de São Gabriel.

3.5.1. São Gabriel.

A rocha 1 foi descoberta em 1998 por Thierry Aubry e Jorge Sampaio, e foi primeiramente referida no penúltimo inventário (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 190). Em Novembro de 2006 descobrimos uma segunda rocha nas imediações da primeira, referindo-se as duas no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

Trata-se de um pequeno conjunto de afloramentos quartzíticos, perto da transição para os xistos. Localizam-se na encosta Leste do Monte de São Gabriel, em torno da cota dos 530 metros, estando aproximadamente a meio entre o alto do Monte de São Gabriel, a 650 metros de distância, e a capela com o mesmo nome sobranceira à aldeia de Castelo Melhor, a 550 metros. Nas imediações da capela, nomeadamente na encosta voltada a Sul e com visibilidade directa para as rochas historiadas, surgem à superfície alguns materiais arqueológicos datáveis da Pré-história Recente.

A rocha 1 apresenta um único motivo pintado a vermelho, de apreciáveis dimensões, formando um reticulado, muito apagado e de difícil visualização. A rocha não apresenta um abrigo ou pala, e a pintura está exposta aos elementos, sendo muito precariamente protegida apenas por uma ligeira inclinação do painel para a frente. Quando observamos o motivo pintado, ficamos com a ideia que a tinta já não forma uma película na superfície, tendo desaparecido desta, e que a visibilidade do motivo se deve ao facto de alguma da tinta se ter “entranhado” na superfície rochosa, resistindo assim à acção dos elementos. Não estamos, no entanto, completamente seguros desta interpretação, que poderá ser confirmada ou desmentida por uma observação mais aprofundada e experiente. Quanto à rocha 2, é um afloramento com um painel de disposição horizontal, com apenas quatro pequenas covinhas, podendo haver mais uma ou outra oculta por musgos ou líquenes. Ainda não prospectamos sistematicamente este conjunto rochoso, mas parece improvável que haja mais rochas historiadas no entorno imediato das outras duas.

3.5.2. Rua dos Namorados.

Como o nome indica, trata-se de uma das artérias da pequena povoação de Castelo Melhor, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Está na periferia Noroeste da aldeia, do lado oposto ao castelo, e é a rua que, saindo da aldeia, dá acesso ao caminho para a capela de São Gabriel. A primeira referência que conhecemos à existência de pedras gravadas nesta rua surge em 1938, num dos volumes da monumental obra do abade de Baçal sobre o distrito de Bragança³², a partir de informações prestadas por José Silvério de Andrade, personalidade de Vila Nova de Foz Côa (Alves, F. M., 1938: 282). Pouco depois, é o próprio Silvério de Andrade que publica uma breve referência a estas pedras (Andrade, J. S., 1940: 504). Muito posteriormente, são incluídas na Carta Arqueológica de Vila Nova de Foz Côa (Coixão, A. N. S., 1996: 215-216), e referidas num artigo (García Diez, M. & Luís, L., 2003: 213-216). Já referimos anteriormente estas pedras mas sem as incluir formalmente no inventário da arte do Côa (Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 146-147), o que fizemos no último inventário, considerando o conjunto das pedras gravadas como um só registo (Reis, M., 2011: 120-123).

A referência de Silvério de Andrade é muito curta, não adiantando detalhes sobre as condições do achado, mas referindo algumas das temáticas das pedras gravadas: motivos florais e zoomórficos, em-

³² Vila Nova de Foz Côa não pertence àquele distrito, mas é ocasionalmente mencionada na obra.

bora omitindo os motivos geométricos (Andrade, J. S., 1940: 504). Mais preciso, o abade de Baçal indica que a temática é composta por “flores, bestiário e ornatos geométricos” (Alves, F. M., 1938: 282). Diz também que as pedras se encontravam num muro soterrado, colocado a descoberto em 1932 quando a rua estava a ser adaptada ao trânsito automóvel, sendo considerado pela população da aldeia como um muro muito antigo e fora da memória local. Refere ainda a existência de algumas pedras similares existentes em paredes de casas da aldeia, o que é também reiterado por António de Sá Coixão (1996: 215). É também o primeiro a considerar que as pedras teriam feito parte de um edifício, e que a sua colocação no muro e nas paredes das casas seria posterior à demolição desse edifício. Essa é uma hipótese que nos parece de facto plausível. Em muitos dos casos as composições existentes adaptam-se perfeitamente ao espaço operativo existente em cada pedra, o que indica que as gravuras foram feitas após as pedras serem extraídas ou se fragmentarem dos respectivos afloramentos. A grande qualidade de muitas destas gravuras, todas obtidas por picotagem num tipo de pedra de superfície muito dura, não sugere, como já aponta o abade de Baçal, que tivessem sido feitas com o propósito de decorar um humilde muro rural. Marcos García Diez e Luís Luís sugerem uma cronologia entre os séculos XV e XVIII (García Diez, M. & Luís, L., 2003: 214), que parece verosímil, ainda que não haja elementos cronológicos precisos no conjunto dos motivos.

O actual muro dos Namorados deverá resultar de uma reconstrução do que foi desenterrado em 1932. Conhecem-se de momento mais de 80 pedras gravadas ali inseridas. Mais algumas devem existir, não só as que possam estar com a face gravada escondida, no muro, mas também outras existentes em outros muros e paredes. O abade de Baçal menciona ainda que nove pedras foram enviadas para o museu de Bragança na altura da descoberta. Ainda não tivemos ocasião de ir procurar estas nove pedras em Bragança, assim como falta encetar uma busca mais intensa na aldeia.

Estas gravuras distinguem-se do restante acervo histórico da arte do Côa, formando um conjunto algo apartado, pelo seu estilo, pelo conjunto temático, pela qualidade do desenho e pela sua eventual funcionalidade e inserção espacial. As temáticas vegetalista e geométrica dominam claramente, formando as maiores e mais vistosas composições, nalguns casos de grande complexidade e beleza. Há vários tipos diferentes de geométricos, como espirais, círculos concêntricos, ferraduras, meandros ondulados ou estrelas de cinco pontas, entre outros. Existem ainda outros temas, como a figura de um peixe entre ondas, uma cabeça de cão de boca aberta e dentes em evidência, um cavaleiro, ou um interessante motivo representando o que parece ser uma sequência de colunas unidas por arcos, numa aparente representação arquitectónica.

3.6. O vale do Côa, entre o grupo da Quinta da Barca/Penascosa e a foz da Ribeira de Massueime.

É a zona terminal dos xistos, pertencentes quase exclusivamente à Formação do Rio Pinhão (apenas com um pequeno troço a Norte pertencente à Formação do Pinhão), que dão lugar aos granitos precisamente na zona da embocadura da Ribeira de Massueime. Este troço do Côa, entre a foz da Ribeirinha e a foz da Ribeira de Massueime, com uma extensão de 4,0 quilómetros, mantém-se como uma área pouco prospectada. Em Abril de 2010 fizemos prospecção não sistemática entre a foz da Ribeirinha e a zona do Salto do Boi, em frente ao sítio arqueológico da Cardina, num trecho longo mas estreito ao longo da margem direita do Côa. Os resultados foram nulos, e pensamos que esta margem não terá rochas gravadas, mas falta ainda ver algumas zonas rochosas mais afastadas, em encostas ou linhas de água afluentes do Côa. A margem esquerda é mais rochosa e parece ter mais potencial, mas ainda não se fez prospecção orientada para a arte rupestre. Assim, não se conhecem sítios com rochas historiadas, mas sim dois conhecidos acampamentos paleolíticos, o Salto do Boi/Cardina e a Quinta da Barca Sul, onde apareceram, nas respectivas escavações arqueológicas, placas com gravuras filiformes. Falta saber se estes sítios de ocupação têm ou não nas imediações vestígios de arte rupestre, como sucede nalguns outros habitats em implantações similares, como o Fariseu, por exemplo.

3.6.1. Quinta da Barca Sul.

É um terraço fluvial na margem esquerda do Côa, à cota média de 140 metros. Inicia-se junto à foz da ribeira da Quinta da Barca, prolongando-se por mais de 600 metros para Sul, com uma largura máxima pouco superior a 100 metros. Foi sondado em 1996, tendo-se encontrado duas fases de ocupação, uma da Pré-história Recente e outra do Magdalenense Final (Aubry, T., Carvalho A. F. & Zilhão, J., 1997: 144-160). A esta última fase pertence uma placa de xisto com gravuras incisadas em ambas as faces, compostas por traços lineares, rectilíneos ou levemente curvados, que não formam figuras definidas (Aubry, T., 2009b: 382-383; García Diez, M., 2009: 376-377; García Diez, M. & Aubry, T., 2002: 175). Embora mencionada de passagem no último inventário (Reis, M., 2011: 17), só agora é formalmente incluída no inventário da arte do Côa.

3.6.2. Cardina.

Este sítio, também conhecido por “Salto do Boi”, é um terraço fluvial na margem esquerda do Côa, localizado numa ampla mas apertada curva do rio, onde este ultrapassa um filão de riolite. É mais largo e mais curto que o terraço da Quinta da Barca Sul, e está a uma cota mais elevada, chegando quase aos 170 metros. Em linha recta dista 2 quilómetros para Sul daquele terraço, que sobem para 2,5 quilómetros se medidos ao longo do rio, e encontra-se a pouco mais de 1000 metros para Norte da foz da ribeira de Massueime, onde terminam os xistos e se iniciam os granitos. Foi alvo de escavações em 1995 e 1996, tendo-se definido uma sequência ocupacional com fases da Pré-história Recente, Magdalenense e Gravettense (Zilhão, J. et al., 1995; Aubry, T., Carvalho A. F. & Zilhão, J., 1997: 161-182). Duas placas de xisto com gravuras incisadas foram encontradas na escavação. Uma de um nível Magdalenense tem escassos traços lineares não figurativos (Aubry, T., 2009b: 382; García Diez, M., 2009: 377). A outra, encontrada num nível Gravettense, apresenta o que poderá ser o fragmento de uma figura zoomórfica, hoje não reconhecível (Aubry, T., 2009b: 382). Tal como a Quinta da Barca Sul, este sítio foi mencionado de passagem no último inventário (Reis, M., 2011: 17), sendo agora incluído no inventário da arte do Côa.

3.7. O troço final do vale da ribeira de Massueime.

A chamada ribeira de Massueime é, na verdade, o maior e mais importante dos afluentes do Côa, merecendo talvez a designação de “rio” em detrimento de “ribeira”. Nasce perto da cidade da Guarda, e percorre várias dezenas de quilómetros até desaguar no Côa, cerca de 3,0 quilómetros a jusante das primeiras rochas do sítio da Faia. O seu troço final é profundamente encaixado, similar ao do Côa. Sendo um curso tão longo e que se prolonga tanto para fora da área do Parque, não é possível ser todo investigado no âmbito da prospecção da arte do Côa. O limite a partir do qual se poderá incluir os seus vestígios arqueológicos nesta região é, naturalmente, arbitrário. Sugerimos a chamada ponte do Juízo, entre as aldeias da Gateira e do Juízo, a partir da qual o encaixe do seu vale começa a aumentar. Este troço final estende-se por 14,1 quilómetros, quase integralmente em região granítica, apenas com uma ou outra mancha xistosa nas imediações da ponte. Todo este troço está por prospectar, conhecendo-se apenas um único sítio com gravuras, o Moinho do Chocho. À semelhança deste, é provável que os vários moinhos existentes ao longo do percurso possam também ter gravuras de Época Moderna associadas. A existência de pinturas pré-históricas parece-nos da mesma forma altamente provável. Só a prospecção poderá dizer se haverá ou não gravuras e/ou pinturas paleolíticas, à semelhança das existentes na Faia. É de referir ainda que a montante da ponte o Massueime passa por uma grande mancha xistosa, na qual poderão talvez reaparecer as típicas gravuras da região do Côa, paleolíticas e não só.

3.7.1. Moinho do Chocho.

A par do Moinho da Barbuda, é um dos dois únicos sítios até ao momento identificados que se associam exclusivamente a moinhos, tendo unicamente gravuras de Época Moderna. Encontra-se na margem esquerda da ribeira de Massueime, à cota de 230 metros, a três quilómetros da embocadura desta com o Côa, não longe da aldeia de Santa Comba. O vale é já bastante profundo e encaixado nesta zona, de geologia granítica, mas enquanto a margem direita apresenta enorme declive até ao rio, a margem esquerda é mais aberta e espraiada, permitindo a existência do moinho. Foi inventariado em Fevereiro de 2008, e referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

A existência da rocha gravada é conhecida da população de Santa Comba, que utiliza este local como praia fluvial, e a rocha foi-nos mostrada por Marcelo Silvestre, do PAVC. Encontra-se ao lado do moinho, na base da encosta, e tem um único painel vertical, com uma inscrição picotada, em várias linhas e de grandes caracteres, ilegível devido aos líquenes que a cobrem. As ombreiras da porta do moinho apresentam também algumas cruzes picotadas. O sítio ainda não foi devidamente prospectado e poderá ter mais gravuras.

3.8. O vale do Côa, entre a foz da ribeira de Massueime e os sítios do Alto da Cotovia/Quinta da Moreirola.

Este é um longo troço do Côa, estendendo-se por aproximadamente 19,5 quilómetros, desde a foz da ribeira de Massueime até à foz da ribeira das Cabras, logo a jusante das Quintas da Cotovia e da Moreirola, e a qual consideramos como o limite meridional para a prospecção da arte do Côa. É uma zona ainda muito insuficientemente conhecida, apenas com oito sítios de arte rupestre inventariados, dois dos quais relativamente insignificantes, o Picão da Lapa e a Faia do Coto. Os restantes, no entanto, são sítios importantes, particularmente a Faia, mas também as pinturas pré-históricas do Ervideiro, Lapas Cabreiras e Mioteira, e as gravuras paleolíticas do Alto da Cotovia e da Quinta da Moreirola. Apenas as Lapas Cabreiras foram sistematicamente prospectadas, e vários destes sítios tem potencial para o aparecimento de mais rochas historiadas, em particular a Faia, Ervideiro e Alto da Cotovia. Grande parte deste troço é granítico, mas existem duas importantes manchas de xisto, pertencentes à Formação do Rio Pinhão e à Formação da Excomungada, sendo esta a mais meridional e onde estão os sítios do Alto da Cotovia e Quinta da Moreirola, onde reaparecem gravuras filiformes paleolíticas. A jusante desta há uma outra mancha xistosa, maior que a anterior, e cujo potencial é uma incógnita, havendo entre as duas uma zona quartzítica, pouco extensa mas não desprezível, pertencente aos quartzitos da serra da Marofa, e que também não é ainda conhecida.

É provável que mais sítios possam vir a ser identificados neste troço, sejam sítios com gravuras modernas, sobretudo associados a moinhos, sejam pinturas pré-históricas, nos granitos ou na mancha quartzítica atrás referida, sejam ainda gravuras paleolíticas, estas sobretudo nas zonas xistosas, onde é mais expectável que possam surgir, pesem embora as gravuras da Faia que, para já, continuam como exemplares únicos em granitos.

3.8.1. Picão da Lapa.

Este sítio e a sua única rocha terão sido inicialmente vistos em 1997 por Thierry Aubry e Jorge Sampaio, mas só foram inventariados em princípios de 2006, tendo-nos sido mostrado pelo presidente da Junta de Freguesia de Algodres, o senhor Marcos Gualter Quadrado Velho. Foi já referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

O sítio consiste numa pequena e discreta elevação rochosa, composta por diversos batólitos graníticos, alguns de grande dimensão. Esta elevação encontra-se na separação entre o planalto aplanado de Algodres, tendo campos agrícolas do lado Leste, e a encosta altamente declivosa para o Côa, a Oeste,

estando assim rigorosamente no rebordo do planalto, à cota de 350/360 metros, na margem direita do Côa. Está a pouco menos de 100 metros da margem esquerda de uma pequena linha de água, a ribeira da Fonte de Espinho, que neste ponto se lança abruptamente para o Côa. A única rocha gravada encontra-se do lado da elevação oposto ao Côa, tendo um painel sub-horizontal onde se encontra uma inscrição picotada, de grandes caracteres e poucas letras, enquadrada dentro de uma cartela rectangular, e quase indetectável e ilegível devido à espessa cobertura de líquenes que a cobre. Nada mais observamos, mas não é impossível que mais gravuras possam existir.

3.8.2. Faia do Coto.

Este sítio foi inventariado em princípios de 2006, quando nos foi mostrado pelo presidente da Junta de Freguesia de Algodres, o senhor Marcos Gualter Quadrado Velho. Registamos então três rochas, mas é possível que mais uma ou outra possam ainda vir a aparecer, sendo necessário fazer uma última prospecção mais cuidada. Foi referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123).

É uma pequena plataforma aplanada que se abre na encosta sobre o Côa, na margem direita e voltada a Oeste, um pouco a jusante do sítio da Faia. Está à cota de 340 metros, 50 metros abaixo do rebordo do planalto, e 160 metros acima do leito do Côa. A plataforma está pontuada de diversos batólitos graníticos, de dimensões variadas e, sendo aplanada, foi em tempos aproveitada para a agricultura, restando alguns muros de sustentação nos seus limites e um pequeno casebre agrícola no seu centro. As três rochas gravadas deverão relacionar-se com esta exploração agrícola, tendo motivos picotados de cronologia histórica. A rocha 1 apresenta um pequeno conjunto de covinhas e uma inscrição em grandes caracteres, ilegível devido aos líquenes que a cobrem. O mesmo sucede na rocha 2. A rocha 3 apresenta pelo menos duas cruzes. Em todas as rochas faz falta uma observação em melhores condições, sendo possível que novos motivos possam aparecer.

3.8.3. Faia.

O sítio da Faia perdeu o título de sítio paleolítico mais meridional da arte do Côa, com a descoberta e inventariação do Alto da Cotovia e da Quinta da Moreirola, mas mantém a exclusividade das gravuras paleolíticas em granito, assim como dos vestígios de pinturas do mesmo período, e continua a ter o melhor conjunto de pinturas da Pré-história Recente da arte do Côa. Foi descoberto em 1989 por Francisco de Sande Lemos, nos primeiros trabalhos do EIA da barragem do Côa (Lemos, F. S., 1995: 146). Na altura são referidas quatro rochas com pinturas pré-históricas, que não foram então numeradas, e a numeração que mais tarde será feita não seguirá exactamente a ordem de aparecimento. Destas quatro rochas, Sande Lemos menciona especificamente, numa delas, duas figuras zoomórficas pintadas a ocre vermelho, que classifica como cervídeos, mas que seguramente serão os dois bovídeos da agora designada rocha 1. Menciona ainda duas grandes figuras antropomórficas estilizadas de um outro abrigo, que nos parece que só poderá corresponder ao que mais tarde foi inventariado como rocha 5. Em princípios de 1995 são descobertas mais duas rochas na Faia, por intermédio de João Félix e Manuel Almeida, incluindo mais uma rocha com pinturas e outra com pinturas e também gravuras paleolíticas, na rocha 6, as primeiras a serem identificadas na zona granítica, e ainda com a originalidade bem conhecida de terem o traço gravado pintado por cima com ocre vermelho (Rebanda, N., 1995a: 8, 11, 13; 1995b: 14, 15). Ainda no ano de 1995, no mês de Junho, os mesmos prospectores descobrem a rocha 7, esta com uma única figura paleolítica gravada. Este é o número de rochas conhecidas até Maio de 2009, e que tem vindo a ser referido nos vários inventários publicados, ainda que, certamente por lapso, no Relatório de 1997 surja o número de oito rochas (Baptista, A. M. & Gomes, M. V., 1997: 214-215), corrigido nos inventários posteriores (Baptista, A. M., 1999: 19; 2001: 238; Baptista A. M. & García Díez, M., 2002: 195; Baptista, A. M. & Reis, M., 2009: 167; Reis, M., 2011: 120-123).

No ano de 2001, na realização do EIA do Alto Côa (García Diez, M., Rodrigues, A. F. C. & Maurício, J. M. G., 2001), foi descoberta na Faia outra rocha com pinturas, designada como Faia 8 (García Diez, M., Rodrigues, A. F. C. & Maurício, J. M. G., 2001: ficha 121). Relocalizamos essa rocha em Agosto de 2009, que foi inventariada efectivamente como a rocha 8 da Faia³³. Em Outubro de 2009 registamos dez novas rochas com gravuras modernas na margem direita e na extremidade Norte do sítio, subindo a quantidade de rochas inventariadas para 18, que se mantém actualmente. Uma destas rochas, inventariada como rocha 17, vem também referida no EIA do Alto Côa (ficha 122). Falta ainda relocalizar e inventariar outras dez rochas com gravuras modernas mencionadas neste estudo, situadas na área mais a Sul, em ambas as margens (fichas 125 a 134).

No geral, apesar da sua importância, a área deste sítio mantém-se pouco prospectada, com excepção das margens e das imediações das rochas conhecidas. Tal deve-se sobretudo às dificuldades de acesso e de mobilidade na margem e nas encostas. Para além das outras rochas mencionadas no EIA, haverá possibilidades de aparecimento de mais registos, até porque quase nada se viu nas zonas intermédia e superior das encostas.

Como já tem sido descrito, a Faia é um longo e profundo canhão granítico, que se estende quase linearmente na direcção Sul-Norte. Consideramos os seus limites como sendo duas zonas um pouco mais abertas, uma na extremidade Norte e outra na extremidade oposta, onde confluem linhas de água de um e doutro lado, que interrompem nitidamente a sequência abrupta das encostas, formando zonas um pouco mais espaiadas. Não por acaso, é nestas duas áreas que se situam a maioria dos moinhos modernos inventariados no EIA. A área a Sul faz a transição para o sítio do Ervideiro. A área a Norte forma uma larga ínsula no meio do rio, conhecida como Mouchão da Faia, inventariada como sítio com vestígios arqueológicos da Pré-história Recente (Aubry, T., Carvalho A. F. & Zilhão, J., 1997: 104). Para jusante inicia-se nova zona de canhão profundo, similar à Faia e ainda mais longo, até à foz do Massueime e à transição para a zona xistosa, sobre a qual estão os sítios do Picão da Lapa e Faia do Coto.

O sítio da Faia desenrola-se então entre estas duas zonas abertas, numa extensão aproximada de 2300 metros, se as incluirmos. O canhão profundo e contínuo reduz-se a aproximadamente 1450 metros, sendo marcado pelas suas encostas abruptas e extremamente rochosas, que formam um perfil em V muito fechado, e em que as linhas de escorrência de água que vão surgindo numa e noutra margem não são suficientes para formar descontinuidades assinaláveis. É bem visível a diferença de cota do leito do rio entre uma extremidade e outra, na área aberta a Sul (montante) está a uma altitude absoluta de pouco mais que 220 metros e, no final do Mouchão da Faia, a jusante, desceu quase aos 190 metros. Assim, num espaço pouco superior a dois quilómetros o leito do Côa sofre uma variação superior a 30 metros. Por outro lado, as encostas fazem a transição para o planalto aproximadamente à cota de 350 metros, havendo assim um desnível perto dos 150 metros entre o leito e o topo das encostas.

Cronologicamente, as rochas 6 e 7 apresentam motivos paleolíticos, sete rochas ostentam pinturas esquemáticas da Pré-história Recente (rochas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 8), e as restantes dez têm gravuras modernas. Apenas na rocha 6 se misturam cronologias distintas, Paleolítico Superior e Pré-história Recente. As rochas inventariadas situam-se na metade Norte do canhão, apenas com a rocha 7 a descair para a parte mais meridional.

As gravuras modernas são pouco interessantes. Na maioria associam-se directamente a moinhos, como é o caso da rocha 9 por um lado, e do denso conjunto de gravuras formadas pelas rochas 10 a 17. As gravuras são pouco variadas, algumas cruces, pequenas inscrições, e conjuntos de gravuras lineares tipo “unhadas do diabo”, que neste caso deverão ser simplesmente marcas de afiadores. A rocha 18 é mais original. Apresenta um conjunto ordenado de pequenas covinhas, que formam um quase rectângulo. Embora esteja perto, não está directamente associada a moinhos, mas encontra-se no meio do imenso caos de blocos no meio do leito do rio, sendo visível apenas nos meses mais secos do ano, e estando submersa nos restantes.

³³ Neste estudo foram também encontradas duas outras rochas com pinturas, designadas ali como Faia 9 e Faia 10, mas que ficam mais a montante e pertencem a um novo sítio, Ervideiro, que descrevemos a seguir.

As rochas 1, 2, 4 e 6 tem algumas pinturas típicas da arte esquemática peninsular, as rochas 3 e 5 têm pinturas antropomórficas de um estilo diferente, talvez relacionável com a arte Levantina (cf. Reis, M., 2011: 76), o mesmo se podendo dizer, provavelmente, dos dois grandes bovídeos pintados da rocha 1, que estilisticamente diferem bastante das restantes figuras aqui presentes (cf. Baptista, A. M., 1999: 158-160; 2008b: 46-47, 72-73). A rocha 8 é de todas a que apresenta maior quantidade de motivos, num grande painel repleto de pinturas. Este é a única destas rochas onde os dois estilos se misturam. A grande maioria dos motivos são pequenos antropomorfos típicos da arte esquemática peninsular, mas num canto encontram-se duas ou três grandes figuras similares às das rochas 3 e 5. A rocha 1 situa-se a curta distância do Mouchão da Faia, marcando assim o princípio do lado Norte do encaixe profundo deste troço do vale. As rochas 2, 3 e 4 vão surgindo isoladas, a intervalos mais ou menos regulares. As rochas 5 e 6 estão lado a lado, na zona central do canhão, e a rocha 8 encontra-se em frente na outra margem.

As duas rochas paleolíticas encontram-se na zona central do sítio, a rocha 6 na margem esquerda e a rocha 7 na margem direita, cerca de 200 metros para Sul da anterior. Como é bem sabido, ambas apresentam os únicos exemplares de gravuras paleolíticas feitas em superfícies graníticas e, na rocha 6, encontra-se o único caso conhecido de pintura paleolítica da arte do Côa, com traços gravados por picotagem e pintados a vermelho no seu interior em algumas das figuras, havendo um caso de uma cabeça de auroque em que uma linha do focinho é representada unicamente por um traço pintado, sem gravura (Baptista, A. M., 1999: 24-25, 152-157; 2008b: 46-47, 72-73).

A rocha 7 tem ficado um pouco à margem nas descrições e imagens que tem aparecido das rochas e motivos da Faia, de forma imerecida pois, sem ter a espectacularidade e variedade da rocha 6, apresenta também amplos motivos de interesse. Tem uma única gravura picotada, uma figura completa de auroque, provavelmente fêmea, numa implantação muito interessante. Encontra-se num grande conjunto de vários penedos graníticos, numa espécie de pequena “saliência” de caos de blocos no término da encosta, sobre o leito da ribeira. Os blocos do conjunto são de grandes dimensões, e um deles tombou em tempos para a frente, formando com isso uma dupla situação abrigada. Externamente, este e outro bloco de dimensão similar formam uma pala protectora sobre a plataforma adjacente. Internamente, a queda do bloco originou um abrigo, de razoáveis dimensões, com duas aberturas, uma pequena e lateral, a outra maior e frontal, dando acesso à plataforma atrás referida. Esta abertura, no entanto, encontra-se elevada, sendo necessário subir, com algum esforço, a uma bancada sobre a plataforma. A figura foi gravada nesta abertura, na parede lateral direita, com a cabeça voltada para dentro. Esta parede é oblíqua, e a figura encontra-se gravada na vertical e de cabeça para baixo, não tendo assim a típica orientação de perfil. Quem quer que suba à bancada para entrar no abrigo enfrenta directamente a figura, começando pela sua cabeça, com a disposição da entrada e da parede a “obrigar” a esse enfrentamento. Este motivo está assim colocado num ponto que, para além de ser de passagem obrigatória para quem queira entrar no abrigo, faz a transição entre a luz do exterior (ainda que essa luminosidade nunca seja directa sobre a parede gravada) e a penumbra do abrigo (cuja escuridão, durante o dia, também nunca é total). Por fim, refira-se que no interior do abrigo já se encontraram alguns materiais líticos de superfície, mal caracterizados mas que indicam a existência de uma ocupação pré-histórica, restando saber se estará ou não relacionada com a figura paleolítica.

3.8.4. Ervideiro.

Este sítio foi descoberto em 2001, nos trabalhos do EIA do Alto Côa, sendo referidas quatro rochas, duas com pinturas esquemáticas pré-históricas e duas com gravuras modernas (García Diez, M., Rodrigues, A. F. C. & Maurício, J. M. G., 2001: fichas 189, 229, 230, 231). Em Junho de 2011 tivemos oportunidade de realocar as duas rochas com pinturas, integrando-se o sítio no conjunto da arte do Côa.

Tem características muito similares às da Faia, sendo aliás a sua continuação para montante. É uma profunda e estreita garganta granítica do Côa que, tal como a Faia, é orientada tendencialmente

de Sul para Norte, ainda que com um percurso bastante mais sinuoso. Do lado Norte inicia-se na mesma zona mais aberta que assinala o limite meridional do sítio da Faia. A sua terminação a Sul é menos evidente, não havendo acidentes geológicos ou topográficos marcantes. De momento, e antes de uma prospeção mais intensa, fazemos esse limite pela linha de água chamada Canada da Abóbora, que desce a encosta do lado direito e se inicia ao lado do sítio das Lapas Cabreiras. Desta forma, este sítio prolonga-se por 1250 metros. A variação de cota do leito do rio é bastante inferior ao que sucede na Faia, cerca de 10 metros entre as duas extremidades.

Embora, como é típico da zona granítica do Côa, as encostas e as margens sejam pontuadas por múltiplos rochedos, existe um aspecto que distingue este sítio, e que é a existência de um imenso penhasco na encosta do lado direito, perto da extremidade Norte do sítio, formando uma imponente parede quase vertical, desde a margem até ao topo da encosta, tendo quase 150 metros de altura. Este acidente topográfico marca visualmente o sítio, e a rocha 2 encontra-se na sua base, numa zona assinalada ainda por uma praia sobre um alargamento do rio abaixo de um acentuado desnível natural deste, provocado por uma grande concentração de blocos rochosos no leito. A rocha 1 situa-se na margem esquerda, cerca de 380 metros a Sul da rocha 2.

A rocha 1 tem um pequeno painel com poucas figuras pintadas, de difícil percepção mas parecendo ser exclusivamente antropomorfos esquemáticos. A rocha 2 tem um enorme painel, repleto com numerosas pinturas. Predominam, uma vez mais, as figuras antropomórficas, mas surgem também várias figuras solares, e poderá haver ainda outros tipos de motivos, de visualização difícil pelo desgaste e apagamento das pinturas. Por outro lado, a rocha 1 é um painel discreto que passa facilmente despercebido no meio dos afloramentos em redor, mas que está bem assinalado por estar na base de um conjunto rochoso muito destacado. Desta forma, a sua implantação tem algo de similar à da rocha 2, e há ainda um outro factor que aproxima as duas rochas. Em ambos os casos, as rochas com pinturas têm em frente, do outro lado do rio, uma larga bancada de rocha intensamente polida pela água, de cor esbranquiçada e facilmente assinalável na paisagem. Não será coincidência que as duas rochas com pinturas conhecidas estejam em frente às duas únicas bancadas com estas características existentes no sítio, fazendo uma evidente interrupção no típico caos de blocos das margens do Côa granítico.

3.8.5. Lapas Cabreiras.

Este sítio foi assinalado por Carla Magalhães, em nossa companhia, em Junho de 2008, e foi referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Encontra-se um pouco a montante da Faia e sobranceiro ao Ervideiro, no término do planalto e sobre o início da encosta voltada a Oeste sobre a margem direita do Côa. Topograficamente, a zona caracteriza-se por ter uma sequência de cabeços rochosos, pouco elevados e de topo aplanado, que se desenvolvem obliquamente ao curso do rio, de Nordeste para Sudoeste. Estes cabeços são delimitados a Sudeste por uma linha de água, designada de Canada da Abóbora, pouco pronunciada no terreno, e que segue no planalto a mesma orientação da sequência dos cabeços e, no término Sudoeste destes, inflecte brevemente para Oeste antes de mergulhar abruptamente ao longo da encosta em direcção ao Côa. Do outro lado, a sequência dos cabeços delimita uma plataforma aplanada, que é o limite do planalto antes da encosta sobre o Côa. É uma vasta plataforma, comprida e com uma largura máxima que ultrapassará um pouco os 100 metros.

A rocha historiada encontra-se na base do último dos cabeços antes do início da encosta, do seu lado Oeste sobre a plataforma e olhando para a abertura do canhão sobre o Côa. Esta base do cabeço apresenta uma série de abrigos consecutivos, uns quatro ou cinco, todos a rondar a cota absoluta de 400 metros, e que já prospectamos em busca de mais vestígios, mas sem que descobríssemos mais evidências de arte rupestre. Uma vez que todos têm também boas ou razoáveis condições para a existência de pinturas, supomos que a existência de uma única parede pintada dentro do conjunto das várias disponíveis seja uma opção intencional.

O abrigo com as pinturas encontra-se a meio, e é o mais alto e mais evidente do conjunto. É um enorme abrigo de abertura rectangular, com um espaço interno de forma e dimensão similar à abertura. Tanto o interior como a zona em frente estão juncados de blocos graníticos, de dimensões diversas, e é provável que o abrigo já tenha sido maior. Para quem olha de frente, a parede pintada é a parede lateral esquerda do abrigo, com o painel de maiores dimensões e mais obviamente acessível do conjunto, mais até do que a parede de fundo, que está em parte obstruída por blocos.

Uma questão com alguma importância, a que de momento não conseguimos responder, é se a fragmentação e queda daqueles blocos no interior e frente do abrigo se deu antes ou após a sua utilização na Pré-história. Para além de questões de habitabilidade do abrigo e maior ou menor preservação de eventuais vestígios de ocupação, também do ponto de vista do acesso às pinturas essa é uma questão pertinente, pois parece-nos que as condições de acesso à plataforma em frente à parede pintada, e as próprias dimensões desta plataforma, poderão ter sofrido alterações relevantes. Presentemente, o painel pintado surge na parte superior da parede lateral, sobre uma plataforma elevada, que está cerca de dois metros acima do solo inferior do abrigo. Há duas maneiras de aceder a esta plataforma, e ambas apresentam dificuldades, obrigando a alguma ginástica. Por outro lado, uma vez na plataforma elevada, quase todas as pinturas são facilmente acessíveis, mas há um pequeno grupo de motivos que se encontra para lá do limite da plataforma, fora de alcance. Tudo isto levanta a questão de saber se estas dificuldades foram procuradas pelos autores das pinturas, ou se ocorreram alterações posteriores no abrigo.

O painel apresenta assim diversos motivos pintados que se enquadram na típica arte esquemática peninsular, mas tendo alguma originalidade no contexto das pinturas conhecidas na arte do Côa. Um dos motivos de interesse reside na diversidade de pigmentos existentes, pelo menos três diferentes cores, talvez quatro. Outro está na insistência no tema “mão”. A composição é dominada por um grande motivo, de cor laranja vivo, representando uma grande mão na vertical, com cinco dedos voltados para baixo e o arranque do pulso para cima. Imediatamente ao lado está uma figura antropomórfica, de cor laranja clara, composta por uma barra vertical central, da qual saem dois braços na horizontal com enormes mãos de dedos abertos. Para o lado oposto surge uma outra figura na mesma cor, muito indistinta e de difícil visualização, que parece ser mais uma mão na vertical. Nas imediações surgem diversas manchas de motivos de difícil interpretação, alguns numa cor castanho-vinhoso, que por vezes parecem aglomerações de pontos e barras. Por fim, na extremidade esquerda do painel, já fora do limite da plataforma, surge um conjunto de motivos em cor castanho-vinhoso. Esta cor, embora parecida com a anterior, é mais escura e carregada, e poderá tratar-se de um pigmento diferente. Dentro do conjunto, distingue-se com facilidade apenas mais um motivo de uma mão, na mesma disposição que as anteriores.

Naturalmente, uma vez que o tema da mão pintada é recorrente em muitas grutas com arte paleolítica, é de perguntar se estas mãos não poderiam ter uma cronologia paleolítica. Não podemos afastar por completo a hipótese, e supomos que pelo menos o pigmento mais escuro poderá fornecer elementos de datação, mas uma cronologia tão recuada parece-nos muito improvável. Estas mãos são tipologicamente muito distintas das paleolíticas, e enquadram-se bem nos estilos da arte esquemática (se a grande mão laranja não nos oferece grandes dúvidas na sua interpretação, as outras duas são menos óbvias, e não afastamos de todo a hipótese de se tratar de figuras antropomórficas), o mesmo acontecendo com o antropomorfo das duas mãos. Por outro lado, há um contexto de ocupação que aponta também para a Pré-história Recente. Na grande plataforma subjacente aos cabeços, podemos encontrar alguns escassos vestígios de ocupação, dispersos por uma grande área, consistindo num núcleo de quartzito, um nódulo de barro de cabana e dois ou três fragmentos de cerâmica manual. A escassez de vestígios poderá talvez indicar um bom estado de preservação dos vestígios arqueológicos. No interior do abrigo com pinturas, e num outro ao lado, apareceram à superfície mais fragmentos de cerâmica manual, que pertencem inequivocamente à Pré-história Recente.

3.8.6. Mioteira.

A única rocha com pinturas deste sítio da Mioteira foi descoberta em 2001, no âmbito dos trabalhos do EIA do Alto Côa (García Diez, M., Rodrigues, A. F. C. & Maurício, J. M. G., 2001: Ficha 96), e foi realocada em Março de 2009, sendo incluída no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Está a cerca de 1500 metros a Sul das Lapas Cabreiras, também na margem direita do Côa, e partilha com esta rocha algumas características a nível da implantação. Encontra-se na base Sudoeste de um pouco destacado cabeço de topo aplanado que é a parte terminal de uma sequência de cabeços orientada de Nordeste para Sudoeste. A rocha está à cota absoluta de 400 metros, e à sua frente, para Oeste, desenvolve-se uma ampla plataforma que antecede a encosta final sobre o Côa. É no entanto um sítio visualmente menos óbvio, e a relação com o Côa é menos directa, até porque para Noroeste e Sudoeste da rocha se desenvolvem outras duas elevações antes da queda final para o Côa, a última mais baixa que a rocha mas a primeira à mesma cota. Por outro lado, o tipo de rocha e painel são muito distintos. Nas Lapas Cabreiras as pinturas estão colocadas no interior de um abrigo, numa parede lisa. Na Mioteira, o painel utilizado é a parede frontal de um bloco de granito, em pleno ar livre, tendencialmente vertical mas de formato levemente arredondado para o exterior, de textura muito rugosa e irregular. Neste painel distinguem-se com alguma dificuldade diversas manchas avermelhadas correspondentes a antigas pinturas, sem que hoje se consiga identificar motivos concretos. O número total de motivos deveria rondar a dezena, e é provável que alguns correspondessem a pequenos antropomorfos esquemáticos. Por vezes é problemático diferenciar estas manchas pintadas, muito desgastadas pelo tempo, de manchas também avermelhadas de origem natural, comuns nos granitos da região.

Não podemos definir com segurança os limites deste sítio, uma vez que ainda não prospectamos a envolvente. Não sabemos se estará limitado a esta rocha ou se poderá haver outras de características similares no entorno. No entanto, a existência de pinturas neste painel obriga a uma atenção redobrada na prospecção de pinturas neste tipo de granitos pois, à partida, não considerariamos provável que este tipo de painéis pudesse ostentar pinturas. A futura prospecção deverá também tomar em conta o contexto arqueológico do sítio, pois parece-nos possível que, à semelhança das Lapas Cabreiras, haja uma relação de proximidade entre a rocha pintada e sítios de ocupação. De momento conhecemos dois sítios pré-históricos nas imediações: um no cabeço a Noroeste da rocha, o Alto da Mioteira, enfrentando-a quase directamente, um recinto muralhado referido em primeiro lugar por Manuel Sabino Perestrelo (2003: 42, n.º 24), e um outro sítio mais afastado, a 900 metros de distância para Norte, um habitat aberto designado de Casa Grande, ainda inédito. A cronologia precisa de ambos é desconhecida, o primeiro será provavelmente mais recente que o segundo, e a prospecção poderá revelar a existência de mais sítios de ocupação nas redondezas.

3.8.7. Alto da Cotovia.

Este sítio foi descoberto em 2001, no âmbito dos trabalhos do EIA do Alto Côa (García Diez, M., Rodrigues, A. F. C. & Maurício, J. M. G., 2001: Fichas 108-112), e foi por nós realocado em Abril de 2009, sendo já incluído no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). Para além de uma cruz picotada associada a um moinho (Ficha 108), que inventariamos como a rocha 1, eram referidas mais quatro ocorrências, todas descritas como tendo traços filiformes não figurativos de cronologia indeterminada. Destas, uma resolvemos ignorar e não inventariar, por considerarmos que tinha apenas alguns traços muito recentes e sem interesse (Ficha 112). Não encontramos para já uma das outras ocorrências (Ficha 109). O afloramento da Ficha 110 foi inventariado como rocha 4, enquanto o afloramento da Ficha 111, maior e mais fácil de relocalizar, foi inventariado como rocha 2. A rocha 3 foi descoberta nesta primeira relocalização, não fazendo parte do conjunto primeiramente inventariado no EIA. Uma nova ocorrência foi descoberta em Setembro de 2009 e inventariada como rocha 5, sendo este o total de registos de momento.

Trata-se de uma encosta sobre a margem esquerda do Côa, orientada a Leste. Geologicamente, integra-se quase toda na Formação da Excomungada, tendo os afloramentos que observamos alguns painéis verticais de excelente textura, de cores castanha e cinzenta e, por vezes, com manchas de um vermelho vivo. No entanto, esta zona tem algumas intrusões de xistos da Formação do Rio Pinhão, e as rochas conhecidas estão perto da zona de transição. Assim, enquanto a rocha 1 integra esta última formação, as restantes estão na Formação da Excomungada. O sítio é fácil de delimitar a Sul, pois a encosta dá lugar a um aberto e extenso terraço fluvial. Para Norte é mais difícil, e só a prospecção permitirá uma melhor delimitação. A mancha de xistos continua por mais 1500 metros, cedendo lugar a um curto trecho dos quartzitos da serra da Marofa, que numa extensão aproximada de 1000 metros cruzam aqui o Côa, e que por sua vez dão lugar a uma pequena área de granitos, seguidos de um amplo trecho de uma nova área de xistos da Formação da Excomungada que, por fim, cedem lugar à longa extensão de granitos que se prolonga até à foz do Massueime. Toda esta área está muito pouco prospectada, e o potencial de aparecimento de novos sítios de arte rupestre é grande.

A encosta tem uma inclinação elevada, iniciando-se à cota de 450 metros e terminando no Côa aos 310 metros. Todas as rochas identificadas estão no trecho inicial do lado Sul, perto do terraço fluvial e junto ao Côa, entre as cotas 310 e 320 metros, a rocha 1 isolada junto de um moinho e, cerca de 150 metros mais à frente, as restantes rochas inventariadas, aglomeradas em conjunto. A encosta é grande e está longe de estar prospectada, devendo haver mais rochas por identificar, nas imediações do rio e no princípio da encosta do lado Sul, onde se concentram as ocorrências inventariadas, mas também para jusante e na parte superior da encosta, onde surgem afloramentos similares.

A rocha 1 tem apenas uma cruz picotada, gravada num afloramento de disposição sub-horizontal, na zona do canal da levada de um antigo moinho em ruínas. As outras rochas têm painéis verticais, com gravuras filiformes paleolíticas. No caso das rochas 3, 4 e 5, distinguimos apenas associações de traços extremamente finos e patinados, nalguns casos fazendo feixes de traços, mas com a percepção dos conjuntos dificultada pelos líquenes que cobrem as superfícies. A rocha 2, onde surge o mesmo problema, é claramente a mais importante do conjunto, com alguns grupos distintos de traços, num dos quais se distinguem motivos concretos, de evidente cronologia paleolítica. Surge um conjunto de figuras de traço múltiplo, de difícil interpretação, que tanto poderá ser um signo abstracto de elevada complexidade como, talvez mais provavelmente, um conjunto de quatro cabeças de animais (caprinos?) sobrepostas e colocadas na vertical, aumentando progressivamente de tamanho de cima para baixo.

Por fim, o terraço fluvial da Quinta da Cotovia fornece um interessante contexto ocupacional, não só para este sítio do Alto da Cotovia mas também para o sítio fronteiro da Quinta da Moreirola. Já referido no EIA do Alto Côa (Ficha 65), com o aparecimento de algum material lítico de superfície incaracterístico, uma recente prospecção efectuada por Thierry Aubry e Jorge Sampaio, em nossa companhia, permitiu, para além da identificação de vestígios romanos, confirmar a existência de material lítico do Paleolítico Superior.

3.8.8. Quinta da Moreirola.

Tal como o Alto da Cotovia, o sítio da Quinta da Moreirola foi identificado em 2001 no EIA do Alto Côa (García Diez, M., Rodrigues, A. F. C. & Maurício, J. M. G., 2001: Fichas 97-102). Das sete ocorrências então assinaladas, uma foi logo correctamente interpretada como tendo um motivo paleolítico, tornando-se na manifestação mais meridional da arte paleolítica do Côa. Em Abril de 2009 relocalizamos o sítio, que foi já referido no último inventário (Reis, M., 2011: 120-123). De momento, apenas foram revistas duas das sete ocorrências (Fichas 97 e 98), respectivamente a rocha 1 e a rocha 2, ambas com painéis verticais de xisto, a primeira com vários conjuntos de linhas filiformes de cronologia indeterminada, a segunda com, entre mais alguns traços, uma bonita figura filiforme de um caprino de traço simples. As restantes ocorrências têm descrições sumárias, sendo necessário a sua relocalização para avaliar da sua importância.

Estas rochas distribuem-se ao longo da margem direita do Côa, na base de uma encosta voltada a Oeste, numa curva pouco acentuada do rio, um pouco a montante da casa da quinta da Moreirola. Tal como o Alto da Cotovia, os terrenos são xistosos e integram a Formação da Excomungada, embora o limite Norte da encosta esteja na zona de transição para uma intrusão de xistos da Formação do Rio Pinhão. A encosta situa-se em frente ao terraço fluvial da Quinta da Cotovia que referimos atrás, delimitando-se a Norte pelo final do terraço e pelo princípio da encosta do Alto da Cotovia, na margem oposta, e terminando a Sul em frente à foz da ribeira das Cabras. Tem assim uma extensão total de 870 metros. Não é, em geral, muito declivosa, embora tenha pequenos trechos de maior inclinação. As primeiras plataformas aplanadas que marcam o término superior da encosta surgem à cota de 400 metros, enquanto em baixo o rio está na cota de 320 metros. É assim uma encosta mais curta, mais baixa e muito menos evidente na paisagem que a encosta fronteira do Alto da Cotovia. As duas rochas inventariadas estão lado a lado na margem do Côa, na zona central da encosta, logo a jusante da margem direita de uma linha de água que desce linearmente a encosta e a divide a meio. Quase todos os afloramentos existentes estão ao longo do Côa, havendo painéis de orientação vertical e de orientação sub-horizontal, estes em geral polidos pelas águas. Para além das cinco referências do EIA que ainda falta relocalizar, poderá também haver mais algumas novas rochas por encontrar, ainda que este sítio não nos pareça ter potencial para grande quantidade de registos.

4. CONCLUSÃO.

Os trabalhos de prospecção prosseguem na região da arte do Côa, e novos sítios e novas rochas vão aparecendo com regularidade. Na segunda e última parte deste artigo apresentaremos também um novo balanço dos resultados, forçosamente provisório como todos os que tem sido apresentados até ao momento.

Como vimos, podemos dividir a distribuição dos sítios de arte rupestre na região em dois grandes eixos, o maior no troço final do rio Côa, numa extensão aproximada de 34 km, e o menor ao longo do rio Douro, para ambos os lados da embocadura do Côa, numa extensão inferior a 20 km. Ao longo deste troço final do Côa conhecem-se de momento 41 sítios de arte rupestre (55% do total), com um conjunto de 711 registos (65% do total). Esta superioridade quantitativa do Côa sobre o Douro deve-se à maior extensão da distribuição dos sítios no Côa, mas também à maior intensidade da prospecção arqueológica realizada nos últimos anos, desde o início dos trabalhos arqueológicos, numa primeira fase entre 1989 e 1995 com os trabalhos associados à construção da Barragem do Côa e, a partir de 1995, com a constituição do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Esta prospecção permitiu descobrir grande quantidade de sítios com arte rupestre, havendo já algumas zonas do Côa em que a identificação dos seus sítios se pode considerar completa, ou quase. Por outro lado, a prospecção sistemática de alguns destes sítios permitiu a descoberta de grande quantidade de rochas gravadas, sendo frequentes os sítios com várias dezenas de registos. Aqui, a Foz do Côa, com quase 200 registos, reina incontestada.

Os motivos conhecidos da arte do Côa têm também aumentado e diversificado consideravelmente e o Côa apresenta, para já, maior variedade tipológica, estilística e cronológica que o Douro. Quase todos os motivos pintados da arte esquemática da Pré-história recente estão no Côa, assim como quase todas as gravuras paleolíticas em picotado ou abrasão. Quanto às gravuras em traço inciso dos três grandes períodos cronológicos da arte do Côa (Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Época Histórica), distribuem-se em grande quantidade ao longo dos dois rios. São sobretudo estes últimos motivos que tem aparecido em catadupa nos últimos anos, aumentando enormemente o acervo conhecido: se o número de sítios ultrapassa as sete dezenas e a quantidade de rochas gravadas ultrapassa o milhar, o número de motivos representados nestas rochas é na ordem dos vários milhares.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, F. M. (1938), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Tomo X – Arqueologia, Etnografia e Arte, Porto, 872 pp.
- ANDRADE, J. S. (1940), Vila Nova de Fozcoa. In CORDEIRO, J. A. (ed.), *Anuário da Região Duriense*. Régua, Imprensa do Douro, pp. 498-505
- AUBRY, T. (2009a), Enquadramento geográfico. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa, IGESPAR, [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 21-27
- AUBRY, T. (2009b), Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa, IGESPAR, [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 382-395
- AUBRY, T.; CARVALHO, A. F. & ZILHÃO, J. (1997), Arqueologia. In ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 74-209
- AUBRY, T.; DIMUCCIO, L. A.; SAMPAIO, J. D. & SANTOS, A. (2010), Olgas de Ervamoira: Seis metros de Arquivo da Pré-História nas Margens do Rio Côa. *Côavisão*, 12, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 133-143
- AUBRY, T. & SAMPAIO, J. (2008), Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio. In *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, 15 a 20 de Maio de 2006)*, Vol. 01 – Pré-história. Gestos Intemporais. Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 7-30
- AUBRY, T. & SAMPAIO, J. (2009), Escavações e sondagens. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa, IGESPAR, [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 36-83
- BAPTISTA, A. M. (1983), O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 57-69
- BAPTISTA, A. M. (1999), *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa, CNART/PAVC, 189 pp.
- BAPTISTA, A. M. (2001), The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal). In ZILHÃO, J., AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. (eds.), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique – Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*. Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 237-252.
- BAPTISTA, A. M. (2008a), Aspectos da Arte Magdalenense e Tardiglaciar no Vale do Côa. In *Actas do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional (Vila Nova de Foz Côa, 28 a 30 de Junho de 2007)*, Vol. 03 – Do Paleolítico à Contemporaneidade. Estudos sobre a História da Ocupação Humana em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 14-31
- BAPTISTA, A. M. (2008b), *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa, Edições Afrontamento/PAVC, 253 pp.
- BAPTISTA, A. M. & GARCÍA DIEZ, M. (2002), L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In SACCHI, D. (ed.), *L'art paléolithique à l'air libre: le paysage modifié par l'image (Tautavel, Campôme, 7-9 Octobre 1999)*. Saint-Estève, GAEP/ GÉOPRE, pp. 187-205
- BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1995), Arte rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões. In JORGE, V. O. (coord.), *Dossier Côa*. [Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (4)], Porto, pp. 349-385
- BAPTISTA, A. M. & GOMES, M. V. (1997), Arte rupestre. In ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 210-406

- BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2008), Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico Superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro. In *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, 15 a 20 de Maio de 2006)*, Vol. 01 – *Pré-história. Gestos Intemporais*. Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 62-95
- BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2009), Prospecção da Arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro Português: ponto da situação em Julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Actas do colóquio “Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa” (Salamanca, 15-17 de Junho de 2006)*. Junta de Castilla y León, pp. 145-192
- BAPTISTA, A. M. & REIS, M. (2011), A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). *Côavisão*, 13, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 15-20
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. & CORREIA, D. (2006), Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão*, 8, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 156-184
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. & CORREIA, D. (2008), Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa). In *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, 15 a 20 de Maio de 2006)*, Vol. 01 – *Pré-história. Gestos Intemporais*. Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 38-61
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. & CORREIA, D. (2009), O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do bestiário Gravettense e/ou gravetto-solutrense. In BALBÍN BEHRMANN, R. (ed.), *Actas do colóquio “Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa” (Salamanca, 15-17 de Junho de 2006)*. Junta de Castilla y León, pp. 89-144
- BRANCO, A. & ALVES, L. B. (2006), *E.N. 222 – Beneficiação entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra. Relatório de Análise Patrimonial no âmbito do Estudo de Impacto Ambiental*. Relatório policopiado, IPA
- CARVALHO, A. F. (2004), O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(1), Lisboa, IPA, pp. 185-219
- COIXÃO, A. N. S. (1996), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 231 pp.
- CUNHA, A. M. C. L. (1991), Estação de arte rupestre de Molelinhos: notícia preliminar. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253-265
- GARCÍA DIEZ, M. (2009), Grafismo mueble: las estaciones de Fariseu, Quinta da Barca Sul y Cardina I. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa, IGESPAR, [Trabalhos de Arqueologia,52], pp. 361-395
- GARCÍA DIEZ, M. & AUBRY, T. (2002), Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus*, 55, Salamanca, pp. 157-182
- GARCÍA DIEZ, M. & LUÍS, L. (2003), José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia. *Estudos Pré-Históricos*, X-XI, Viseu, CEPBA, pp. 199-223
- GARCÍA DIEZ, M.; RODRIGUES, A. F. C. & MAURÍCIO, J. M. G. (2001), *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*. Relatório policopiado, IPA
- LEMOS, F. S. (1995), Dossier Côa I: O relatório de impacto patrimonial (1989). *Forum*, 15/16, Braga, Universidade do Minho, pp. 141-156

- LUÍS, L. (2009), A rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada. In AUBRY, T. (ed.), *200 séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa, IGESPAR, [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 84-93
- MEIRELES, J. (1997), O Quaternário do Vale do Côa. In ZILHÃO, J. (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 11-37
- PERESTRELO, M. S. G. (2003), *A Romanização na bacia do rio Côa*. Vila Nova de Foz Côa, PAVC, 206 pp.
- PINA, F. A. (2010), *Acompanhamento Arqueológico da EN 222 (Beneficiação entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra)*. Relatório policopiado, IGESPAR
- QUESADA SANZ, F. (1997), *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Monographies Instrumentum, n.º 3, Montagnac, Éditions Monique Mergoïl, 2 Vols., 962 pp.
- REBANDA, N. (1995a), *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa, IPPAR, 17 pp.
- REBANDA, N. (1995b), Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre, In *Boletim da Universidade do Porto*, 25, Junho, Porto, Universidade do Porto, pp. 11-16
- REIS, M. (2011), Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C. & SANTOS, A. T. (coord.), *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal (Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, 13 a 16 de Maio de 2009)*. Porto, Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123
- RIBEIRO, M. L. & SILVA, A. F. (2000), *Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa, PAVC
- ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. F.; ZAMBUJO, G. & ALMEIDA, F. (1995), O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (4), Porto, SPAE, pp. 471-497

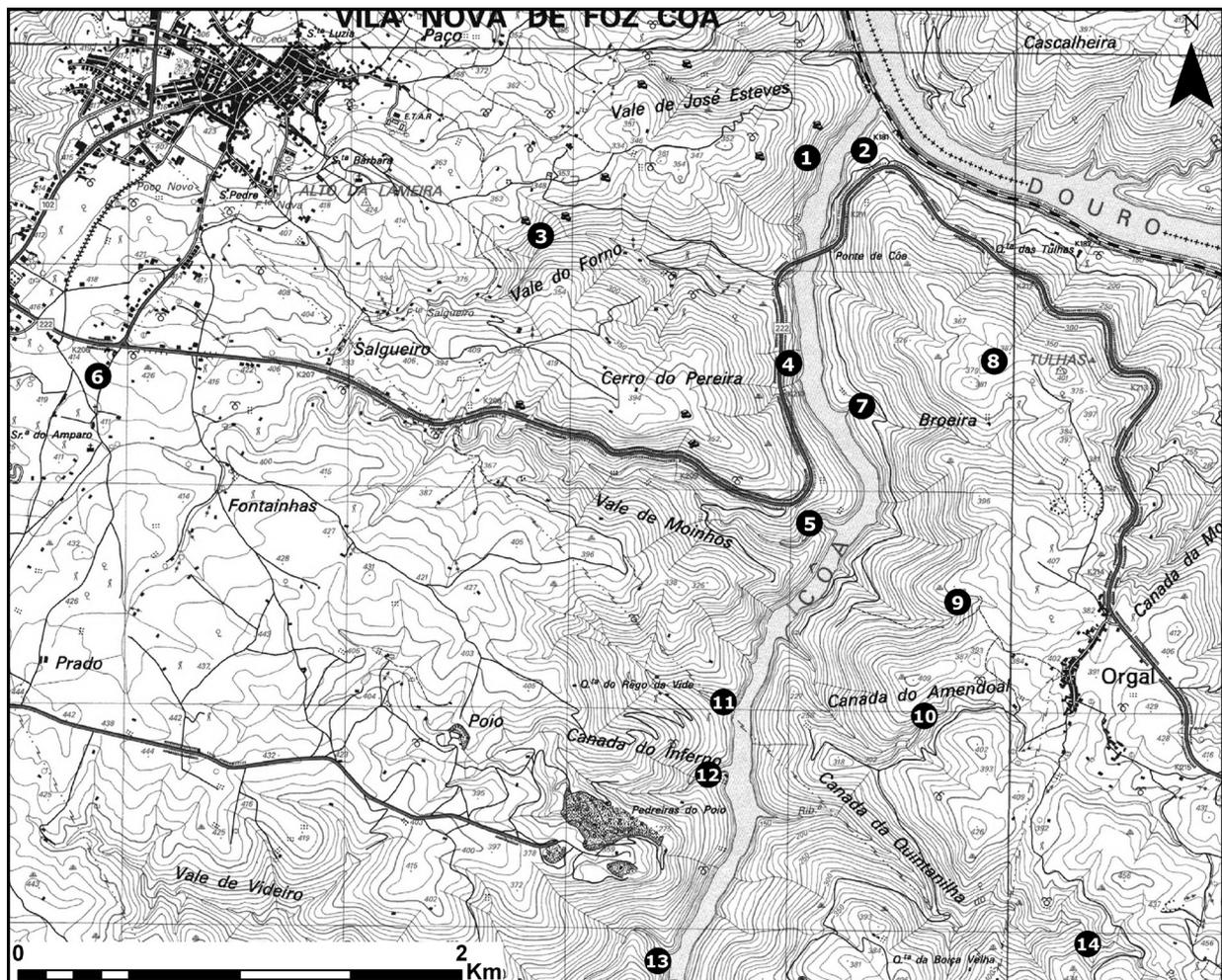


Fig. 1 – Em cima, localização da região da arte do Côa na Península Ibérica. Em, baixo, localização dos sítios no troço final do Côa, entre a foz e a Canada do Inferno: 1 – Foz do Côa; 2 – Quinta das Tulhas; 3 – Vale do Forno; 4 – Moinhos de Cima; 5 – Vale de Moinhos; 6 – Azinhate; 7 – Broeira; 8 – Cavalaria; 9 – Meijapão; 10 – Canada do Amendoal; 11 – Rego da Vide; 12; Canada do Inferno; 13 – Vale de Videiro; 14 – Namorados (Instituto Geográfico do Exército – Extracto da Carta Militar de Portugal – Folha 141).

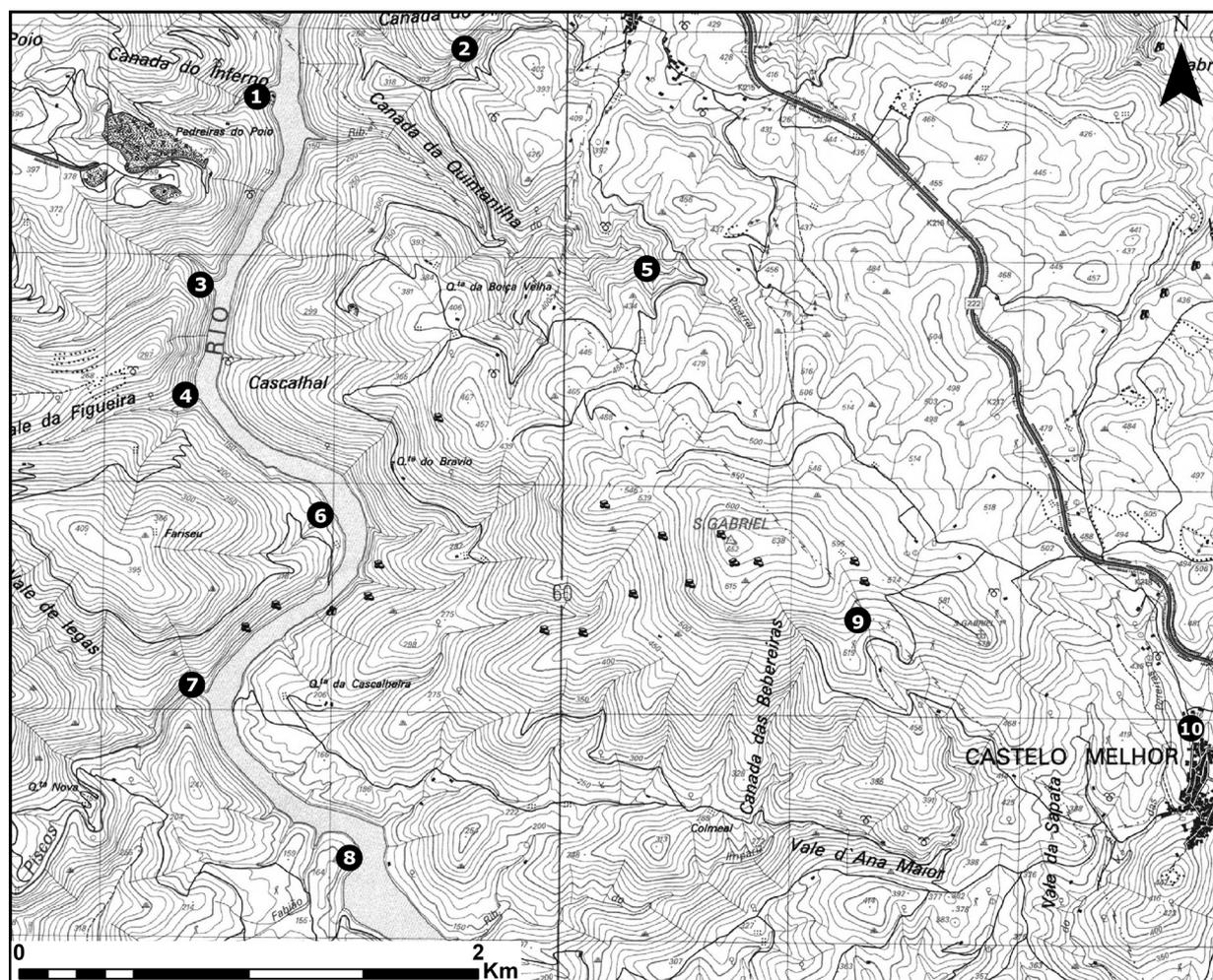


Fig. 2 – Localização dos sítios entre a Canada do Inferno e a Quinta de Ervamoira, incluindo o Monte de São Gabriel e a aldeia de Castelo Melhor: 1 – Canada do Inferno; 2 – Canada do Amendoal; 3 – Vale de Videiro; 4 – Vale de Figueira; 5 – Namorados; 6 – Fariseu; 7 – Ribeira de Piscos; 8 – Olgas de Ervamoira; 9 – São Gabriel; 10 – Rua dos Namorados (Instituto Geográfico do Exército – Extracto da Carta Militar de Portugal – Folha 141).

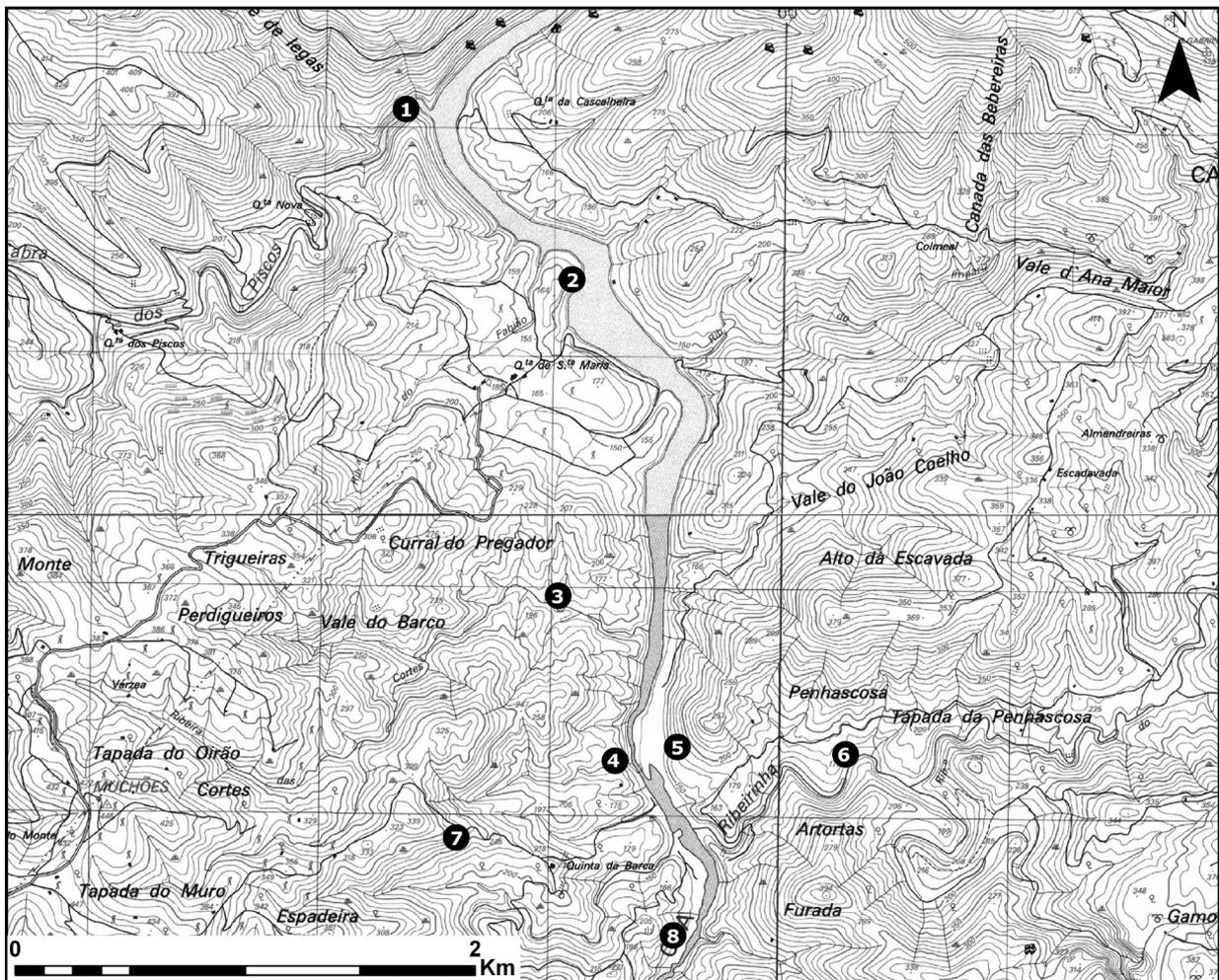


Fig. 3 - Localização dos sítios entre a Ribeira de Piscos e a Ribeirinha: 1 - Ribeira de Piscos; 2 - Olgas de Ervamoira; 3 - Ribeira das Cortes; 4 - Quinta da Barca; 5 - Penascosa; 6 - Foz da Ribeirinha; 7 - Ribeira da Volta; 8 - Quinta da Barca Sul (Instituto Geográfico do Exército - Extracto da Carta Militar de Portugal - Folhas 141 e 151).

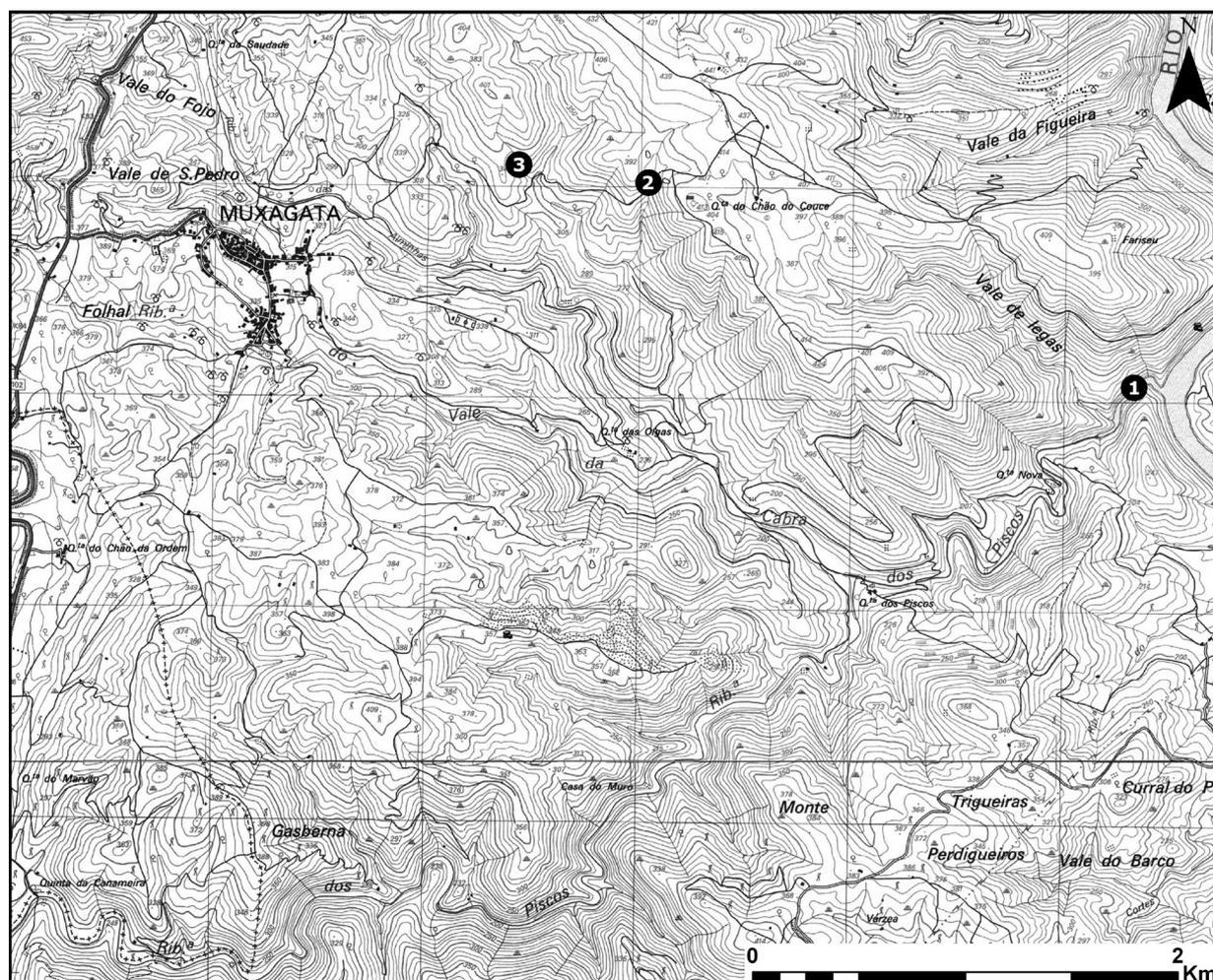


Fig. 4 - Os sítios no vale da ribeira de Piscos: 1 - Ribeira de Piscos; 2 - Ninho d'Água; 3 - Ribeiro da Cumieira (Instituto Geográfico do Exército - Extracto da Carta Militar de Portugal - Folhas 141 e 151).

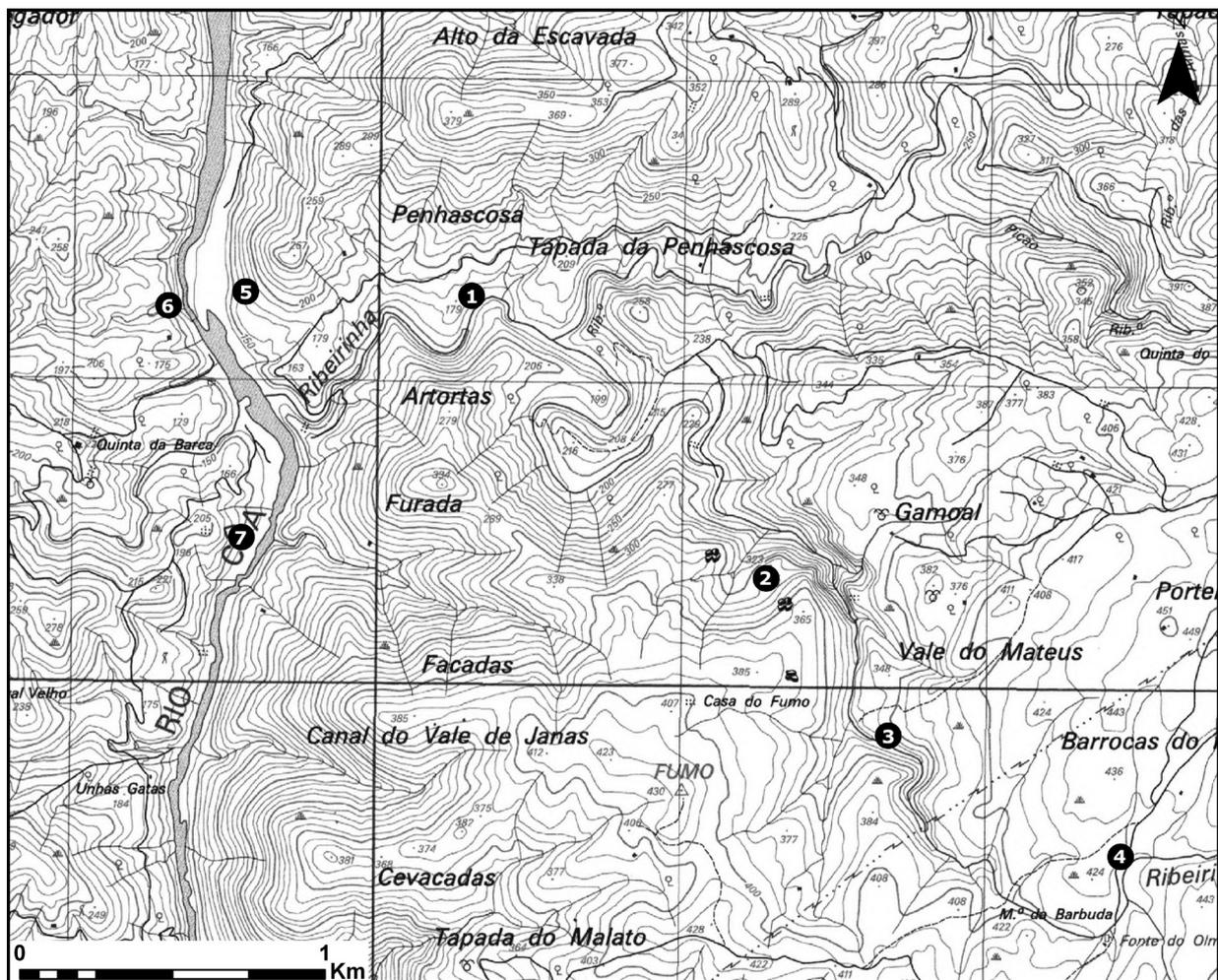


Fig. 5 - Os sítios no vale da Ribeirinha: 1 - Foz da Ribeirinha; 2 - Fumo; 3 - Ribeirinha; 4 - Moinho da Barbuda; 5 - Penhascosa; 6 - Quinta da Barca; 7 - Quinta da Barca Sul (Instituto Geográfico do Exército - Extracto da Carta Militar de Portugal - Folha 151).

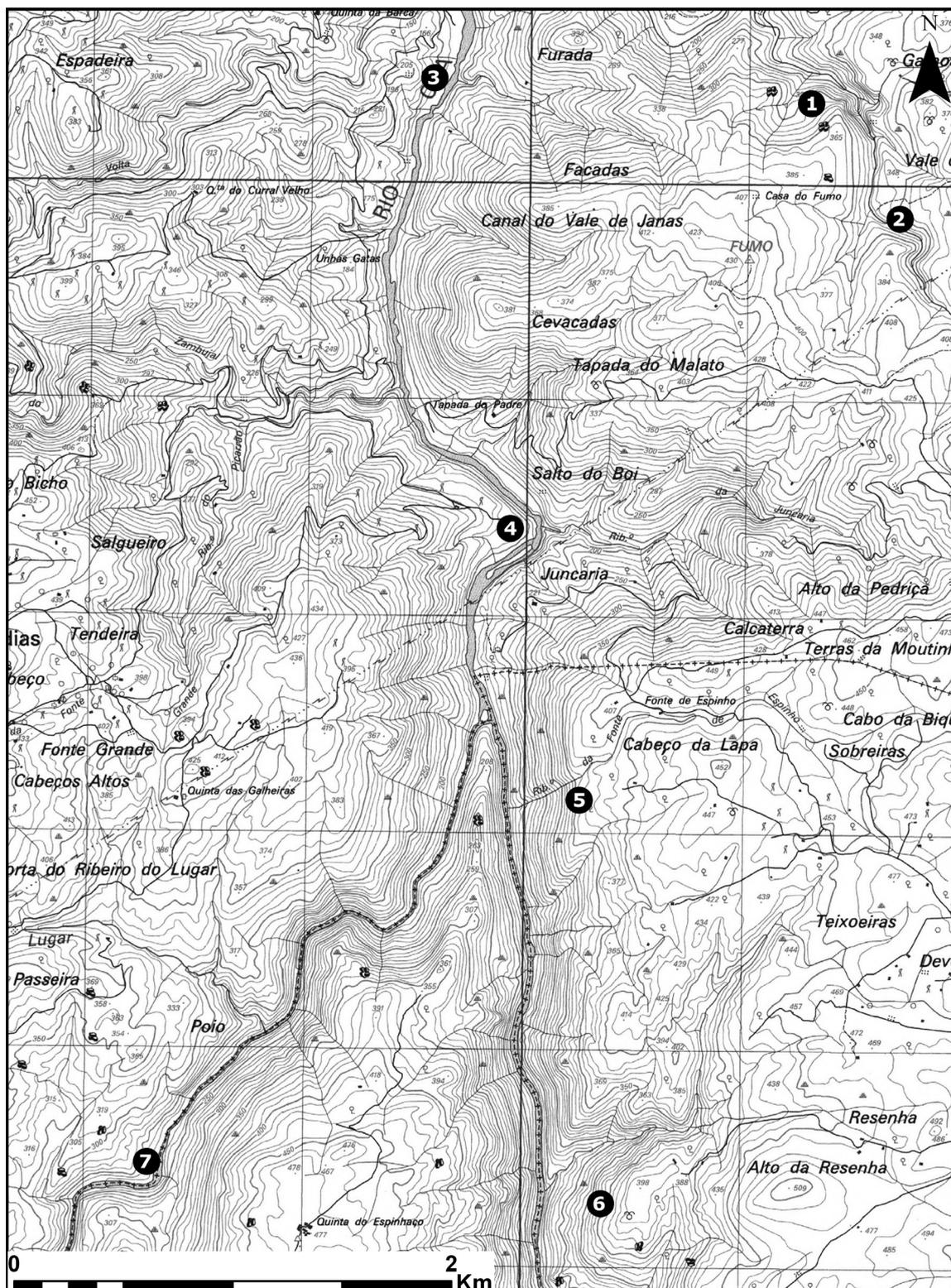


Fig. 6 - Os sítios na transição do xisto para o granito, incluindo o troço final da ribeira de Massueime: 1 - Fumo; 2 - Ribeirinha; 3 - Quinta da Barca Sul; 4 - Cardina; 5 - Picão da Lapa; 6 - Faia do Coto; 7 - Moinho do Chocho (Instituto Geográfico do Exército - Extracto da Carta Militar de Portugal - Folha 151).

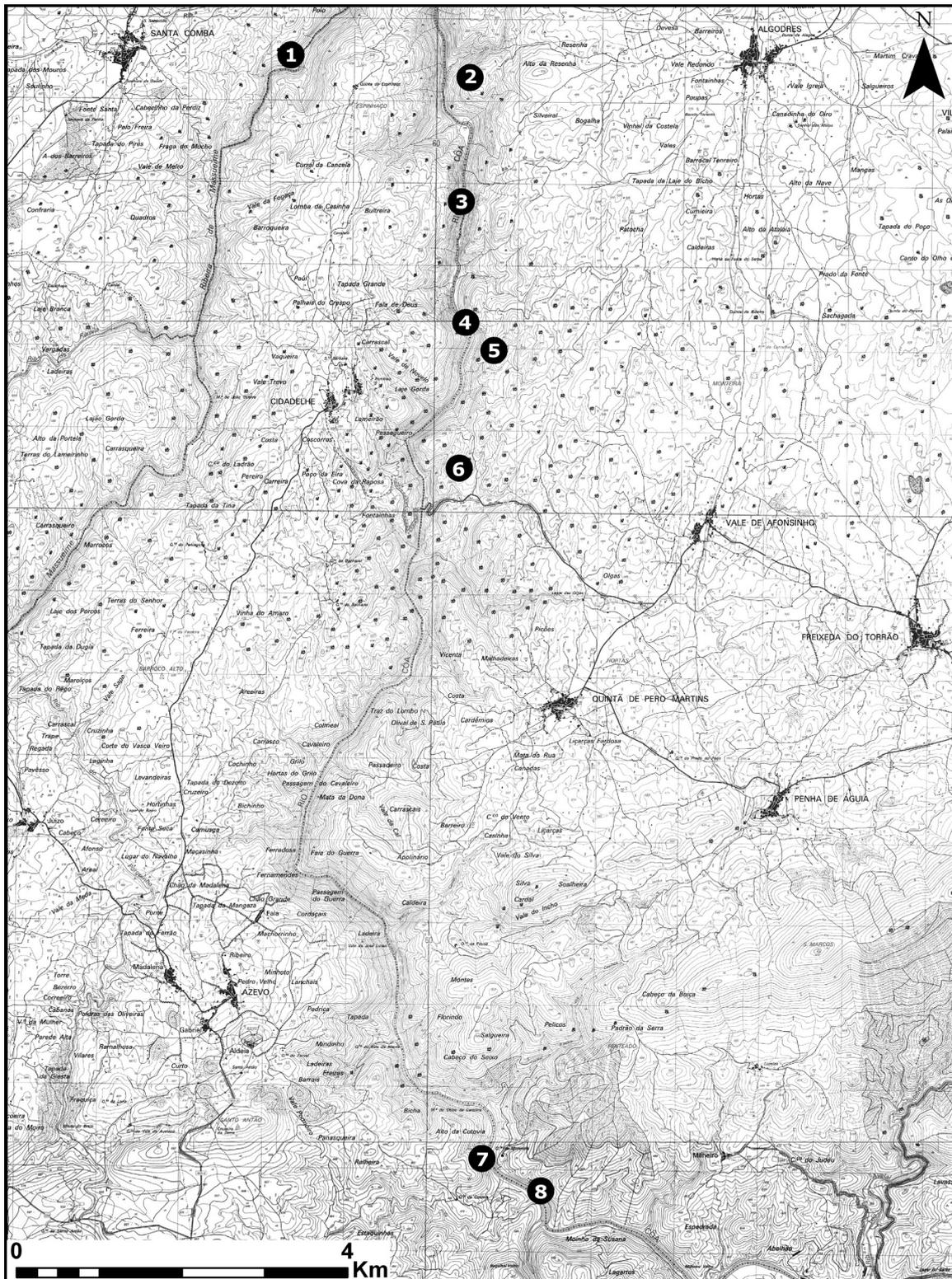


Fig. 7 – O conjunto mais meridional dos sítios da arte do Côa: 1 – Moinho do Chocho; 2 – Faia do Coto; 3 – Faia; 4 – Ervideiro; 5 – Lapas Cabreiras; 6 – Moteira; 7 – Alto da Cotovia; 8 – Quinta da Moreirola (Instituto Geográfico do Exército – Extracto da Carta Militar de Portugal – Folhas 151, 161 e 171).

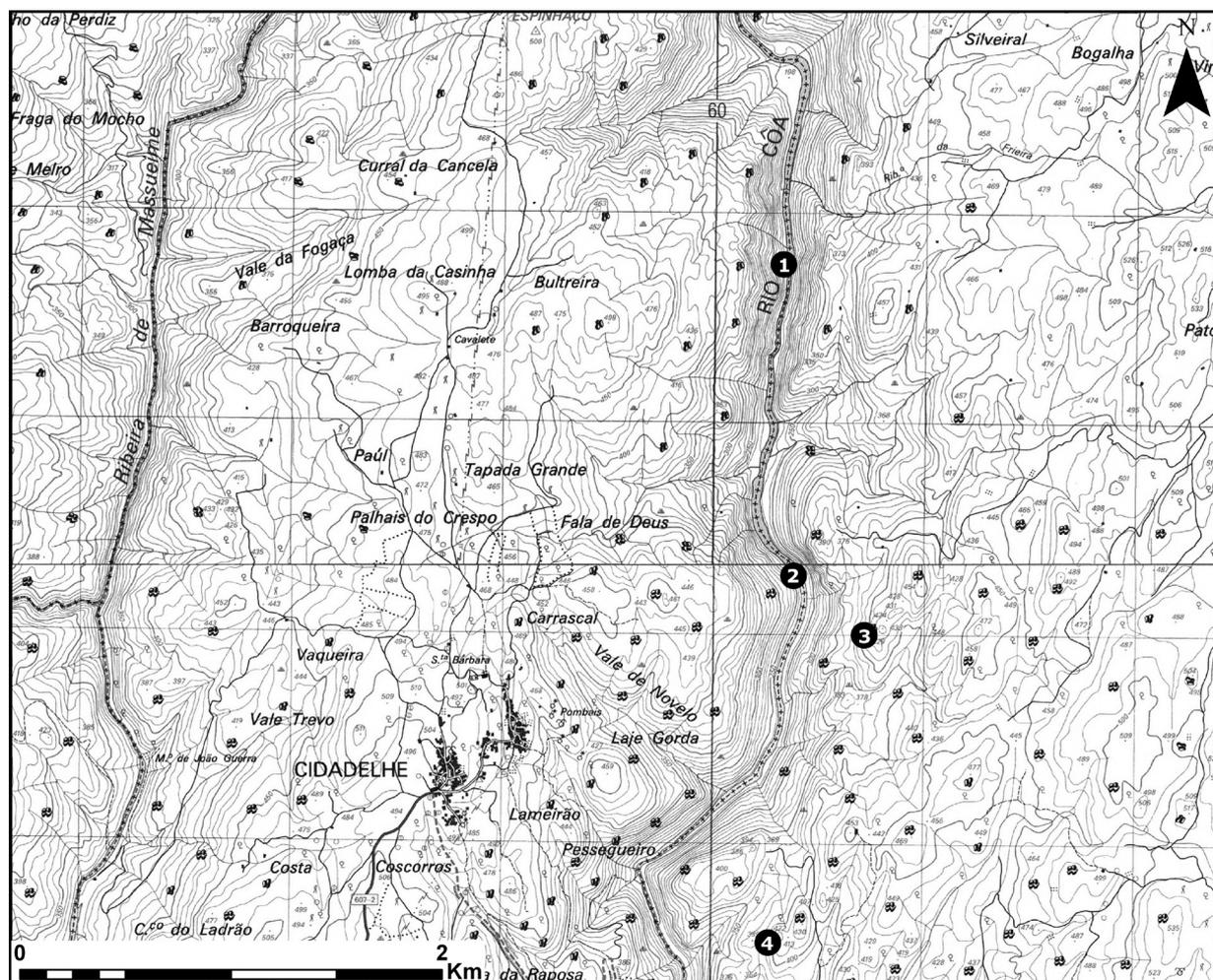


Fig. 8 – Os principais sítios da área granítica do Côa do Côa: 1 – Faia; 2 – Ervideiro; 3 –Lapas Cabreiras; 4 – Mioteira (Instituto Geográfico do Exército – Extracto da Carta Militar de Portugal – Folhas 151 e 161).

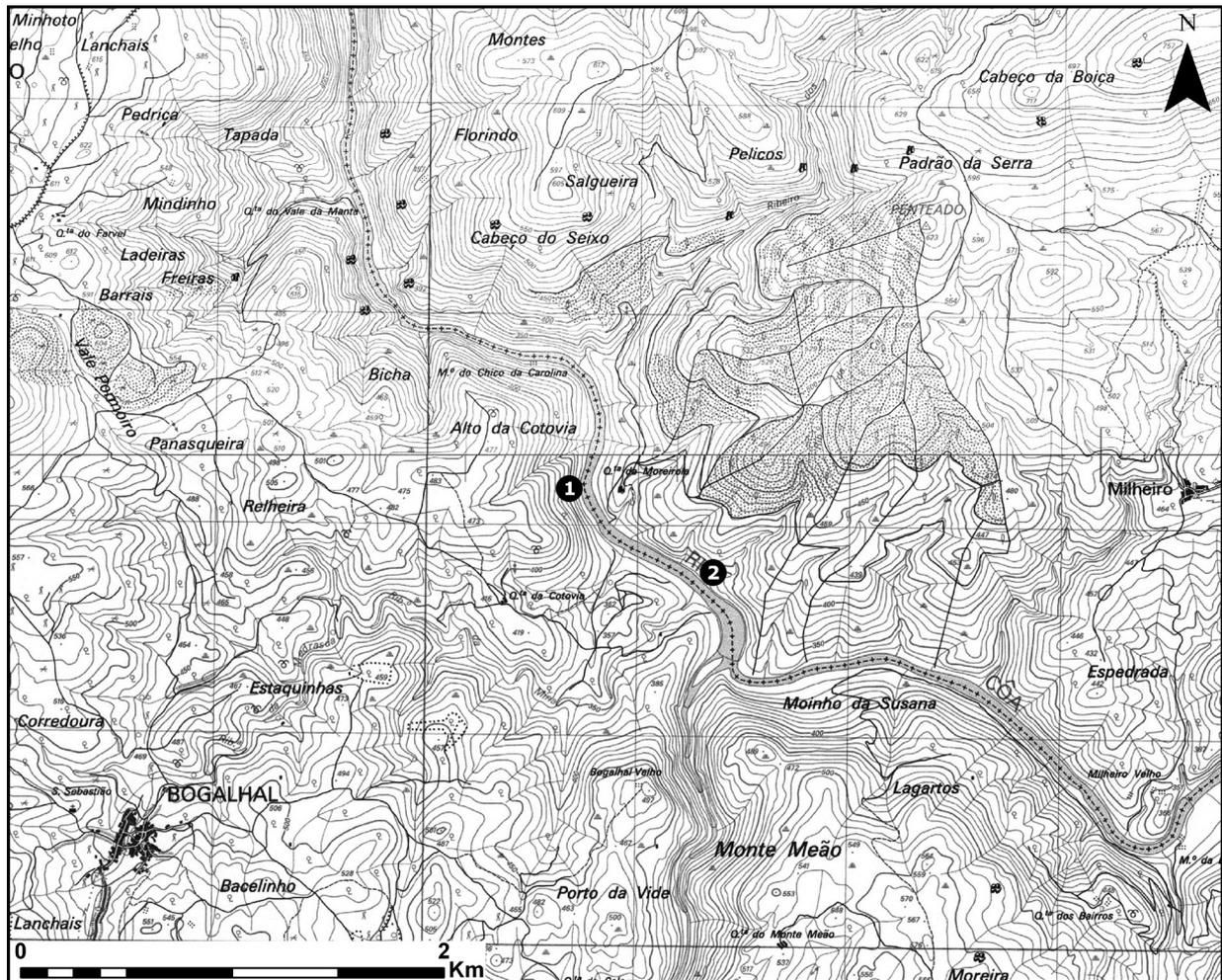


Fig. 9 - Os dois sítios mais a sul da arte do Côa: 1 - Alto da Cotovia; 2 - Quinta da Moreirola (Instituto Geográfico do Exército - Extracto da Carta Militar de Portugal - Folhas 161 e 171).



Fig. 10 – A densa concentração dos sítios rupestres, da embocadura do Côa à Canada do Inferno: 1 – Foz do Côa e Quinta das Tulhas; 2 – Broeira; 3 – Meijapão; 4 – Cavalaria; 5 – Namorados; 6 – Vale do Forno; 7 – Moinhos de Cima; 8 – Canada do Amendoal; 9 – Vale de Moinhos; 10 – Rego da Vide; 11 – Canada do Inferno; 12 – Azinhate. Vila Nova de Foz Côa e as antigas obras da barragem do Côa são bem visíveis. O Museu do Côa surge disfarçado na paisagem, acima da Foz do Côa. Fotografia tirada do alto do Monte São Gabriel.

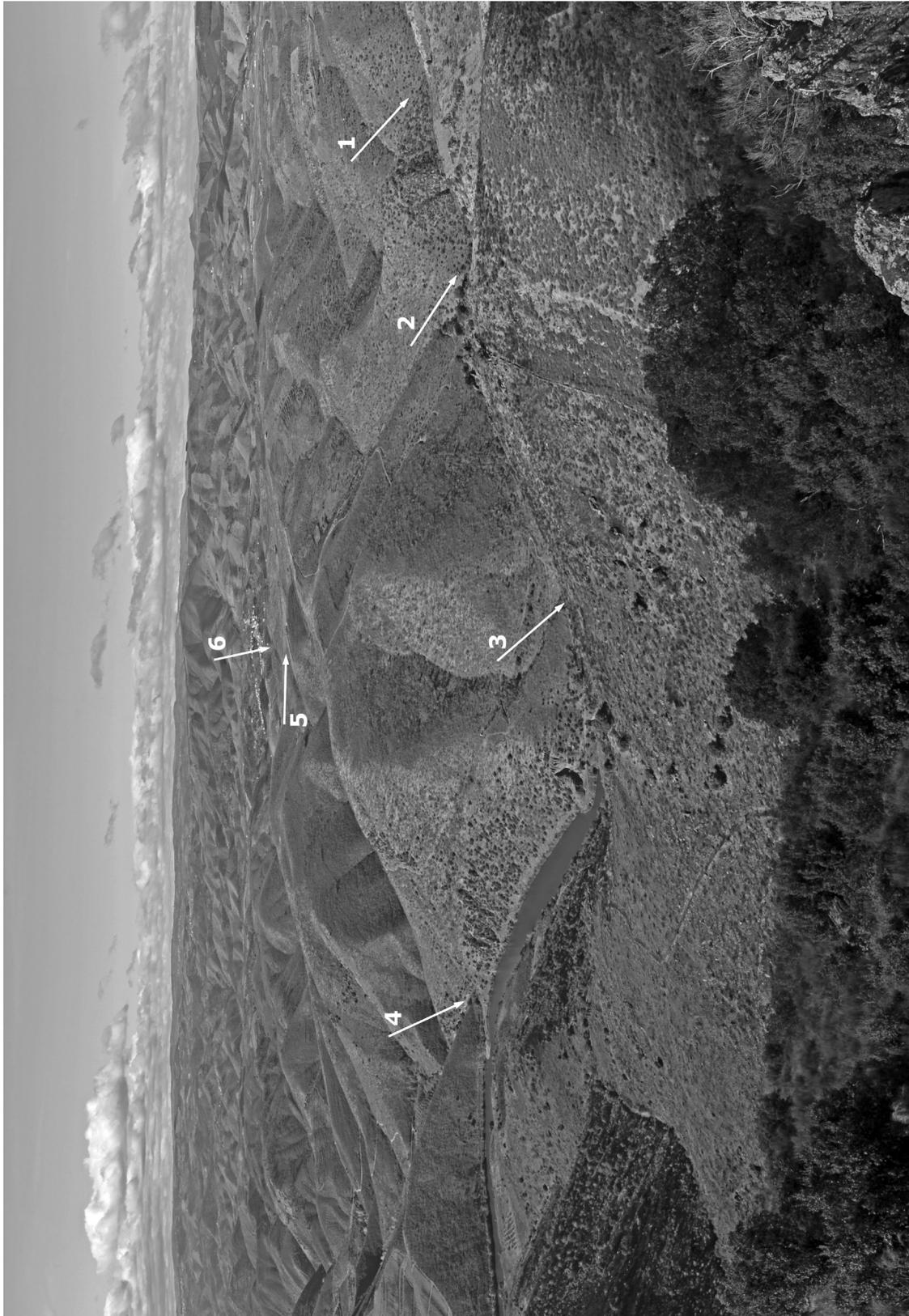


Fig. 11 – Continuação da sequência dos sítios rupestres, até ao vale da ribeira de Piscos: 1 – Vale de Videiro; 2 – Vale de Figueira; 3 – Fariseu; 4 – Ribeira de Piscos; 5 – Ninho d'Água; 6 – Ribeira da Cumieira. Fotografia tirada do alto do Monte São Gabriel.



Fig. 12 – O grupo final dos sítios rupestres antes do início dos terrenos graníticos, entre a ribeira de Piscos e a zona da Penascosa/Quinta da Barca: 1 – Ribeira de Piscos; 2 – Olgas de Ervamoira; 3 – Ribeira das Cortes; 4 – Quinta da Barca; 5 – Penascosa; 6 – Foz da Ribeirinha; 7 – Ribeira da Volta. Fotografia tirada do alto do Monte São Gabriel.



Fig. 13 – Em cima, vê-se a estrada que desce de Vila Nova de Foz Côa para o rio, primeiro ao longo de Vale de Moinhos, continuando depois pela encosta dos Moinhos de Cima, e cortando a foz do Vale do Forno antes de atravessar o rio pela ponte, no início da encosta da Foz do Côa. Na margem oposta aos Moinhos de Cima está a encosta da Broeira. Em baixo, vê-se em frente a Canada do Inferno, por baixo das pedreiras do Poio. Para a direita encontra-se o Rego da Vide, fortemente afectado pelas obras da barragem. Para a esquerda, vê-se o monte cónico do Teixugo, rodeado por Vale de Videiro por um lado e Vale de Figueira por outro, e tendo o Monte Fariseu por detrás.



Fig. 14 – Em cima, o sítio do Ervideiro, no Cõa granítico. A Faia encontra-se no prolongamento do rio para trás do penhasco. A seta indica o abrigo das Lapas Cabreiras. Em baixo, a encosta rochosa ao centro é o sítio do Alto da Cotovia. As rochas do sítio da Quinta da Moreirola encontram-se na margem oposta, por baixo do local onde é tirada a fotografia. O terraço fluvial à esquerda do Alto da Cotovia tem vestígios de ocupação paleolítica.

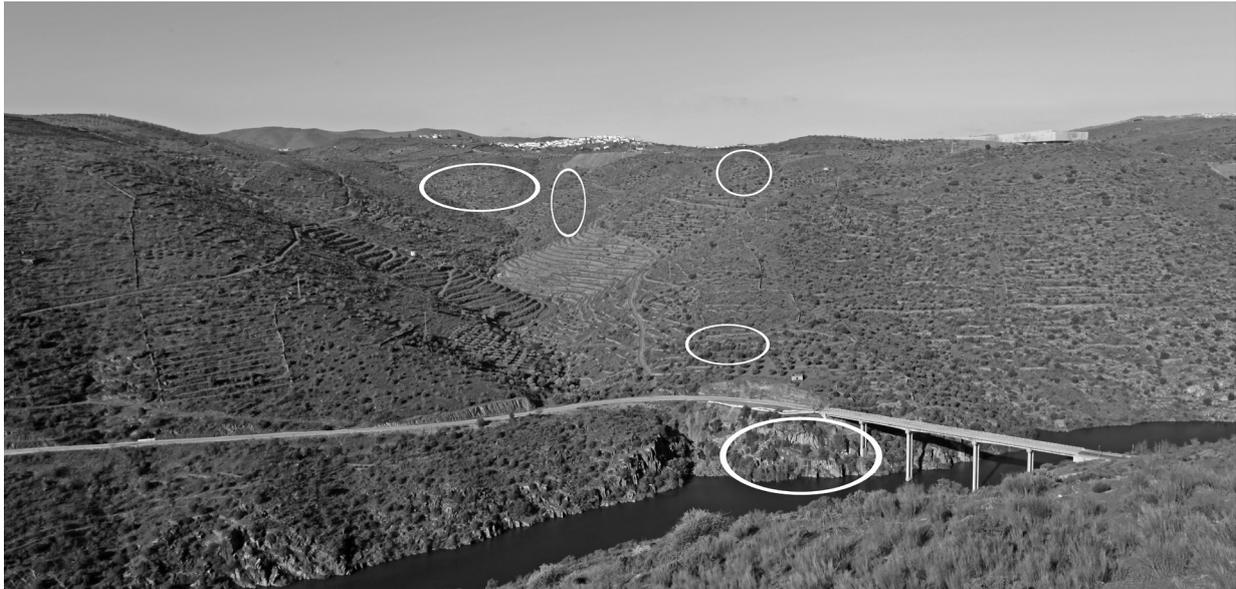


Fig. 15 – Em cima, as cinco áreas de distribuição de rochas gravadas no Vale do Forno. A principal é a superior, na cabeceira do vale, com mais de 50 rochas com gravuras do três períodos aqui representados: Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Época Moderna. À direita é bem visível o Museu do Côa, sobre a encosta da Foz do Côa. Aqui, as rochas gravadas distribuem-se desde quase a altura do Museu até ao rio. Em baixo, distribuição das rochas com gravuras e pinturas (do Paleolítico Superior e Pré-história Recente) dos sítios de Vale de Figueira (à esquerda) e de Vale de Videiro (à direita).



Fig. 16 – Em cima, distribuição das rochas gravadas na encosta da Penascosa. Em baixo, distribuição das rochas gravadas no sítio da Quinta da Barca. O ponto mais à esquerda assinala a casa da quinta, em cujas paredes internas se encontram variadas gravuras recentes. A seta assinala a última área de distribuição de gravuras a ser descoberta, na parte superior do sítio, com oito rochas, não directamente visíveis na imagem, e incluindo duas rochas com gravuras paleolíticas picotadas da fase mais antiga de gravação na região do Côa.